

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

STEFANY DE JESUS ROCHA

MÍDIAS E MOVIMENTOS SOCIAIS:
A (des) construção de narrativas em torno da ocupação *Mulheres Mirabal*

São Leopoldo
2020

STEFANY DE JESUS ROCHA

MÍDIAS E MOVIMENTOS SOCIAIS:

A (des) construção de narrativas em torno da ocupação *Mulheres Mirabal*

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção do título de Bacharel em
Jornalismo, pelo Curso de Jornalismo da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos -
UNISINOS

Orientadora: Profa. Dra. Ana Paula da Rosa

São Leopoldo

2020

Aos meus pais, por todo amor do mundo.

AGRADECIMENTOS

Tenho aprendido que compartilhar uma caminhada é a melhor forma de aproveitá-la. Durante os últimos cinco anos, me doeí aos estudos de uma profissão que, acredito veementemente, me dá poder para mudar o mundo através das palavras. Entre bons e maus momentos, repletos de dúvidas e incertezas, algumas pessoas foram imprescindíveis para que eu prosseguisse.

Aos meus pais, Margarete e Paulo, agradeço por tanto. Obrigada por terem me instigado a questionar o mundo e pelo incansável apoio para que eu pudesse transformar minhas indagações em histórias. A vocês, minha infinda gratidão, não apenas por me proporcionarem a realização de um sonho, mas principalmente pelo amor e amparo imensuráveis.

A Carolline, minha irmã, sou grata pelo genuíno companheirismo, pela proteção e pelas longas horas de conselhos acadêmicos. És a pesquisadora e cientista que me inspira.

Mãe, em especial, agradeço a ti. Ficavas tão preocupada em me ajudar, de qualquer forma que fosse, a concluir este trabalho. Obrigada por ter, até os últimos momentos em que estive por aqui, acreditado tanto em mim. Por todos os ensinamentos, conversas, conselhos e carinhos trocados. É uma enorme honra ter feito parte da tua vida, carrego em mim o gigantesco orgulho de ser tua filha.

Por isso, não posso deixar de agradecer novamente ao meu pai e a minha irmã. Não conseguiria ter concluído este trabalho se não pudesse ter contado com toda a força e amor que compartilhamos.

A Deus, por seguir me amparando. Aos meus demais familiares e aos meus amigos, agradeço o suporte e carinho descomunais dados em todos os âmbitos que perpassaram por entre essa andança. E, claro, agradeço a minha cadela e companheira Lupita, que tanto soube me escutar e me dar aconchego durante os quase 14 anos que estive ao meu lado.

A todos os professores que dividiram comigo seus conhecimentos, minha gigantesca gratidão. Em especial, meu muito obrigada as mulheres com quem tive a honra de aprender e hoje me inspiram como profissionais.

Muito obrigada, Ana Paula, por ser a melhor orientadora que eu poderia ter tido. Obrigada pela confiança, por não me deixar desanimar, pelo apoio e pelas prosas amigas. Em todas as formas que pude te conhecer, te admiro. Aprendi muito junto a ti. Sou imensamente agradecida por ter compartilhado essa história contigo.

Agradeço por todas as experiências profissionais pelas quais passei até o momento, por terem me proporcionado vivenciar a profissão mais de perto.

A todos que, até aqui, passaram pela minha vida, agradeço as trocas que me tornaram a pessoa que me trouxe a este momento.

A todas as mulheres que, de alguma forma, lutaram e lutam por todas nós: muito obrigada.

Por fim, agradeço ao jornalismo por seguir, diariamente, me despertando para as realidades do mundo.

“Se me matam, levantarei os braços do túmulo e serei mais forte”

Minerva Mirabal

RESUMO

A presente pesquisa se dispõe a analisar como são construídas as narrativas em torno da ocupação *Mulheres Mirabal* por parte do jornal *GaúchaZH*, e pelo *Sul21*. Com isso, quer-se saber: que elementos editoriais e de produção da mídia tradicional e da independente contribuem para que uma possível diferenciação no enquadramento jornalístico de narrativas ocorra e como se estabelece a disputa de sentidos sobre a ocupação e o jornalismo? Deste modo, foram analisados os conteúdos produzidos e publicados pela própria ocupação em suas redes sociais, bem como as reportagens produzidas pelos veículos jornalísticos anteriormente mencionados sobre a ocupação *Mulheres Mirabal*. Também se olhou para o conteúdo relacionado ao movimento que fora publicado por ambos os jornais em suas páginas no *Facebook*. Para observar a circulação discursiva e a disputa de sentidos entre os objetos e os atores sociais, foram analisados os comentários presentes em todo o conjunto de observáveis. Por fim, também foram realizadas entrevistas com pessoas inseridas no movimento social e também no veículo contra-hegemônico. Na discussão teórica que embasa a pesquisa, foram tratados assuntos referentes a sociedade midiaticizada, as práticas e essências do jornalismo, as diferenças discursivas entre a grande mídia e a mídia alternativa, os enquadramentos e reconhecimentos realizados pelos veículos de comunicação e a atuação dos atores sociais na disputa de sentidos. Destaca-se como achados da investigação as lógicas midiáticas e de experimentação adotadas pelo movimento, bem como um olhar diferenciado por parte do jornalismo para a ocupação em função da pauta social que carrega, isto é, a violência contra mulheres, rompendo com imaginários já estabelecidos.

Palavras-chave: Ocupação. Jornalismo. Circulação. Midiaticização. Reconhecimento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Notícia do portal G1 sobre a ocupação <i>Mulheres Mirabal</i>	21
Figura 2 – Primeira vez que a Mídia Ninja noticia a <i>Mirabal</i>	22
Figura 3 - Primeiras reportagem do Mídia Ninja sobre a <i>Mirabal</i>	22
Figura 4 – Primeira reportagem do jornal A Verdade sobre a <i>Mirabal</i>	23
Figura 5 - Site da deputada Fernanda Melchionna (PSOL) fala sobre a <i>Mirabal</i>	24
Figura 6 - Jornal Esquerda Diário noticia a <i>Mirabal</i>	24
Figura 7– Primeira postagem da <i>Mirabal</i> no <i>Facebook</i>	67
Figura 8 – <i>Post</i> do momento da ocupação do prédio.....	68
Figura 9 – Postagem de apresentação da ocupação <i>Mulheres Mirabal</i>	69
Figura 10 – Postagem da <i>Mirabal</i> solicitando doações	70
Figura 11 – Comentários de apoiadores sobre doações.....	70
Figura 12 – Legenda ironizando o fato da mídia tradicional ter noticiado a <i>Mirabal</i> ..	77
Figura 13 – <i>Mirabal</i> cita o <i>GaúchaZH</i> como sendo uma fonte confiável	78
Figura 14 – Reportagem do <i>Sul21</i> compartilhada pela <i>Mirabal</i>	79
Figura 15 – Reportagem do <i>GaúchaZH</i> compartilhada pela <i>Mirabal</i>	80
Figura 16 – Primeiro <i>post</i> do <i>Instagram</i> da <i>Mirabal</i>	81
Figura 17 – Perfil da <i>Mirabal</i> no <i>Instagram</i>	82
Figura 18 – Primeira reportagem sobre a <i>Mirabal</i> produzida pelo <i>GaúchaZH</i>	89
Figura 19 – Primeira reportagem sobre a <i>Mirabal</i> produzida pelo <i>Sul21</i>	90
Figura 20 – Capa do <i>Facebook</i> do <i>Sul21</i> mostra a <i>Mirabal</i>	105
Figura 21 – Capa do <i>Facebook</i> do <i>Sul21</i> com imagem relacionada a <i>Mirabal</i>	105
Figura 22 – Comentários contrários à Congregação dos Irmãos Salesianos.....	110
Figura 23 – Comentários com teor machista.....	111
Figura 24 – Comentário contra a ocupação <i>Mirabal</i>	112
Figura 25 – Grupo de atores sociais debatendo posicionamentos políticos.....	113
Figura 26 – Atores sociais relacionando a <i>Mirabal</i> com a defesa do aborto	114
Figura 27 – Atores sociais falando sobre <i>Mirabal</i> e aborto	115
Figura 28 – Comentário em reportagem sobre a <i>Mirabal</i> no <i>Facebook</i> do <i>Sul21</i> ...	117
Figura 29 - Comentário em vídeo publicado pelo <i>Facebook</i> da <i>Mirabal</i>	119
Figura 30 – Comentário questionando a legitimidade do movimento da <i>Mirabal</i>	120

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Fotografia 1 - Foto mais usada pelo *GaúchaZH* nas reportagens sobre a *Mirabal*.....86
- Fotografia 2 - Foto mais usada pelo Sul21 nas reportagens sobre a *Mirabal*.....87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Reportagens publicadas em maio de 2017.....	94
Quadro 2– Reportagens publicadas em maio de 2018.....	96
Quadro 3 – Reportagens publicadas em setembro de 2018.....	97
Quadro 4 – Reportagens publicadas em julho de 2018.....	99

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 DO OBJETO EMPÍRICO AO CASO DE OBSERVAÇÃO	18
2.1 Contextualização do objeto	18
2.1.1 Como o jornalismo viu a ocupação	20
2.2 O caso midiaticizado e o campo de observação	25
2.3 Inferências iniciais	26
3 PERSPECTIVAS TEÓRICAS	28
3.1 Jornalismo: entre a sociedade e o mercado	28
3.2 Jornalismo Hegemônico X Jornalismo Contra-Hegemônico	34
3.3 <i>News making</i> em uma sociedade midiaticizada	38
3.4 Midiaticização e movimentos sociais	42
3.4.1 O movimento feminista nas mídias e nas redes	45
3.5 Enquadramento X Reconhecimento	48
3.6 Circulação dos discursos midiáticos	51
4 PERCURSO METODOLÓGICO	54
4.1 Método	54
4.2 Tipo de Pesquisa	56
4.3 Técnica de coleta de dados	58
4.4 Tática de abordagem	61
4.5 Limitação de método	63
5 ANÁLISE DOS OBSERVÁVEIS	65
5.1 O início da ocupação	65
5.1.1. Quem são as <i>Mirabal</i> – nas redes	67
5.1.2 O jornalismo constrói o acontecimento ocupação	83
5.1.3 Os atores sociais agenciam os fluxos	106
5.2 A ocupação resiste	121
5.2.1 A <i>Mirabal</i> na midiaticização	121
5.2.2. O jornalismo retroalimenta ou apaga	124
5.3 – Análise transversal: a disputa da construção de narrativas	128
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	131

REFERÊNCIAS.....	133
APÊNDICE A – TABULAÇÃO DE DADOS.....	144
APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS	153

1 INTRODUÇÃO

Com o intuito de entender de que formas são construídas as narrativas presentes nas matérias sobre a ocupação *Mulheres Mirabal* nos jornais *Sul21* e *GaúchaZH*, esta pesquisa se propõe a analisar o modo como tais acontecimentos são enquadrados midiaticamente. Para isto, são estudadas as reportagens publicadas nos portais digitais de cada um destes veículos comunicacionais, bem como o conteúdo publicado nas redes sociais da ocupação *Mulheres Mirabal*, desde o início da ocupação até os acontecimentos mais recentes.

A ocupação *Mulheres Mirabal*¹ ocorreu em 25 de novembro de 2016 em um prédio desocupado no Centro de Porto Alegre pela iniciativa do Movimento de Mulheres Olga Benário. O objetivo da ocupação foi abrigar temporariamente mulheres vítimas de violência doméstica e dar o suporte necessário a elas.

O prédio ocupado pertencia à Congregação Salesiana, mas estava sem nenhum tipo de atividade havia três anos, antes da ocupação ser realizada. Quase dois anos após o terem ocupado, sob ameaça de reintegração de posse, o grupo de mulheres ocupou um prédio municipal. Além do espaço em que agora se encontra a ocupação ser bem menor do que o anterior, logo após sua mudança a prefeitura emitiu um pedido de reintegração de posse, que logo fora suspenso. No entanto, atualmente elas passam por tal processo novamente.

Noticiada em vários veículos midiáticos pelo país, a ocupação também foi pautada pelos jornais gaúchos *GaúchaZH* e *Sul21*. Observando o acompanhamento sobre o caso realizado por estas duas mídias relevantes no cenário regional, a pesquisa parte do pressuposto de que possa haver diferenciação no modo como foi tratado o assunto em cada uma delas, levando em conta seu público e sua visão editorial.

O *GaúchaZH* é a versão digital do jornal *Zero Hora* e da rádio *Gaúcha*, veículos pertencentes ao Grupo Empresarial Rede Brasil Sul de Comunicações (RBS). Além

¹ CANOFRE, Fernanda. Ocupação Mirabal: Como funciona uma ocupação de mulheres para mulheres. In: SUL21, Porto Alegre, 2017. Disponível em: < <https://www.sul21.com.br/areazero/2017/01/ocupacao-mirabal-como-funciona-uma-ocupacao-de-mulheres-para-mulheres/> >. Acesso em: 23 mar. 2019.

de ter forte presença no cenário jornalístico brasileiro², entre os jornais gaúchos é o comumente o mais reconhecido no Estado, o que, pressupõe-se, pode acarretar um maior controle sobre a formação da opinião pública dos gaúchos. Já o *Sul21*, por sua vez, possui uma visão que serve de contraponto à da mídia tradicional que o *GaúchaZH* apresenta. O jornal independente, criado em Porto Alegre em 2010, apresenta menor alcance de público. Porém, este costuma ser composto, em sua maioria, por pessoas com posição política mais à esquerda³. Apesar de não possuir tanto público e reconhecimento quanto o *GaúchaZH*, dentro do espaço para o qual o jornal é mais voltado, é um dos mais conhecidos e possui credibilidade. O veículo digital busca debater temas relevantes com uma abordagem crítica.

O interesse pelo tema surgiu ao observar nas leituras do dia a dia as diferenciações nos discursos presentes em jornais tradicionais e jornais alternativos, despertando a curiosidade de analisar de que forma estas diferenças constroem pautas, narrativas e enquadramento sobre um mesmo acontecimento. Partindo de um princípio em que a função social do jornalismo na sociedade é levar até as pessoas informações sobre o que está acontecendo, dando voz a quem não costuma ser ouvido dentro de sua comunidade, outro ponto de interesse da pesquisa partiu por sentir falta deste tipo de posicionamento nos principais jornais de grande circulação.

Tal discurso, ao contrário, é visto com maior facilidade nos jornais independentes, que costuma sobreviver a partir de financiamentos coletivos⁴, o que faz com que possam explorar mais assuntos e visões em acordo com uma visão social ampla. Já as mídias tradicionais, normalmente controladas por grandes grupos de comunicação, muitas vezes necessitam moldar seu discurso para atender aos interesses de algum parceiro.

Desde a criação da internet e com a expansão das mídias sociais digitais, os meios independentes estão se tornando cada vez mais numerosos. Apesar disto, os veículos tradicionais ainda atingem um maior número de leitores. A população, em

² TIRAGEM impressa dos maiores jornais perde 520 mil exemplares em 3 anos. *In*: PODER 360, [s.l.], 2018. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/tiragem-impressa-dos-maiores-jornais-perde-520-mil-exemplares-em-3-anos/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

³ Informação obtida através da entrevista com o repórter do Sul21 Luís Eduardo Tebaldi Gomes.

⁴ RAMIRÉS, Manoel. Sem financiamento, mídia independente sobrevive de iniciativa de jornalistas. *In*: TERRA Sem Males, [s.l.], 2016. Disponível em: <<https://www.terrasemmalas.com.br/sem-financiamento-midia-independente-sobrevive-de-iniciativa-de-jornalistas/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

geral, se informa por estes meios por serem mais conhecidos e, por tanto, aparentarem ter uma maior credibilidade. É relevante analisar a importância que a mídia hegemônica possui na construção da interpretação de parte da sociedade sobre a significação dos acontecimentos, dado a sua circulação entre as massas.

Uma vez que os veículos comunicacionais escolhidos para observação das reportagens que retratam a ocupação observada possuem posições ideológicas e de produção diferentes, ambos com relevância no cenário jornalístico gaúcho, a intenção da pesquisa é analisar pontos de semelhança e de diferenciação na condução das narrativas. Busca-se entender o modo como a ocupação é abordada e como suas narrativas são construídas em tais jornais, tentando compreender o que contribui para estas diferenças.

No entanto, para além de sua divulgação pelos meios jornalísticos, a própria casa de referência *Mulheres Mirabal* possui canais de comunicação nas redes sociais pelos quais busca informar o que se passa na ocupação. Utilizando-se dos espaços digitais do *Instagram* e do *Facebook*, as responsáveis pelo movimento os abastecem publicando regularmente sobre seus projetos, suas necessidades e até mesmo sobre o andamento dos processos jurídicos que envolvem a ocupação.

Por isso, é importante se ater ao fato de que as informações sobre a ocupação *Mulheres Mirabal* não chegam até a sociedade apenas através dos meios jornalísticos, mas também circulam pelos canais oficiais do movimento. No entanto, apesar da comunicação interna do movimento ser, por suposto, a mais alinhada com que é a ocupação e aos seus fatos, sabemos que os meios jornalísticos, como o *GaúchaZH* e o *Sul21*, possuem maior alcance.

Sabendo, então, que as informações em torno da ocupação *Mulheres Mirabal* podem vir tanto por seus meios de comunicação oficiais quanto por meios de comunicação jornalísticos, torna-se necessário observar as formas como esses conteúdos - dos meios oficiais e dos jornalísticos - são produzidos, buscando entender também estas diferenciações em termos de produção de sentidos.

Atendo-se ao fato de que as discussões a serem observadas se passam no meio digital, faz-se importante ver o modo como elas circulam entre os leitores que as acessam. Como já expressei, em geral, os veículos comunicacionais tradicionais costumam ser os que ganham maior alcance e, provavelmente, seu público é mais

diverso em questões ideológicas. Quanto aos veículos alternativos, seu público, em geral, tende a ser mais próximo do posicionamento ideológico do jornal. Já os canais de comunicação da própria ocupação, é, normalmente, mais acessado por quem já tem certo conhecimento e interesse sobre o movimento.

De tal forma, mostrou-se importante observar como estes diferentes públicos reagem às notícias do veículo em que leram, fazendo assim com que se possa observar se o modo como o leitor lida com a matéria corresponde ao enquadramento midiático adotado pelo respectivo meio de comunicação.

Para tanto, a questão problema que guia este projeto de pesquisa é: De que maneira os veículos *GaúchaZH* e *Sul21* ofertaram aos seus leitores a narrativa sobre a ocupação *Mulheres Mirabal*? Que elementos editoriais e de produção da mídia tradicional e da independente contribuem para que esta possível diferenciação no enquadramento jornalístico de narrativas ocorra? Como se estabelece a disputa de sentidos entre a ocupação *Mirabal* e o jornalismo?

Assim, a partir do que foi exposto, o objetivo geral da pesquisa é compreender, na perspectiva do enquadramento midiático, de que forma a ocupação *Mulheres Mirabal* foi noticiada pelos jornais *Sul21* e *GaúchaZH*, e confrontá-la com a forma que os canais oficiais da ocupação *Mulheres Mirabal* o fizeram. Já os objetivos específicos são: mapear as notícias publicadas nos veículos sobre a ocupação; mapear os conteúdos publicados pela ocupação *Mulheres Mirabal* em suas redes sociais; analisar as diferenças e semelhanças entre o enquadramento midiático nas narrativas sobre a ocupação nos dois jornais; comparar os enquadramentos midiáticos nas informações divulgadas pelos jornais com os enquadramentos midiáticos nas informações divulgadas pelo próprio movimento; problematizar os interesses dos jornais diante da maneira de narrar a ocupação; e compreender e rastrear a circulação das narrativas e dos sentidos por elas produzidos.

Deste modo, o presente trabalho está estruturado da seguinte forma: após a introdução, o segundo capítulo trata de apresentar o caso a ser observado e expor inferências iniciais da autora sobre a temática. Já no terceiro capítulo, a pesquisa traz a discussão teórica e revisão bibliográfica, baseadas em conceitos que à frente irão permitir realizar uma análise dos observáveis de modo mais incisivo. No capítulo quatro são expostos os métodos dos quais a pesquisa fez uso para analisar os

objetos. Assim, no capítulo cinco, está exposta a análise dos observáveis tanto a partir do jornalismo, como dos meios da própria ocupação como dos comentários dos atores sociais nas redes. Destaca-se ainda, entrevista realizada com coordenadora da Mirabal e com o jornalista do Sul21 que realizou reportagens sobre a ocupação. Fechando o tópico, está a análise transversal do que fora observado durante o decorrer da pesquisa. Por fim, o capítulo seis expõe as considerações finais sobre o que fora estudado.

2 DO OBJETO EMPÍRICO AO CASO DE OBSERVAÇÃO

2.1 Contextualização do objeto

Com o objetivo de servir como um espaço de acolhimento para mulheres que estão sendo vítimas de violência ou que se sentem ameaçadas, a ocupação *Mulheres Mirabal* teve início com um grupo de cem mulheres que se instalaram em um imóvel no Centro de Porto Alegre, na Rua Duque de Caxias, nº 380, no dia 25 de novembro de 2016. O local é uma propriedade privada, pertencente à Inspetoria Salesiana Pio X, onde durante cerca de vinte anos funcionou o Lar Dom Bosco. O prédio que atendia crianças de rua em situação de vulnerabilidade, foi desativado e ficou inativo em 2013, por conta das reformas estruturais que o prédio necessitava.

A necessidade da existência de uma casa que apoiasse mulheres vítimas de violência doméstica ou em situação de vulnerabilidade partiu da observação da falta de políticas públicas voltadas a esse grupo. Na capital gaúcha, o governo oferece vagas para abrigo apenas para pessoas que estão sob ameaça de morte, segundo a Secretária de Desenvolvimento Pessoal do Estado, e a questão burocrática acaba dificultando e demorando a resolução dos casos. Com isso, a ideia da ocupação era ser um lugar de acolhimento de fácil acesso.

A ocupação no antigo prédio do Lar Dom Bosco contava com vaga para sessenta mulheres. A passagem delas pela casa é rotatória, sem tempo limite de permanência. Dependendo do caso, algumas ficam na casa por vários dias, e ainda há as que permaneçam por apenas um turno. Ao chegar na ocupação em busca de abrigo, as mulheres preenchem uma ficha e, se necessário, são encaminhadas para obterem atendimento médico, psicológico, social e orientação jurídica. Na própria casa também há a presença de uma rede de mulheres que proporciona o devido apoio e tratamento para cada caso, contando com assistentes sociais, psicólogas, profissionais da área da saúde e educadoras sociais. Ainda, é permitido que as mulheres que procurem a casa, levem com elas seus filhos, animais e pertences pessoais que desejarem.

Para manter o centro de referência para mulheres em situação de violência em funcionamento, as organizadoras da ocupação costumam fortalecer nas redes sociais o pedido de doações. Sem ser financiada por nenhuma pessoa ou instituição, as

doações solicitadas são desde produtos de limpeza e higiene pessoal, até roupas e alimentos. Além disto, a casa incentiva que as mulheres produzam para receberem uma renda própria. Assim, quem se abriga na casa produz artesanatos e comidas que são vendidas, inclusive em eventos organizados pela *Mirabal*. Parte do dinheiro arrecadado fica com a casa para ajudar na sua manutenção, e a outra parte permanece com as mulheres que produziram.

A ocupação foi procurada por mulheres em situação de vulnerabilidade desde sua primeira semana de funcionamento. Até mesmo mulheres que buscavam ajuda na Delegacia da Mulher de Porto Alegre eram encaminhadas para a *Mirabal*. Em cerca de um mês e meio, aproximadamente 300 mulheres já haviam passado pela casa. Dentro delas, observa-se que a maioria eram negras e com mais de 25 anos.

Assim, em setembro de 2017 foi criado um grupo de trabalho composto por representantes do governo do Estado, da Prefeitura de Porto Alegre, do Ministério Público (MP) e da Defensoria Pública (DP). As reuniões tinham o objetivo de auxiliar a *Mirabal* na regularização da ocupação como uma casa de acolhimento a mulheres, e na busca por um imóvel que pudesse ser destinado ao movimento e que atendesse suas necessidades.

Desde a ocupação do prédio, a Inspeção Salesiana Pio X entrou com um processo para pedir a reintegração de posse do prédio. Sempre que o pedido era suspenso, eles entravam com uma nova solicitação. Até que em junho de 2018, com receio de que o mandato para reintegração de posse fosse expedido, as mulheres da ocupação resolveram aceitar o fechamento de um acordo com o grupo de trabalho que as acompanhava. Neste, o Estado e o município de Porto Alegre acordavam que cederiam ao movimento o espaço de uma escola estadual desativada, onde poderiam continuar com o trabalho sem que corressem risco de serem de lá retiradas.

No entanto, após entregarem aos órgãos públicos um documento oficializando o aceite do prédio, a Prefeitura voltou atrás negando o pedido e disse não estar mais oferecendo-o a elas. Deste modo, com medo de ficarem sem um local para continuarem seus serviços, no dia 07 de setembro de 2018 a ocupação deixou o prédio no Centro de Porto Alegre e ocupou o prédio onde havia existido a Escola Benjamin Constant, localizada na Zona Norte da capital. Assim, logo nos quatro primeiros dias desta segunda ocupação, a Procuradoria-Geral do Município (PGM)

entrou com um pedido que solicitava a posse do prédio, o qual foi suspenso dias depois. Atualmente, a *Mirabal* se encontra com um pedido de reintegração de posse ativo.

A ocupação foi organizada pelo Movimento de Mulheres Olga Benário do Rio Grande do Sul⁵. O movimento, que existe no país inteiro, é criado e organizado por mulheres e busca levantar bandeiras em prol da causa feminista. Seu nome é uma homenagem à militante comunista alemã que enquanto vivia no Brasil sob o período ditatorial, acabara sendo deportada de volta para a Alemanha, que vivia seu período de nazismo.

Propositamente, a data da ocupação coincidiu com o aniversário de morte das Irmãs Mirabal. As três dominicanas eram ativistas políticas e foram assassinadas no ano de 1960 por se manifestarem contra o governo sob o qual viviam. Com isso, após sua morte, a Organização das Nações Unidas – ONU tornou a data o Dia Internacional de Combate à Violência Contra as Mulheres. Assim, o nome escolhido pelas componentes do Movimento Olga Benário que organizaram a ocupação, busca homenagear as irmãs que se tornaram símbolo da luta feminina.

2.1.1 Como o jornalismo viu a ocupação

Ao fazer uma breve pesquisa na internet procurando entender o que inicialmente saiu sobre a ocupação *Mulheres Mirabal* nos veículos jornalísticos, pode-se perceber que durante os primeiros dias do movimento, o caso não teve grande repercussão na mídia. Entre os primeiros veículos jornalísticos a noticiarem o acontecido, com exceção de um, todos eram gaúchos. Fora destes, mesmo após algum tempo passado de seu início, o único jornal digital de maior alcance fora do Rio Grande do Sul que trouxe notícias sobre a *Mirabal* foi o site *G1*, um dos mais relevantes representantes da grande mídia brasileira.

Ainda assim, a primeira notícia que tratava sobre a ocupação e que foi divulgada pelo *G1* é datada de 10 de julho de 2018, cerca de um ano e meio após a ocupação ter sido iniciada. Essa matéria do portal, assim como as outras cinco que

⁵ Fonte: <<http://movimentodemulheresolgabenario.blogspot.com/p/quem-somos.html>>. Acesso em: 20 abr. 2019

foram realizadas, falava sobre a movimentação em torno da reintegração de posse que havia sido determinada pela Justiça. Vale ainda ressaltar que, apesar de o portal ter uma abordagem nacional, algumas notícias entram em setores separados por estados, o que acontece com as reportagens da ocupação.

Figura 1 - Notícia do portal G1 sobre a ocupação *Mulheres Mirabal*



Fonte: *print screen* G1/Site

O grupo *Mídia Ninja*, que busca a produção de um material independente e que também não tem como tema central assuntos relacionados ao Rio Grande do Sul, trouxe, alguns dias após a ocupação ser realizada, informações sobre ela. Como o veículo não tem como foco a produção de reportagens, em um primeiro momento a ocupação foi retratada no *Twitter* da rede de comunicação.

Figura 2 – Primeira vez que a Mídia Ninja noticia a *Mirabal*



04:30 - 30 de nov de 2016

Fonte: *print screen* Mídia Ninja/Twitter

Pouco tempo antes da época em que o site *G1* começou a fazer postagens sobre a *Mirabal*, o *Mídia Ninja* também produziu uma matéria falando sobre os riscos de reintegração de posse que a ocupação sofria. Em uma reportagem longa, apontou do que se tratava a ocupação, contando com depoimento das mulheres que estavam lá dentro e com um amplo conteúdo fotográfico. Desde então, observa-se que o grupo se tornou próximo ao movimento e passou a pautá-las com regularidade.

Figura 3 - Primeira reportagem do Mídia Ninja sobre a *Mirabal*



Fonte: *print screen* Mídia Ninja/Site

Fora do estado, estas foram as únicas mídias de maior relevância onde a ocupação foi noticiada em mais de um momento. Já, ao olhar para a mídia gaúcha, a ocupação, apesar de ter sido notícia desde seu início, também não teve grande destaque em seus primeiros passos. Embora a *Mirabal* ainda não possua um tratamento de grande ênfase, alguns veículos têm um maior acompanhamento sobre o que acontece na ocupação.

Dentre os jornais gaúchos que noticiaram uma ou mais vezes a *Mirabal*, os veículos da mídia hegemônica *GaúchaZH*, *Correio do Povo* e *Jornal do Comércio* se mostraram relevantes em suas abordagens sobre o movimento. Já, por parte dos veículos alternativos, viu-se que a ocupação ganhou atenção em tais: *Sul21*, *Extra Classe*, *A Verdade* e *Jornal Já*. Destes últimos, percebe-se que a proximidade ideológica e política fez com que noticiassem a *Mirabal* de forma mais regular

O veículo jornalístico *A Verdade*, criado justamente por movimentos sociais, noticiou a ocupação desde seu primeiro dia. O jornal de esquerda apesar de não estar entre os mais populares do país, é de âmbito nacional, mas possui segmentos para cada estado.

Figura 4 – Primeira reportagem do jornal A Verdade sobre a *Mirabal*

The image shows a screenshot of the website for the newspaper 'A Verdade'. The main article is titled 'Nasce em Porto Alegre a Ocupação Mulheres Mirabal' and is dated 25 de novembro de 2016. The article text discusses the First Latin American and Caribbean Feminist Meeting in Bogotá, 1981, and the historical significance of November 25th as the International Day for the Elimination of Violence Against Women. It also mentions the assassination of the Mirabal sisters in 1960. The website layout includes a navigation bar at the top, a search bar, and a sidebar with 'Últimas Notícias' (Latest News) featuring various headlines like 'Monumento à Stálin é erguido em Novosibirsk' and 'Operário morre soterrado em Mogi das Cruzes, São Paulo'.

Fonte: *print screen* A Verdade/Site

Ao pesquisar o nome da ocupação no navegador da internet, são geradas sete páginas de resultados. Além dos veículos jornalísticos, os resultados levam para notícias em *blogs* de cunho não jornalístico, como de políticos e partidos. É possível

perceber também uma presença significativa de notas sobre a ocupação em diferentes jornais de menor popularidade e circulação.

Figura 5 - Site da deputada Fernanda Melchionna (PSOL) fala sobre a *Mirabal*



Fonte: *print screen* Fernanda Melchionna/Site

Figura 6 - Jornal Esquerda Diário noticia a *Mirabal*



Fonte: *print screen* Esquerda Diário/Site

Levando em consideração essa observação, é válido ressaltar que a ocupação *Mulheres Mirabal* parece ser retratada mais vezes por mídias que se apresentam com propostas de conteúdo relacionadas a um viés político de esquerda. Aparentemente, isto se dá pelo fato de as notícias narrarem um movimento social, pauta defendida por este lado político, e não por alguma ligação com a *Mirabal* especialmente.

De forma geral, o jornalismo parece estar acompanhando a ocupação *Mulheres Mirabal* de um ângulo mais afastado. As matérias de grande parte dos jornais, a

noticiam apenas quando há um movimento ou declaração da Justiça em relação à ocupação. Poucos são os veículos que se dispuseram a fazer uma cobertura mais abrangente sobre o que é a *Mirabal* e, ainda assim, as que o fazem, não se mostram presentes em todos os episódios que envolvem a ocupação. Um exemplo é a Audiência Pública do dia 8 de maio de 2019 que não foi noticiada por nenhum dos veículos que vinham mantendo-se mais atualizados sobre a movimentação, que acabou sendo noticiada basicamente pela divulgação de políticos que defendem o caso.

Em alguns veículos voltados para o debate da esquerda política, a narrativa se mostrou defendendo a ocupação de forma clara, como notas de apoio e também discursos que exaltavam a “força” da *Mirabal*. Nos veículos representantes da mídia hegemônica, em sua maioria observada, o discurso mais discreto não deixava parecer nem defesa, nem acusação sobre a ocupação, resumindo-se em explicá-la e informar sobre os desdobramentos. A ocupação também aparece sendo citada em algumas ocasiões em matérias que falam sobre violência contra mulheres e assuntos relacionados.

2.2 O caso midiaticizado e o campo de observação

A partir das hipóteses levantadas sobre como é distinto o modo como a ocupação *Mulheres Mirabal* é enquadrada midiaticamente em veículos comunicacionais que apresentam propostas diferentes em suas ideologias, mostra-se necessário observar o modo como cada uma dessas mídias faz para construir as narrativas e colocar em circulação os sentidos sobre a ocupação. Portanto, para entender como se dá esse processo, desde as escolhas por parte dos veículos sobre o que irá ser noticiado, até as palavras e fontes escolhidas para utilizar, o trabalho conta com um *corpus* formado por notícias referentes a ocupação *Mulheres Mirabal* que saíram no *GaúchaZH* e no *Sul21* desde o momento em que o movimento foi iniciado - 25 de novembro de 2016 -, até o momento atual – 25 maio de 2020.

Observar todos esses textos faz com que possa ser melhor compreendido também o modo como se dá a circulação de tais notícias na rede. Entendendo o comportamento do jornal frente ao acontecimento da ocupação e frente a sua própria ideologia, ler atentamente aos comentários deixados nestas publicações permite que

seja analisada a forma como os atores sociais, público em geral, leva adiante os enquadramentos e sentidos propostos, e como ele se apropria e produz novos circuitos a partir disso. Nesse sentido, é possível identificar marcas de construções simbólicas.

A existência de canais – nesse caso, *Facebook* e *Instagram* – onde o objeto em questão - a ocupação *Mulheres Mirabal* - tem domínio e os usa para criar conteúdos informativos sobre o movimento e compartilhar o que lhe é de interesse, abre para o fato de que há informações de dentro do movimento sendo divulgadas, que podem indicar um modo de resposta à mídia. De tal forma, a observação destes meios de comunicação próprios do objeto, mostram, de fato, o que o movimento vem fazendo e seus reais objetivos.

Foi, portanto, na busca de compreender os movimentos de enquadramento midiático e as elaborações narrativas sobre a ocupação, que o caso de pesquisa aqui configurado é visto como um quadro midiaticizado. Isto porque ele não cessa na observação de um veículo ou na constituição de um “case”, aqui nosso olhar se volta para um processo midiaticizado que se expande para além do tempo de ocorrência do acontecimento, com inúmeros desdobramentos e disputas de sentido.

Assim, faz-se indispensável analisar as notícias dos veículos de comunicação (tradicional e alternativo), analisar o conteúdo produzido e compartilhado pela própria ocupação *Mulheres Mirabal*, entrevistar jornalistas e representantes destes meios comunicacionais em questão e acompanhar o modo como os leitores reagem ao que é disparado. Ou seja, neste conjunto desenhamos um circuito que parte do jornalismo hegemônico e alternativo, observando o fazer das mulheres *Mirabal* como sujeitos comunicantes em suas redes e verificando manifestações de atores sociais que dão conta de como este conjunto de atores efetivamente agem sobre a produção de sentido.

2.3 Inferências iniciais

Percebendo como o caso vem sendo tratado, desde seu início até os últimos movimentos, é perceptível que, apesar de não ter se mostrado como um caso de destaque, de modo geral, a ocupação foi e é mais noticiada por veículos independentes do que pela grande mídia. Assim, o trabalho pretende analisar uma

mídia independente e uma mídia hegemônica, pressupondo - através de uma breve avaliação sobre o conteúdo da narrativa e sobre a frequência de produção de notícias abordando o caso - que o veículo noticioso alternativo produz um conteúdo que, mesmo que de forma sutil, mostra-se mais favorável e em defesa da ocupação do que o veículo hegemônico.

Já a grande mídia, ainda no mesmo sentido desta primeira suposição, trata a ocupação de modo mais afastado, contendo-se em explicá-la e noticiá-la apenas quando há alguma novidade no caso, normalmente vinda por parte dos confrontos da ocupação com a Justiça. Em alguns momentos, as formas narrativas presentes no conteúdo por esta mídia produzida, mostram-se mais contrárias o movimento.

Na pesquisa, além de parecer levemente perceptível uma diferente forma no modo como os jornais de diferentes vieses políticos e econômicos podem moldar seu discurso para reforçar e favorecer ou não o que “pensam” da ocupação, nota-se um movimento também distinto quanto ao modo como o público de cada veículo reage às notícias. Neste quesito, na interação das notícias no jornal alternativo foi observado poucos comentários, sendo que os existentes sempre traziam uma mensagem de apoio à ocupação, sem críticas aos textos.

Diferentemente, na interação dos atores sociais com as publicações do jornal de grande mídia, os comentários se mostraram mais frequentes e sendo realizados tanto em apoio à ocupação quanto em desaprovação. Entre os comentários que se mostravam contrários a *Mirabal*, a crítica à mídia que postava o conteúdo também aparecia. Considerando estes apontamentos previamente observados, a pesquisa indica que os comentários sejam diretamente associados com o que a mídia se propõe entregar.

3 PERSPECTIVAS TEÓRICAS

3.1 Jornalismo: entre a sociedade e o mercado

São variadas as designações dadas ao jornalismo, em grande parte, devido às oportunidades distintas que o jornalista encontra na forma de executar o que lhe cabe como funções. Atualmente, principalmente, os vastos caminhos que o mercado oferece para estes profissionais fazem com que o conceito de sua essência fique ainda mais difuso.

Em meio a essa diversidade, o papel e o significado do trabalho jornalístico também acabam por não se limitarem, fazendo com que os deveres e o objetivo do serviço não sejam tão óbvios. Para Denis Ruellan (1993 *apud* PEREIRA, F., 2004), que se referiu ao jornalismo como uma “profissão de fronteira”, expressando seu sentido móvel, o termo francês *flo*, que remete a falta de nitidez, era usado para caracterizar jornalistas, uma vez que evidenciava a flexibilidade nas formas de definir a profissão. Segundo ele:

Fundamentalmente o jornalista não é uma profissão fechada, de fronteiras estabelecidas (...) ele se move dentro de um espaço de limites fluidos, de práticas híbridas, às margens áreas vizinhas que lhe transferem algumas práticas e concepções, e recebem dele em troca (RUELLAN, 1997, p.124 *apud* PEREIRA, F., 2004, p. 2)

Apesar de tal fluidez, o trabalho jornalístico como mensageiro é o que mais tipifica a profissão. Noticiar, informar, cobrir e denunciar se destacam como sendo algumas das funções que partem da essência do fazer o ofício em sua singularidade, mesmo sem que esteja vinculado a uma mídia e fora da indústria.

Ainda que, conforme o observado, a função jornalística em si seja moldada, tanto por quem a observa quanto por suas próprias práticas, Bil Kovach e Tom Rosenstiel (2003) elaboraram uma lista com os principais compromissos aos quais o jornalismo e os jornalistas deveriam ter como fundamentos da profissão e aos quais deveriam permanecer seguindo-os como base para a realização de seu trabalho:

1. A primeira obrigação do jornalismo é a verdade. 2. Sua primeira lealdade é com os cidadãos. 3. Sua essência é a disciplina da verificação. 4. Seus profissionais devem ser independentes dos acontecimentos e das pessoas sobre as que informam. 5. Deve servir como um vigilante independente do

poder. 6. Deve outorgar um lugar de respeito às críticas públicas e ao compromisso. 7. Tem de se esforçar para transformar o importante em algo interessante e oportuno. 8. Deve acompanhar as notícias tanto de forma exaustiva como proporcionada. 9. Seus profissionais devem ter direito de exercer o que lhes diz a consciência (KOVACH; ROSENSTIEL, 2003, p. 22).

Dessa forma, comumente, a relação de responsabilidade da profissão para com a sociedade parece ser um dos pontos mais fortemente considerado. A visão de um jornalismo que denuncia o que está errado em defesa dos direitos do povo, comprometido apenas com os cidadãos e o interesse público, faz parte de um ponto de vista que, por vezes, acaba por ser romantizado (PEREIRA, F., 2004).

‘Cães de guarda da sociedade’, ‘princípio da responsabilidade social’, ‘imprensa como quarto poder’. Todas essas expressões estão ligadas ao ideário romântico do jornalismo. De acordo com essas concepções, o jornalista teria um status diferenciado das demais profissões. Ele estaria, por princípio, comprometido com a sociedade – que lhe delega o poder de fiscalizar as instituições em seu nome – e com os valores democráticos. (PEREIRA, F., 2004, p.4).

Essas definições que se referem ao jornalismo como sendo uma profissão, de certo modo, política e social em seu caráter, tornaram-se populares pelo público, que, por sua vez, espera que seu trabalho seja relevante a sociedade, servindo-a e representando-a ao expor publicamente o que se passa onde ela não pode estar. Como profissionais atuantes na sociedade, a relação entre ambos, jornalistas e cidadãos, passou a se tornar, de certo modo, de proximidade, onde os profissionais assumiam o papel de ‘vigias’.

Voltamos nossos sentidos aos meios de comunicação como se estes funcionassem como extensão de nossos próprios corpos. As lentes das câmeras são nossos olhos a distância; os microfones e gravadores, nossos ouvidos; tomamos como referências pessoais as impressões olfativas, tácteis e do paladar, captadas pelos repórteres. Enfim, acreditamos nos homens e mulheres que se dedicam a apurar os fatos e traduzi-los à sociedade, e confiamos no aparato tecnológico que dá suporte a esta atividade. Consciente ou inconscientemente, firmamos um pacto de confiança com a mídia, porque acreditamos que o jornalismo é uma forma de narrativa do presente que tem correspondência com o que entendemos por realidade (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 28).

Nesta mesma ótica, segundo Neveu (2006), a função do jornalista nas sociedades democráticas seria semelhante à de um educador, tendo a

responsabilidade de levar ao povo informações sobre o que de fato está ocorrendo, em variadas temáticas.

Muitos jornalistas vivem seu trabalho como uma missão de serviço à população, a quem eles levam informações úteis. Ser jornalista é ser o “mediador” que deixa visível a vida social, “pedagogo” e o “organizador” que põe clareza no caos dos acontecimentos (NEVEU, 2006, p. 65).

A compreensão do jornalismo como tal, o coloca em uma posição de credibilidade frente a sociedade, que passa a valorizar e colocar como verdade os fatos que lhes são transmitidos através da imprensa (SEARLE, 2000). Pode se dizer que é um trabalho onde a aceitação por parte do público é importante para a afirmação da profissão, tornando assim, o jornalismo dependente de uma aceitação coletiva. Essa função, então atribuída ao jornalista pela sociedade, ainda segundo Searle (2000), faz dele um construtor da realidade social.

Assim, essa ligação do jornalismo com a verdade passou a exigir dele que se tornasse imparcial. Contudo, é difícil o compromisso de ser totalmente isento, uma vez que é preciso, por parte da própria mídia, delimitar os aspectos dos fatos que receberão destaque. Como também acontece com a questão da veracidade das informações, que, conforme avaliam Cox e Goldman (1994), se torna complexa uma vez que a simples escolha das fontes a serem ouvidas possa resultar em algum grau de distorção ou não do fato, tanto pelo seu discurso quanto pela relação posta pelo jornalista do fato para com tal fonte.

Afirmando a conexão do conteúdo jornalístico com a constituição do que acabamos por considerar como verdade, Eduardo Meditsch (2002, p. 19) destaca que:

A notícia é apresentada ao público como sendo a realidade, e mesmo que o público perceba que se trata apenas de uma versão da realidade, dificilmente terá acesso aos critérios de decisão que orientaram a equipe de jornalistas para construí-la, e muito menos ao que foi relegado e omitido por esses critérios profissionais ou não.

Nesta construção do produto jornalístico a partir do reconhecimento dos fatos, o modo como a notícia é estruturada e os elementos de sua narrativa são o que, de fato, produzem o espaço em que os jornalistas procuram se afirmar como ‘mensageiros da verdade’. Luiz Gonzaga Motta (2007, p. 156), coloca que:

A análise da narrativa jornalística deve observar particularmente o “contrato cognitivo” implícito entre jornalistas (narradores) e audiência (narratário) em seu contexto operacional. Esse “contrato” segue as máximas da objetividade, da co-construção da “verdade dos fatos”: o objetivo é co-construir a verdade, a “realidade objetiva”. O desejo de objetividade do jornalista e sua estratégia textual de “relatar a verdade” são compactuados e validados pela comunidade de leitores, ouvintes e telespectadores da mídia jornalística que acreditam estar lendo, vendo ou ouvindo a verdade dos fatos. A comunidade jornalistas-audiência reproduz uma convenção (informal, obviamente) em que emissores e destinatários dão por convencionado que o jornalismo é o lugar natural da verdade, o lugar do texto claro, isento, preciso, sem implicaturas nem pressuposições.

Sendo, assim, o jornalismo uma ciência não exata, a sua relação com a verdade passa pelo filtro da aproximação, sempre a luz da interpretação. Assim, o problema com a imparcialidade acaba por afastar da interpretação jornalística em si, e liga-se a falta de justificativa sobre o que é dito (LISBOA, 2012). Conforme discorre Américo de Sousa (2002), quando comunicado por um jornalista, o fato o deixa de ser para tornar-se uma avaliação da realidade e, por esse motivo, o jornalismo deve justificar suas escolhas.

Pode-se dizer então, que a escolha sobre noticiar algo como um “fato” ou como um “acontecimento”, em dados momentos, também depende da lente usada pelo jornalista ou pela mídia em que se encontra. De acordo com Felipe Simão Pontes e Gislene Silva (2009), podemos definir os termos considerando o “fato” como todo e qualquer fenômeno que acontece no mundo, e o “acontecimento” como um fato que gera impacto sobre a vida de muitas pessoas ou algo que represente uma ‘necessidade social’ de que haja notícia.

O acontecimento é uma qualidade dada a um fato a partir da trama social de um dado grupo, ou seja, todo acontecimento é construído socialmente, relacionado com a história e representa uma interjeição ao processo de legitimação da episteme social. Assim, é fato que uma pessoa jogou uma pedra e acertou o olho de uma criança. É acontecimento quando uma pessoa adulta fez mira com uma pedra e acertou o olho de uma criança. Nota-se que o fato é apenas uma relação de correspondência binária (pessoa com a pedra, pedra com o olho) e o acontecimento é uma relação que depende de um interpretante, ou seja, uma relação terciária, que Peirce (1977, p. 27) chama de mediação (existe uma moral que é relacionada com o ato de uma pessoa acertar uma pedra no olho de uma criança) (PONTES; SILVA, 2009, p. 53).

Assim considerando, ainda de acordo com Pontes e Silva (2009), é o ‘pilares da importância’ que guia a seleção jornalística para decidir os acontecimentos que virarão

notícias e as suas hierarquias dentro do jornal. Deste modo, torna-se observável que, mesmo que verdadeira, toda a informação que chega até o cidadão, passa antes por um enquadramento específico do veículo comunicacional que a produz. A isso, Eliseo Verón (1995 *apud* MEDITSCH, 2010) expressa:

Os acontecimentos sociais não são objetos que se encontrem já feitos em alguma parte da realidade e cujas propriedades e transformações nos são dados a conhecer de imediato pelos meios de comunicação com maior ou menos fidelidade. Eles só existem na medida em que esses meios os elaboram. (...). Os meios informativos são o lugar onde as sociedades industriais produzem nossa realidade (VERÓN, 1995 *apud* MEDITSCH, 2010, p. 11).

Conforme Rogério Christofolletti (2008, p. 11), onde observa que o exercício jornalístico é indispensável para o desenvolvimento das sociedades, ele afirma também que “no exercício cotidiano da cobertura dos fatos que interessam à sociedade, a conduta ética se mistura com a própria qualidade técnica de produção de trabalho”.

No entanto, com a aproximação do jornalismo com o mercado, sua ética e qualidade de produção das notícias foi colocada cada vez mais em dúvida pela população, que passou a perceber um conteúdo com maior interesse mercantil do que social. A visão do jornalismo que tem, acima de qualquer outra, a responsabilidade social, começou a ficar comprometida pela lógica dos mercados.

Nesta lógica, conforme Fábio Henrique Pereira (2004), o texto jornalístico passa a adotar características cada vez mais instrumentais e técnicas, indo ao encontro dos interesses do mercado, e assim “o jornalista perde a aura de herói e identifica-se, cada vez mais, como simples operário de um sistema de produção *taylorizado*” (PEREIRA, F., 2004, p.10).

Frente ao ‘jornalismo de mercado’, a visão do jornalista atuante somente em função do social, passa-se a se tornar cada vez menos uma realidade e mais uma romantização, que por sua vez, acaba por ser até mesmo uma idealização abalada pela ótica da sociedade. O que, de fato, faz a mudança do jornalismo visto como ‘social’ para o jornalismo visto como ‘mercantil’ seja encarada como uma mudança em sua objetividade, é que a prática do fazer o produto jornalístico é atingida. Ora, se como acima assumido, as escolhas do jornalista e sua mídia, mesmo que não intencional, acabam por reger o formato da notícia, aqui a opção torna-se mais

definida, uma vez que a lógica empresarial funciona colocando seus interesses na frente.

De acordo com Kovach e Rosenstiel (2003, p. 96), ao jornalismo entrar no modelo mercantil “a empresa está explicitamente dizendo que uma porção dessa lealdade deve ser dedicada a ela e aos seus acionistas – em vez de aos leitores, ouvintes ou espectadores”. Esse movimento fez com que o jornalismo deixasse de ter sua preocupação centrada em levar os fatos, quaisquer que fossem, e passassem a levar apenas os fatos que, como empresa, lhes interesse. Ainda que anteriormente também não fosse garantida a neutralidade do veículo midiático a selecionar e produzir as notícias, sua visão ideológica não estava necessariamente ligada a suas necessidades financeiras, como acontece quando se insere dentro do mercado.

A informação se tornou de verdade e antes de tudo uma mercadoria. Não possui valor específico ligado, por exemplo, à verdade ou à eficácia cívica. Enquanto mercadoria, ela está em grande parte sujeita às leis de mercado: da oferta e da demanda em vez de estar sujeita a outras regras, cívicas e éticas, de modo especial, que deveriam, estas sim, ser as suas. (RAMONET, 2001, p. 60).

Apesar dos interesses econômicos que passaram a envolver a atividade jornalística dentro dos veículos comunicacionais tradicionais, mesmo estando entre objetividades diferentes, o jornalismo tem a possibilidade, ainda que mercantil, de preocupar-se e produzir conteúdo que vá ao encontro da questão social. Félix Ortega e Maria Luisa Humanes (2001 *apud* PEREIRA, F., 2004) colocam que:

Apesar de desenvolver seu trabalho dentro de empresas, cada vez mais tipicamente representativas do capitalismo tardio, os jornalistas se movem uma direção que nem sempre é a mesma de suas empresas (...). Mesmo empregados em um circuito produtivo tipicamente capitalista, e apesar de que nele se introduziu a organização racional em múltiplos aspectos, os jornalistas continuam percebendo sua atividade como um serviço público destinado a fins extra econômicos (ORTEGA; HUMANES, 2001, p. 59-60 *apud* PEREIRA, F., 2004, p.13-14).

Assim, ainda que mercantilizado, o jornalismo, de certas maneiras, tenta seguir buscando trabalhar em nome da sociedade, uma vez que percebe esse como sendo o objetivo maior da profissão.

3.2 Jornalismo Hegemônico X Jornalismo Contra-Hegemônico

A ruptura da imagem do jornalismo de caráter unicamente social pelo avanço do jornalismo de mercado, mudou também a forma com que as mídias escolhem o que noticiar. Conforme exposto por Bill Kovach e Tom Rosenstiel (2003, p. 52), nesta transição, mesmo dentro das redações, passou-se a pouco falar do jornalismo em si, sendo os meios “absorvidos pelas pressões comerciais e pelos resultados do exercício”. Assim, ainda segundo Kovach e Rosenstiel (2003), as notícias começaram a se transformar em entretenimento, e o entretenimento, por sua vez, passou a assumir um caráter de notícia.

De tal forma, ao jornalismo passou importar a audiência que seu produto obtém e, por conseguinte, seu conteúdo voltou-se aos interesses de seu público, como uma tentativa de fidelizá-los, em busca de crescimento financeiro (COELHO, 2015). Deste modo, o que acontece é que com sua inserção no mundo mercantil, o jornalismo passou a ser o produto de uma empresa e, por isso, interessado em obter lucros. Para tal, foi necessário que seus ‘deveres sociais’ saíssem de primeiro plano e, ao optar pelo que noticiar e destacar, desse mais lugar ao que lhe garantisse mais audiência.

Porém, o jornalismo de mercado não se mantém apenas de seu próprio retorno financeiro, tendo sido a publicidade um dos suportes encontrados para sua sustentação. Assim, as notícias passam a ser financiadas, em grande parte, por seus anunciantes (PEREIRA, C. 2004). Essa relação entre o jornalismo e a publicidade torna-se um ponto de dependência por parte da empresa jornalística, que passa a ter mais cuidado com o conteúdo a ser publicado, visando proteger os interesses de quem o patrocina e, então, tentando evitar uma possível perda financeira.

Nelson Traquina (2001, p. 82) destaca que:

O conteúdo das notícias não é determinado ao nível interior (isto é, ao nível dos valores e preconceitos dos jornalistas), nem ao nível interno (isto é, ao nível da organização jornalística), mas ao nível externo, ao nível macroeconômico. Nesta versão da teoria, uma relação direta é estabelecida entre o resultado do processo noticioso e a estrutura econômica da empresa jornalística [...] as mídias reforçam os pontos de vista do establishment (o poder instituído), devido ao poder dos donos dos grandes meios de comunicação social e dos anunciantes.

Em compensação ao comportamento de 'submissão' da mídia aos fins econômicos, as empresas jornalísticas com maior apoio financeiro de outras instituições, tendo ligações tanto com o Estado quanto com o mercado, passaram a crescerem mais que as que não possuíam e, assim, atingirem um público cada vez maior. De tal modo, o conteúdo produzido por tais veículos tornou-se o mais propagado na sociedade e, por sua vez, representando a mídia hegemônica.

O termo hegemonia, em princípio usado para expressar a dominância de alguma coisa sobre outra, foi adotado por Antonio Gramsci para definir, como uma regra ideológica, que uma classe se sobrepõe a outra, abrangendo desde suas concepções simbólicas e valores, até os elementos econômicos e estruturais. Assim, conclui-se que os grupos hegemônicos organizam a sociedade de modo a espelhar suas convicções.

Conforme Luciano Gruppi (1978, p. 67 *apud* MORAES, 2010, p. 55) uma classe é hegemônica, dirigente e dominante até o momento em que – através de uma classe, sua ação política, ideológica, cultural – consegue manter articulado um grupo de forças heterogêneas e impedir que o contraste existente entre tais forças exploda, provocando assim uma crise na ideologia dominante, que leve à recusa de tal ideologia, fato que irá coincidir com a crise política das forças no poder.

Um dos setores da sociedade do qual o discurso hegemônico tem grande poder ao chegar para o público, é o dos meios de comunicação. Fazendo parte, como Gramsci assim definiu, dos aparelhos privados de hegemonia, para ele “jornais e revistas cumprem o papel de organizar e difundir determinados tipos de cultura” (GRAMSCI, 2000, p. 32).

Nessas condições, João José de Oliveira Negrão (2005, p. 10) também avalia que “a ideia do jornal como aparelho privado de hegemonia percebe o jornalismo como espaço de luta entre diferentes concepções de mundo em disputa não só pela significação, mas até mesmo pela definição do que é e do que não é notícia”.

Com base nessas significações, a mídia hegemônica, por sua vez, tende a refletir o que as elites intelectuais, econômicas, políticas e militares produzem. A submissão dos meios de comunicação às elites não ocorreu apenas como uma imposição econômica, mas pelo modo como a sociedade como um todo acabou por

se deixar padronizar por elas. Deste modo, segundo Dênis Moraes (2010), os veículos hegemônicos aparecem se consolidando como a “vontade da maioria”.

Portanto, a opinião social acaba por ser regulada pelos critérios que os jornais de massa definem, e que, por sua vez, acabam estabelecendo uma maior relação de confiança com a sociedade do que veículos não-hegemônicos. Porém, como já exposto, tais meios comunicacionais, por serem pautados por seus interesses, acabam se desligando, em certa medida, da função social do jornalismo. Conforme Antonio Gramsci (2002, p. 40), “os jornais são organismos político-financeiros e não se propõem divulgar as belas-letras em suas colunas, a não ser que estas belas-letras aumentem a receita”.

Articulando a dinâmica social através da forma com que, propositalmente, limitam e apresentam os acontecimentos ao público, Gramsci compara o funcionamento da mídia ao de partidos políticos. Dado isso, a função dos jornais acaba por deixar de lado o setor ideológico do jornalismo e passa a servir como uma plataforma pautada pelas diretrizes econômicas e financeiras das empresas jornalísticas, que, por sua vez, estão preocupadas em atrair o maior número possível de leitores para assegurar-lhes rentabilidade e influência (AGUIAR, 2006).

Refletindo sobre o papel de propagador ideológico que os jornais possuem, Gramsci (2000, p. 197) delimita o conceito de jornalismo integral como:

O jornalismo que não somente visa satisfazer todas as necessidades de seu público, mas pretende também criar e desenvolver estas necessidades e, conseqüentemente, em certo sentido, gerar seu público e ampliar progressivamente sua área (de influência).

A mídia hegemônica, agindo de modo que busca interferir no plano político e cultural da sociedade por meio da forma como organiza e reproduz suas percepções sobre os fatos, faz, assim, com que tenham o poder de legitimar ou refutar o senso comum sobre tais e até mesmo sobre toda a realidade em que nos inserimos.

Porém, frente a um quadro onde os interesses jornalísticos se voltam para a audiência ao invés do compromisso social, os próprios leitores passam a colocar em dúvida a veracidade das informações distribuídas por veículos hegemônicos (RAMONET, 1999). Tal embate, sugere que outras formas de comunicação devem

ser validadas e, deste modo, a disputa pela hegemonia no campo comunicacional se dá por veículos que não compartilham da mesma visão que a grande mídia propaga.

A ideia de um jornalismo contra-hegemônico apareceu fundamentado, principalmente, em cima de valores ideológicos, buscando a existência de mídia que fossem uma alternativa ao jornalismo tradicional, hegemônico, que levasse informações com menos interesse mercantil e mais interesse público. Assim, é esse jornalismo alternativo que se apresenta como um contraponto ao jornalismo hegemônico.

A informação produzida por mídias alternativas é denominada de contra-informação, tendo a função de “garantir a circulação de informações sobre situações de classe, à margem dos canais controlados pelo poder constituído e também utilizando espaços que as contradições da burguesia oferecem no seio desses canais” (BALDELLI *apud* FADUL, 1982, p. 36).

Portanto, aos veículos contra-hegemônicos acaba por também caber a função de representar a parte da população que não possui espaço significativo na grande mídia. A essa parcela da sociedade pertencem os movimentos sociais, em que, na maior parte das vezes, tem seus interesses em conflito com os interesses de quem financia os grupos de comunicação de massa, logo, obtendo pouca visibilidade nesses meios.

Downing (2002) se refere à mídia alternativa como mídia radical, em um cenário onde a mídia tradicional se autocensura para manter seus interesses comerciais, ele afirma que:

A mídia radical tem a missão não apenas de fornecer ao público os fatos que lhe são negados, mas também pesquisar novas formas de desenvolver uma perspectiva de questionamento do processo hegemônico e fortalecer o sentimento de confiança do público em seu poder de engendrar mudanças construtivas (DOWNING, 2002, p. 50).

As mídias alternativas trazem em seu conceito de existência a busca por pautar assuntos que, segundo Anamaria Fadul (1982), pluralizam o debate público ao noticiar fatos deixados de lado pela grande mídia e de ângulos diferentes dos que a mídia hegemônica costuma buscar. Isto vai ao encontro do que propõe a pesquisa, analisando uma mídia alternativa e uma grande mídia na forma como pautam um acontecimento social.

O jornalismo alternativo procura dar um olhar mais humanizado aos acontecimentos e assuntos de interesse da sociedade. Por meio de narrativas mais críticas e pautado por seu próprio interesse. Roberto Elísio dos Santos (1992), destaca a importância que este tipo de jornalismo pode exercer diante da forma como a sociedade encara o mundo, “a única possibilidade de escapar à visão de mundo projetada pelos meios de comunicação se encontra nas manifestações culturais oriundas das camadas mais pobres da população ou na utilização de meios alternativos” (SANTOS, 1992, p. 23).

Dênis Moraes (2010, p. 20) salienta que, na visão de Gramsci, as ações contra-hegemônicas devem ser utilizadas como um instrumento que irá “denunciar e tentar reverter as condições de marginalização e exclusão impostas a amplos estratos sociais pelo modo de produção capitalista. A contra-hegemonia institui o contraditório e a tensão no que até então parecia uníssono e estável”.

Na análise proposta pela pesquisa, a mídia hegemônica está representada pelo jornal *GaúchaZH*, que possui grande alcance e credibilidade frente a população gaúcha. Já o jornal *Sul21* corresponde a mídia contra-hegemônica, buscando um conteúdo alternativo, mais ligado a movimentos sociais. No entanto, ambos os jornais, ao decidirem noticiar algo, ao determinarem a forma como montarão a notícia e ao estabelecerem a importância que lhe darão, passam por processos de escolhas que são internos, que vão ao encontro de seus interesses e ideologias. Assim, apesar das diferenças bem estabelecidas entre os dois tipos de mídias, seus métodos seguem sendo o mesmo.

3.3 Newsmaking em uma sociedade midiaticizada

Em contato com determinado jornal, o leitor tem acesso às notícias que tal mídia selecionou e a conhece do modo como essa mesma mídia resolveu que ela deveria ser contada. Dessa forma, a produção da notícia passa pelas perspectivas de quem a noticia, podendo, por isso, ser influenciada por seus conceitos.

Podemos buscar uma informação honesta para o público, procurarmos fontes que deem opiniões diferenciadas sobre um mesmo fato e quem sabe contribuirmos para que o público tire suas próprias conclusões, mas nos julgarmos imparciais, jamais. Por quê? Porque os textos são reféns de seus atores. Intencionalmente ou não, o jornalista na apuração, na redação ou na

edição de suas matérias, acaba selecionando determinados aspectos em detrimento de outros. Mas por quê? Pela criação que recebeu, pela cultura que acumulou, pelas experiências vividas e na maioria das vezes, por ordens de seus superiores (DITZ, 2008 *apud* SILVEIRA; PAVARINO, 2009, p. 5).

Para que fatos e acontecimentos se tornem notícias, uma série de critérios que fazem parte de seu contexto são analisados pelos jornais. Conforme exemplificou Bourdieu (1997, p. 25 *apud* AGUIAR, 2006, p. 82), é como se os jornalistas utilizassem “óculos especiais”, metáfora para os valores-notícia, pelos quais veem alguns acontecimentos e não outros e que também afeta a maneira como eles os veem.

A noticiabilidade de um acontecimento sempre depende dos interesses e das necessidades das empresas jornalísticas e da comunidade profissional dos jornalistas: se, por um lado, os critérios de relevância são flexíveis e variáveis quanto à mudança de certos parâmetros, por outro, são sempre considerados em relação à forma de operar do meio de comunicação que produz a informação. Não há um processo rigidamente fixado e uma avaliação esquematicamente pré-ordenada da noticiabilidade: suas margens de flexibilidade e de ajustamento induzem, portanto, a avançarmos na direção de uma hipótese sobre o caráter negociado dos processos de produção da informação. O produto informativo parece ser o resultado de uma série de negociações – orientadas pragmaticamente – que têm por objeto aquilo que é publicado e o modo como é editado no jornal. Essas negociações são efetuadas pelos jornalistas em função de fatores que possuam diferentes graus de importância e ocorre em diversos momentos do processo produtivo (AGUIAR, 2006, p. 82).

De modo geral, os movimentos sociais são noticiados de forma diferente pela mídia hegemônica e pela contra-hegemônica. Isso se dá pelo fato de que, durante esse processo de produção, sejam tratados de modo com que o posicionamento do veículo, contra ou a favor, fique mais evidente, mesmo que haja o pressuposto de imparcialidade. Por exemplo, quando ocupações são referidas como sendo ‘invasões’ em jornais tradicionais.

Refletir sobre como é feita a seleção e a produção das notícias que o jornal irá divulgar torna-se um trabalho importante para entender quais as prioridades do meio de comunicação em questão. Para tal, a hipótese que busca compreender os processos pelos quais as informações passam antes de elas chegarem até a sociedade é chamado de *newsmaking*.

Para Antonio Hohlfeldt (2001) a hipótese do *newsmaking*, que é por ele livremente traduzido como “criação da notícia”, se refere, principalmente, a estudar e entender como se dá a produção noticiosa dos veículos. Assim:

A hipótese de newsmaking dá especial ênfase à produção de informações, ou melhor, à potencial transformação dos acontecimentos cotidianos em notícia. Deste modo, é especialmente sobre o emissor, no caso o profissional da informação, visto enquanto intermediário entre o acontecimento e sua narratividade, que é a notícia, que está centrada a atenção destes estudos, que incluem sobretudo o relacionamento entre fontes primeiras e jornalistas, bem como as diferentes etapas da produção informacional, seja ao nível da captação da informação, seja em seu tratamento e edição e, enfim, em sua distribuição (HOHLFELDT, 2001, p. 204).

O *newsmaking* parte do pressuposto que os meios de comunicação consideram os interesses do próprio veículo para resolver o que será noticiado e de que forma se dará esta construção. Levando em conta este ponto e sendo este processo de organização do que será noticiado e de que forma algo que difere em cada veículo de comunicação, Traquina (1993, p.169) ressalta a importância da empresa frente à produção, “as decisões tomadas pelo jornalista no processo de produção da notícia só podem ser entendidas inserindo o jornalista no contexto mais imediato - o da organização para a qual ele ou ela trabalha”.

Desta forma, o modo de pensar e fazer jornalístico é parte de uma construção, sendo, então, elaborado de modo diferente por cada veículo de comunicação. Assim, é evidenciado que as diferenças de narrativas de um jornal para o outro se dão por parte desse processo, que ‘peneira’ o que considera relevante como produto jornalístico de acordo com seu posicionamento, ideológico ou financeiro.

Na lógica do newsmaking, a elaboração da pauta, a seleção das fontes e o trabalho de apuração, redação e circulação a notícia constituem elementos determinantes da operação de produção informativa. Trata-se de um processo que envolve também escolhas pessoais e direcionamentos político-editoriais e ideológicos (MORAES JÚNIOR; ANTONIOLI, 2016, p. 44).

No entanto, a relação do jornalismo como sendo o único a ditar o que é ou não é notícia, bem como qual notícia é mais importante que a outra, tem tomado um novo rumo na sociedade atual. A presença da web acabou influenciando a forma como os fatos são conhecidos, e tornando o acesso às informações mais ampliado. Deste modo, tanto a produção jornalística, quanto sua circulação e recepção são atingidas (SOSTER, 2009, p. 17).

Com a transformação da tecnologia em meios, a sociedade passou a ter um papel mais ativo na produção de informações, deixando de ser apenas um receptor passivo das decisões jornalísticas e passando a também pautar. A esse processo,

onde diversos campos sociais passam a ter atuação nos campos midiáticos e, através deles, se expressam, é dado o nome de *mediatização* (RODRIGUES, 2000).

Assim, a *mediatização* faz com que os papéis, antes muito bem estabelecidos, de produtor e receptor das notícias sejam reconfigurados, fazendo com que qualquer pessoa possa, então, passar a produzir conteúdos informativos de acordo com seu interesse.

Assumindo-se a *mediatização* como um novo modo de ser no mundo, como visto antes, tende-se a superar a *mediação* como categoria para se pensar os meios hoje, mesmo sendo esse mais que um elemento que faz ligação entre a realidade e o indivíduo, via mídia. Ele é a forma como o receptor se relaciona com a mídia e o modo como ele justifica e tematiza essa mesma relação. Por isso, estrutura-se como um processo social mais complexo que traz no seu bojo os mecanismos da produção de sentido social (FAXINA, GOMES, 2016, p. 50).

Deste modo, a informação que antes precisava ser mediada pelo jornalismo para que chegasse ao público, agora não possui mais uma relação de dependência com esse meio. Isso fez com que os processos jornalísticos, como o *newsmaking*, se tornassem uma função com menos espaço, uma vez que apesar do que o jornal escolhe noticiar ou não, o público passa a ter acesso a uma ampla variedade de informações disponibilizadas e produzidas por outros atores por meio das mídias digitais.

Segundo Fabiane Sgorla (2009, p. 64):

A “*mediatização*” estimula uma espécie de “*processo de afetação*” em que as tecnologias midiáticas, os meios de comunicação social tradicionais e os atores sociais individuais e coletivos acabam por implicar-se mutuamente e de modo não-linear, diluindo as fronteiras de quem é quem. Assim, as alterações surgidas pelos “*processos de mediatização*”, tanto podem afetar e reconfigurar as práticas e relações sociais dos atores individuais e coletivos, como repercutir nos fenômenos recorrentes no próprio campo protagonista da *mediatização* – o campo das mídias – pelos meios de comunicação social mais tradicionais.

Bem como, de acordo com Antônio Fausto Neto (2008, p. 93), a *mediatização* nos trouxe a uma era onde o modo de organização das interações colocam “*produtores e consumidores – em uma mesma realidade, aquela de fluxos e que permitiria conhecer e reconhecer ao mesmo tempo*”. Apesar de ainda ter seu lugar bem definido dentro da sociedade, os novos processos midiáticos fizeram com que o

jornalismo, por sua vez, tivesse que adotar mudanças no seu modo de produção e de conteúdo.

Sem abandonar a especificidade do trabalho da enunciação jornalística, alarga-se o conceito de dispositivo, não só enquanto uma problemática de linguagem, mas como uma questão de maior complexidade, e que diz respeito à existência de uma natureza sócio-técnica. Aprofunda-se a compreensão que se tem do status do campo das mídias e da midiatização, procurando-se mostrar que o trabalho enunciativo dos media já não mais se restringe a “construir realidade”, mas deslocar a ênfase desta tessitura para evidenciar a “realidade da construção”. De uma maneira sintética, se passa de uma preocupação sobre o discurso jornalístico que centra sua atenção no trabalho textual, como operador de produção de realidades, para um novo momento em que se afirma que uma ênfase do trabalho da noticiabilidade está assim na própria narrativa em que se engendram, as condições de “realidade de construção” (FAUSTO NETO, 2006, p. 51).

De tal modo, os veículos comunicacionais passam a não serem os únicos capazes, de certo modo, a colocarem assuntos em destaque. Assim, além das mudanças que a chegada da midiatização causa em seu modelo de produção, temáticas que antes podiam ser, propositalmente ou não, deixadas de lado pelos jornais, passam a ter a chance de serem ouvidas através da internet.

3.4 Midiatização e movimentos sociais

A mídia sempre foi considerada uma ampla divulgadora dos problemas sociais, uma vez que ela é um importante sujeito na constituição da agenda pública (FREY, 2000). Ao encontro dessa constatação, Guilherme Canela (2008) sugere que os meios de comunicação e sua capacidade de agendamento, enquadramento, construção da informação e de controle social, são notórios potencializadores para a construção de políticas públicas.

De tal forma, a capacidade dos meios midiáticos em propagar um discurso se mostrou muito eficiente para grupos que se organizam com intuito de promover mudanças sociais. Com isso, André Azevedo da Fonseca (2011, p. 68) expõe:

No decorrer do século XX, dos anarquistas das primeiras décadas às novas organizações operárias nos anos 1980, os movimentos sociais urbanos passaram a ter cada vez mais consciência de que os meios de comunicação não poderiam deixar de ser empregados como uma ferramenta estratégica para contribuir na mobilização social, na contestação da ordem capitalista e na conscientização política das classes populares.

No entanto, como já comentado, devido a questões, normalmente ideológicas e mercadológicas, dentro dos veículos comunicacionais que compõem a grande mídia, o espaço dado para movimentos sociais não costuma ser de grande relevância. No estabelecimento da agenda de tais mídias, esses movimentos ganham pouco espaço e, por vezes, são marginalizados, sendo cobertos apenas se as pautas reivindicadas não comprometam os interesses defendidos pelo grupo de comunicação (VIEIRA, 2015).

Assim, os movimentos sociais encontram-se mais pautados pelas mídias alternativas, por possuírem maior aproximação ideológica. Apesar dos veículos contra-hegemônicos não possuírem, de modo geral, a mesma relevância pública dos veículos hegemônicos, costumam ocupar um lugar expressivo nos conteúdos informativos disponibilizados nas redes digitais. Com isso, a introdução de movimentos sociais na web a partir destas coberturas, possibilitou novas formas de alcance e circulação das lutas levantadas pelos movimentos.

Com as transformações tecnológicas que levaram até a midiatização, a forma com que a sociedade interage entre si também é alterada, uma vez que é a mídia que “responsabiliza-se hoje por todas as mediações sociais, é ela que regula a relação do indivíduo com o mundo e com seus pares” (PAIVA, 2005, p. 16). Mas, deste modo, a relação direta entre a sociedade e a mídia também ganha novos moldes, devido ao modo como os meios midiáticos passam a ser acessados e usados por qualquer pessoa.

A formação da sociedade midiatizada, onde pode-se perceber uma necessidade humana de que haja um espaço cada vez maior para interações e, por conseguinte, dispositivos que se tornam cada vez mais complexos, passa a nos apresentar uma sociedade onde a comunicação é, quase que totalmente, transpassada ou relacionada a suportes tecnológicos (GUINDANI, 2010).

Por esse caminho, José Luiz Braga (2006, p. 145) destaca:

Podemos assumir que a sociedade não apenas produz sua realidade através das interações sociais a que se entrega; mas igualmente produz os próprios processos interacionais que utiliza para elaborar a sua realidade – progressivamente e a partir de expectativas geradas nas construções sociais anteriores; e também, em seguida, por processos autopoiéticos assim desencadeados.

Apresentando tal impacto na sociedade, as práticas midiáticas acabam sendo também muito acionadas pelos movimentos sociais. Mesmo que, de certo modo, a relação da internet com as pessoas possa abalar o contato face a face que esses movimentos costumam necessitar, sua divulgação por meio de tecnologias comunicacionais é potencializada. Assim, a mediação entre os movimentos e a sociedade, que antes era realizada por meio de veículos comunicacionais, passou a não ser mais unicamente dependente destes, posto que os próprios movimentos sociais puderam gerar seu conteúdo informativo.

Para os movimentos sociais, como a ocupação *Mulheres Mirabal*, objeto desta pesquisa, é valoroso que sejam reconhecidos e vistos pela sociedade. Por meio da comunicação midiática, suas lutas por direitos, moradia, etc., ganham mais alcance e atenção, facilitando sua legitimidade pública.

Nessa direção, a visibilidade midiática tornou-se uma das principais práticas por meio das quais as lutas foram sendo conduzidas e articuladas. Com o passar do tempo, os Movimentos Sociais foram reconhecendo que o espaço midiático também assumia uma função estratégica e política, capaz de contribuir com seus objetivos e lutas. Em tempos de midiatização social, torna-se impossível, a qualquer movimento social, continuar indiferente aos espaços midiáticos, resistindo na surdina ou nas trincheiras das articulações. Mantendo-se nessa posição e, ao mesmo tempo, expondo-se por meio das ações ou protestos públicos, de uma forma ou de outra, a representação/produção simbólica é construída (GUINDANI, 2010, p. 6).

Dado que, como já observado, as narrativas dos veículos de comunicação costumam ser feitas com base em seus próprios interesses, Eduardo Andrés Vizer (2007) salienta que para os movimentos sociais é significativo que tenham seus próprios meios por onde possam passar a produzir e divulgar o seu próprio conteúdo, de acordo com os seus preceitos e políticas. Segundo Guindani (2010, p. 8), “isso decorre, em certa medida, devido à desconfiança e à impossibilidade de relacionamento amigável entre movimentos sociais e os demais veículos/grupos de comunicação”.

Assim, a apropriação deste espaço midiatizado pelos movimentos sociais gera uma nova forma de produção e circulação das informações relacionadas a tais, fazendo com que sejam mais reconhecidos (JENKINS; GREEN; FORD, 2014). Ainda que, se tratando de um espaço próprio, o público que tem acesso a essas notícias, em sua maioria, já possua uma maior identificação com as causas, o fato de estarem

em um campo que lhes proporciona mais visibilidade, além de colocá-los em um possível contato com outras pessoas, muda o modo e a frequência com que os meios jornalísticos tratam suas temáticas. Isto porque, ao serem expostas nas redes, as informações referentes aos movimentos viram pautas e, assim, muitas vezes, é necessário que os veículos comunicacionais, como modo de cumprir seu trabalho, também as noticiem.

Portanto, a entrada de movimentos, como ocupações, nas mídias digitais, se mostra importante como forma de divulgação de suas pautas, repercussão de seus motivos e justificativas, fazendo se ouvir pela sociedade e, por consequência, pelas autoridades. Assim, essa apropriação dos espaços midiáticos, de forma geral, acaba por influenciar no conteúdo produzido pelos veículos comunicacionais.

3.4.1 O movimento feminista nas mídias e nas redes

Dado essa nova movimentação no ambiente midiático, as causas pelos movimentos sociais levantadas passaram a ter maior cobertura. O movimento feminista é um dos que vem ganhando mais destaque a partir do espaço digital. Os debates que surgem em torno dos direitos das mulheres, passando por questões como a violência por elas sofrida, tomou força nos meios digitais, tanto por parte de grupos feministas quanto por relatos de mulheres. Assim sendo, os jornais passaram a tratar mais deste tema, fazendo com que tivesse um grande alcance (CATTANEO, 2017).

No caso da *Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal*, além de ser um movimento que luta por um espaço físico e caracterizando-se como uma ocupação, suas reivindicações têm como base questões de representatividade feminina. Porém, como um movimento social, sua presença nas redes não se dá apenas como uma plataforma de reconhecimento de suas pautas, mas de atualizações sobre o funcionamento cotidiano da ocupação.

Entretanto, posta em uma sociedade midiaticizada, o ativismo exposto por tais movimentos gera não apenas uma reprodução de seu conteúdo, mas uma ressignificação de seus discursos, como exposto por Jenkins, Green e Ford (2014). A circulação de problemáticas referentes a mulheres, tem ganhado um espaço cada vez

maior nas mídias, consequência de uma exposição desse assunto nas redes sociais que vem crescendo.

Identificando o tratamento quase que exclusivamente objetificado das mulheres pelos veículos hegemônicos (DUARTE; SCONETTO; AGNEZ, 2017), os grupos que lutam por causas feministas viram nas mídias digitais um lugar onde pudessem trazer as problematizações referentes ao tema. Neste caminho, Lara de Podestá Haje (2002, p. 6), reflete que para o movimento feminista a internet significa:

Uma possibilidade de se comunicar internamente e discutir questões relevantes para o movimento; de se comunicar diretamente com o público, sem intermédio de jornalistas e de grandes veículos de mídia; de angariar novos simpatizantes à causa e mostrar à sociedade onde a desigualdade de gêneros ainda permanece. Uma nova oportunidade, enfim, de por meio da comunicação social, promover a transformação das condições da mulher na sociedade.

A partir deste novo fluxo, o debate acerca das questões feministas começou a se expandir, não apenas pelas redes, mas também pelos veículos comunicacionais. A estratégia usada pelas ativistas em defesa das mulheres, de usar as redes sociais como um modo de pautar tais assuntos, funcionou como forma de trazer os temas para debate dentro da sociedade. Assim, nota-se que:

A participação das mulheres nesses espaços, nos últimos anos, tem sido fundamental, inclusive, para ampliar a distribuição dos materiais de comunicação produzidos pelos grupos feministas, que não encontram, na mídia convencional, espaços para a reprodução das suas produções. Além disso, os observatórios pautam a própria mídia hegemônica com questões de fundamental importância para a defesa dos direitos humanos das mulheres. São espaços de resistência e de apoio para o movimento (VICENTE, 2011 *apud* VELOSO; CUNHA; REBOUÇAS, 2011, p. 07).

Além dos próprios meios pelos quais esses movimentos costumam utilizar para propagar suas lutas, os veículos comunicacionais alternativos também auxiliam nessa divulgação. A mídia contra-hegemônica, como expõe Laércio Pedro Torres de Goés (2008), apesar de não ter a mesma origem que os movimentos sociais, compartilha de ideais que vão ao encontro dos desses grupos.

O objetivo destes produtores de conteúdo, tanto mídia alternativa quanto movimentos que usam as redes, não é competir por audiência com os veículos tradicionais, mas sim abordar temáticas importantes para refletir sobre problemas

presentes na sociedade e sobre as criações de políticas públicas, as quais não costumam ter grande espaço nos grupos de comunicação hegemônicos (GOÉS, 2008).

Esses veículos alternativos compartilham valores de justiça social, igualdade, defesa dos direitos humanos e do meio ambiente, desenvolvimento social e econômico sustentável dos movimentos sociais, que criam um vínculo solidário e uma rede de troca de informações. Assim, os valores compartilhados terminam por influenciar o fazer jornalístico dessas agências (de notícia na web), seu processo de produção, construção de pauta, organização de conteúdos e estrutura hierárquica (GÓES, 2008, p. 15).

A utilização da internet como condutora de debates que almejam, além de ter o reconhecimento da sociedade, alcançar também as autoridades, tem se mostrado elementar. Conforme Dulce Helena Mazer (2012) aponta, conteúdos com viés mais humanitário têm mostrado maior aceitação quando são tratados na web. Por outro lado, estes temas são pautados com profundidade por um curto período de tempo, uma vez que o conteúdo na internet apresenta muita rotatividade, devido à grande demanda de informações que ela pode produzir.

Assim, apesar dos assuntos tratados chegarem ao conhecimento de um grande público, as pautas não se mantêm em discussão por muito tempo. Ou ainda, quando seguem sendo pautadas, trazem um discurso mais filosófico e sociológico do que realmente prático (DUARTE; SCONETTO; AGNEZ, 2017).

Se tratando de debates que buscam avanços nas políticas para as mulheres, a presença de grupos mobilizados nas redes sociais é de extrema relevância e têm tido grandes resultados nos dias atuais. Porém, acompanhando o pensamento de Mazer (2012), também se torna necessário que os jornais, inclusive os de maior alcance, tratem de tais temas explorando nos discursos, politizando a si e seus leitores, a fim de que essas discussões culminem em, de fato, políticas públicas.

É fundamental que os agentes públicos conectem-se com os leitores/consumidores de mídia e com os produtores, do outro lado do jornal, por meio da inserção de pautas nos jornais e revistas impressos, rádios e TVs. Além disso, é imperativo perceber que os quadros acadêmicos têm sido destinados para um jornalismo cada vez mais mercadológico e menos humanitário, o que implica em profissionais mais tecnicistas, menos preocupados com o desenvolvimento humano (MAZER, 2012, p. 11).

Assim, apesar de ser uma ocupação, o movimento realizado pelas mulheres da casa *Mulheres Mirabal*, recebe não apenas o enquadramento de um movimento social ideológico de luta por moradia. Por tratar de temas como a violência contra mulheres e busca por políticas públicas, os veículos jornalísticos salientam também esse discurso. Deste modo, a forma como o assunto é abordado nas reportagens, em certos momentos, não se resume ao fato de ser um movimento social, mas acaba sendo usado como gancho para tratar outros temas referentes a luta das mulheres.

3.5 Enquadramento X Reconhecimento

Uma vez que, cada meio comunicacional possui suas próprias e pré-definidas lentes para analisar os assuntos que serão pautados, a forma com que cada história é moldada, o ângulo pelo qual ela é analisada e abordada, colaboram também para que haja diferentes entendimentos por parte do público sobre os discursos que chegam até eles. Por tanto, o modo como a mídia leva a notícia até a sua audiência, a influencia a formar suas visões de mundo, concepções e entendimentos sobre alguns fatos e acontecimentos.

Percebe-se, assim, que o foco dado pelos veículos a alguns assuntos, influi com que eles estejam ou não em pauta dentro da sociedade (CANELA, 2008). Por mais que, com a chegada da internet e das redes sociais, a função de agendar os temas a serem tratados não é mais exclusiva do jornalismo, os assuntos tratados por grupos comunicacionais atingem um maior alcance de público.

Sendo assim, pode-se afirmar que o jornalismo seleciona os acontecimentos que quer evidenciar, seja por questões ideológicas do veículo ou outras, e não apenas o que reflete a realidade. A essa seleção, Tuchman (1978) deu o nome de enquadramento.

Gaye Tuchman (1978) define as notícias como sendo uma janela para o mundo, que se propõem a entregar à sociedade o que é necessário que ela saiba. No entanto, levando em consideração que para produzir as informações é necessário que haja um “corte” nos reais acontecimentos, o que chega ao público são apenas pequenos fragmentos da multiplicidade de eventos que ocorrem cotidianamente (GONÇALVES, 2011). De tal modo, Tuchman, ainda em sua metáfora, salienta que a

construção destes quadros midiáticos pode evidenciar alguns problemas enquanto as escolhas que são feitas.

Mas, como qualquer enquadramento que delimita o mundo, o enquadramento das notícias pode ser problemático. A vista através de uma janela depende de a janela ser grande ou pequena, ter muitas ou poucas vidraças, de o vidro ser opaco ou transparente, de estar virada para a rua ou para as traseiras (TUCHMAN, 1978, p. 1).

As perspectivas que influem no modo como o enquadramento do acontecimento é definido, são iniciadas na seleção do que será noticiado, seguindo pela ênfase que será dada ao assunto e o modo como será apresentado (GITLIN, 1980). Considerando-os como ferramentas para organizar as operações jornalísticas e o “mundo” que é recebido pela audiência, Todd Gitlin (1980, p. 6) define que “os enquadramentos mediáticos são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, seleção, ênfase e exclusão, através dos quais os manipuladores de símbolos organizam rotineiramente o discurso, seja verbal ou visual”.

É no enquadramento dado por cada veículo que fica delimitado os sentidos presentes na narrativa construída. Levando em conta a influência que os conteúdos divulgados pela mídia possuem sobre o modo com que a sociedade conhece os eventos que ocorrem, Telmo Gonçalves (2011, p. 158) salienta que:

Os enquadramentos funcionam como princípios básicos de organização das nossas experiências. Definem não só a forma como interpretamos as situações, mas também como interagimos com os outros. Estruturam, em síntese, a nossa experiência da realidade.

Uma das áreas que tem seu sentido fortemente impactado dependendo do modo como é enquadrada, é a da comunicação relacionada a fatores políticos. Bennett (2001), constata que é perceptível a disputa entre veículos distintos pela definição de enquadramentos mediáticos sobre questões políticas.

A relação entre o enquadramento jornalístico e a construção social é extremamente próxima. Logo, a forma como a mídia trata dos movimentos sociais e de ocupações está diretamente ligada ao modo como a sociedade os encara, criminalizando-os ou não. Como já relacionado anteriormente, mídias tradicionais e mídias alternativas podem abordar estes eventos com enquadramentos diferentes.

As grandes mídias brasileiras, em sua maioria, para defender seus interesses, costumam noticiar os movimentos sociais de forma que os coloca como subversivos, tornando-os notícia principalmente quando entram em conflito com a polícia, negatizando sua imagem perante parte da população (VOLANIN, 2008).

Os meios de comunicação, na forma em que existem hoje, dificilmente darão espaço para a expressão ou a constituição de interesses que ameacem as estruturas básicas do capitalismo. Com isso, a situação é delicada para os movimentos sociais, cada vez mais criminalizados pelo pensamento único da Grande Mídia (VOLANIN, 2008, p. 13).

Por sua vez, a mídia alternativa, por já possuir desde seu princípio um caráter mais comunitário, tem, de acordo com Leopoldo Volanin (2008) o dever de levar à sociedade notícias que mostrem os movimentos sociais em suas puras concepções, sem interesses em criminalizá-los.

A mídia alternativa deve manifestar-se entrando em contradição com os valores e princípios de classes dominantes e predominantes e lutam para obter um novo consenso em torno de novas ideias relativamente estáveis. Jornais e revistas populares, rádios comunitárias, emissoras televisivas de cunho social, de forma mais massiva, internet. É a mídia alternativa dos movimentos sociais, que atua como instrumento de ação contra a hegemonia do capital, da concentração de renda e da desigualdade social, em busca de transformação política, econômica e social na sociedade (VOLANIN, 2008, p.18).

Mesmo com as perceptíveis diferenças entre os enquadramentos que constituem as narrativas de ambas as mídias – hegemônica e contra-hegemônica – não é claro o modo como eles se apresentam no texto. Robert Entman (1993, p. 51) destaca que, apesar de uma “omnipresença transversal às ciências sociais e humanas, não existe uma teorização geral que demonstre exatamente como é que os enquadramentos se incrustam e se manifestam num texto, ou como é que influenciam o pensamento”.

Contudo, apesar de um difícil reconhecimento sobre a forma como esses enquadramentos acontecem, seguem atuando de forma significativa nas concepções construídas por parte da sociedade. Assim, conforme o veículo pelo qual o cidadão se informa, suas percepções, e até mesmo opiniões, sobre um mesmo fato, tornam distintas.

Por sua vez, Denis McQuail (2003), atenta para o fato de que, ao enquadrar acontecimentos, a mídia, ainda que tendo papel altamente influente na construção social da realidade nas sociedades contemporâneas, apenas apresenta as informações dentro de um certo enquadramento. Porém, são os próprios indivíduos – leitores – que interpretam as notícias, uma vez que não se pode considerar que as reações a uma mesma notícia sejam homogêneas.

Este paradigma emergente dos efeitos tem dois aspectos principais. Primeiro, os media “constroem” formações sociais e mesmo a própria história, ao fixarem imagens da realidade de formas previsíveis e padronizadas. Em segundo lugar, as pessoas nas audiências constroem para si próprias a sua visão da realidade social e o seu lugar nela, em interação com as construções simbólicas oferecidas pelos media (MCQUAIL, 2003, p. 427).

No entanto, não se deve entender esse movimento de interação posicionando os veículos comunicacionais como relativistas (GONÇALVES, 2011), visto que é sabido por parte de tais que o enquadramento dado a um fato pode modificar as visões de mundo e até mesmo atitudes da audiência. Assim, assumindo o pressuposto de que, apesar do enquadramento pelo qual a informação é exposta, há também um papel importante da forma como ela é interpretada por parte de quem a recebe. Assume-se que no processo de informar, a produção de sentido é feita tanto pelos comunicadores quanto pelos receptores.

Entretanto, de tal modo, pode-se relacionar ambos - enquadramento da notícia pela mídia e recepção da informação por parte do público - como sendo parte de um processo que têm influxo mútuo.

3.6 Circulação dos discursos midiáticos

Ao olhar para o modo como se dá este processo comunicacional de produção e recepção, percebe-se que em um terceiro momento é identificada a existência de uma circulação destes sentidos. Assim, neste espaço os atores sociais acabam por ressignificar – através de seu próprio imaginário - as narrativas a quais tiveram acesso.

Como descrito por Ana Paula da Rosa (2016, p. 65) “a circulação surge quando há troca, isto é, reconhecimento de um valor, sempre que produção e recepção se dizem de acordo. Isto implica dizer que a circulação é um processo de igualdade em

que produção e reconhecimento se ligam.”. De tal modo, pode-se evidenciar a circulação discursiva como sendo, essencialmente, a produção de sentidos.

Entendemos que a circulação não é um lugar, uma vez que não há formas de retenção, nem um espaço físico ou fechado para circular objetos. A circulação consiste exatamente na disputa, no embate pela produção de sentido que se realiza no âmbito dos dispositivos midiáticos (ROSA, 2017, p. 3).

Dentro da sociedade midiaticizada em que atualmente vivemos, a circulação passou a, de certa forma, ampliar seu modo de operação, uma vez que ela não mais segue um modelo linear. Antes, a interação dos leitores com os produtores de conteúdo eram realizados através de dispositivos específicos. No entanto, hoje o público leitor, além de consumir as narrativas, se apropria delas e dá a elas novas interpretações (BORELLI; DIAS, 2018).

Portanto:

Nesta “arquitetura comunicacional” a midiaticização vai dando nova conformação à organização social e ao seu funcionamento gerando, de modo complexo, mutações nas condições de circulação de sentidos. Os efeitos intensos de tecnologias convertidas em meios, cujas lógicas afetam práticas sociais diversas, chamam atenção para possibilidades de interação nos quais seus polos constituintes realizam, segundo horizontes imprevisíveis, o trabalho de transação de sentidos. Um dos efeitos da midiaticização em processo é o fato de suas manifestações suscitarem interrogações e primeiras hipóteses sobre tal “arquitetura”, especificamente as percepções que apontam a circulação indo além de uma “zona de passagem” – ou apenas, como um “elo intermediário”, conforme assim entendiam estudos de orientação funcionalista. (FAUSTO NETO, 2018, p. 15).

Assim, as lógicas que guiavam a produção jornalística também foram sendo adaptadas a este modelo de circulação discursiva. De tal modo, os jornais se tornaram parte da relação que permeia a circulação não apenas como produtor: tendo acesso ao modo como o seu leitor pensa sobre o que o jornal pauta – e, ainda, sobre a forma como ele pauta - os veículos passaram a também se apropriarem dos sentidos produzidos pelos atores.

O conceito de circulação tornou-se, então, norteador, pois deparou-se com um cenário em que os jornais não só precisam desempenhar a sua função tradicional de produzir notícias, mas também desenvolver estratégias discursivas específicas para manter e ampliar o contato com os leitores que o interpelam nos ambientes digitais. (BORELLI; DIAS, 2018, p. 99).

Desta forma, considerando que a mídia está inserida nos processos de construção social da realidade, a circulação - do modo como é feita dentro do ambiente midiático - possibilita aos atores sociais que contestem a reprodução destes e possam contribuir para que outros discursos sejam propagados.

Mesmo que a oferta discursiva do jornal já possua determinada projeção e que esses discursos tomem forma por meio de um dispositivo de enunciação, há incompletudes, visto que as notícias chegam a públicos heterogêneos através de dispositivos distintos, o que remete a atravessamentos nesse processo interacional que outrora era mais determinado (da instância da produção para a da recepção). Com a crescente possibilidade de interação com as mídias, especialmente nos ambientes digitais, os leitores não só fazem circular discursos produzidos pela mídia, mas acoplam (LUHMANN, 2005) a eles outras projeções e olhares a partir de apropriações singulares, como comentários, interpelações, críticas ou elogios. (BORELLI; DIAS, 2018, p. 99).

Quando posto em consideração veículos hegemônicos e contra-hegemônicos, percebe-se que o modo como a circulação se dá em cada um deles é distinta. Visto que os jornais tradicionais costumam falar com um público mais abrangente e, portanto, com posicionamentos variados, há uma maior probabilidade de que haja disputas simbólicas por sentidos. Esta disputa, ainda, pode ocorrer tanto entre ator *versus* mídia quanto entre os próprios atores sociais.

4 PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 Método

Os primeiros movimentos que resultaram nesta pesquisa, levaram em conta observações sobre os diferentes modos como as narrativas jornalísticas são construídas. Considerando, então, em análises prévias, que veículos comunicacionais com perspectivas distintas conduziam seus textos, sobre um mesmo assunto, por óticas também distintas, foi inferido que esse processo ocorre por conta dos valores e interesses aos quais estes meios estão conectados.

Assim, pode-se conceituar tal pesquisa como tendo partido de um ponto de vista hipotético-dedutivo. O método definido por Karl Popper (1972, p. 12), é caracterizado quando

[...] o cientista, através de uma combinação de observação cuidadosa, hábeis antecipações e intuição científica, alcança um conjunto de postulados que governam os fenômenos pelos quais está interessado, daí deduz ele as consequências por meio de experimentação e, dessa maneira, refuta os postulados, substituindo-os, quando necessário, por outros, e assim prossegue.

Advindo desta interpretação, a percepção de que movimentos sociais, uma vez que carregam em sua essência ideologias políticas, tinham seus discursos reproduzidos pela mídia tradicional de forma mais distante e pela mídia alternativa com maior aproximação, originou a hipótese de que as narrativas formuladas levam em consideração as questões mercadológicas as quais estão submetidas.

Deste modo, deduziu-se que a mídia alternativa, por não ter grandes vínculos financeiros com outras empresas, noticia os movimentos sociais conforme suas próprias visões, que, normalmente, vão ao encontro das de tais grupos. Por outro lado, entendeu-se que a grande mídia, por estar inserida em um sistema financeiro dependente de parceiros que, por sua vez, possuem afinidade ou não com alguns temas, é mais propensa a divulgar os fatos de um modo que proteja seus interesses de mercado. Assim, depreendeu-se que, por vezes, as narrativas adotadas por meios de comunicação tradicionais se afastam dos ideais de movimentos sociais e costumam tratá-los com um certo tom acusatório.

No entanto, a estas observações iniciais não se pode reputá-las como sendo generalizadas, uma vez que cada veículo comunicacional possui seus métodos e políticas próprias quanto ao modo de construção de narrativas e de gerenciamento de questões mercadológicas. Por isso, a fim de testar as hipóteses previamente observadas, para o andamento desta pesquisa foram selecionados um movimento social, um veículo de comunicação tradicional e um veículo de comunicação alternativo.

Dentro dessa lógica, Antonio Carlos Gil (2008, p. 12) definiu que:

[...] quando os conhecimentos disponíveis sobre determinado assunto são insuficientes para a explicação de um fenômeno, surge o problema. Para tentar explicar as dificuldades expressas no problema, são formuladas conjecturas ou hipóteses. Das hipóteses formuladas, deduzem-se consequências que deverão ser testadas ou falseadas. Falsear significa tornar falsas as consequências deduzidas das hipóteses.

Assim, olhou-se para os conteúdos relacionados à ocupação produzidos pelos dois jornais selecionados, buscando compreender de que modo as narrativas estavam sendo construídas e as questões referentes ao teor e periodicidade das informações divulgadas. No decorrer do estudo, considerando que a ocupação também possui um meio pelo qual faz sua comunicação com a sociedade, fez-se importante observar o que é por elas compartilhado no ambiente digital, assim, podendo comparar as dissemelhanças entre as narrações que partem de dentro do movimento social para a com as divulgadas pelos veículos jornalísticos.

Durante o movimento de buscar uma compreensão mais ampla – teórica, em um primeiro momento – sobre quais os fatores que poderiam contribuir para o modo como os veículos jornalísticos abordavam o assunto em questão, começou a ser observada uma necessidade de também avaliar a forma como o público de tais veículos se comportava ao se deparar com as notícias sobre a ocupação *Mulheres Mirabal*. Tornou-se, então, fundamental analisar o conceito de circulação neste contexto, inferindo que isto traria mais clareza ao campo de observação que se referia ao comportamento dos meios de comunicação.

Enquanto se pensava o modo de olhar a suposição levantada, na construção do suporte teórico da pesquisa foi-se aos poucos observando os pontos jornalísticos que se aproximavam do tema e, portanto, ao serem aprofundados, auxiliavam na sua

compreensão. Optar por regressar ao entendimento do que o jornalismo em si significa dentro de uma sociedade, bem como seus valores e suas transfigurações dentro dos cenários aos quais ele é inserido, pareceu relevante para avaliar o que é nele – ou parece ser – de fato irrefutável e o que é apenas uma imagem que se tem dele. Buscar colocá-lo em observação dentro de processos da modernidade, como a circulação dos discursos nos meios digitais, também foi um critério tido como substancial para alcançar elementos centrais no confronto da hipótese levantada pelo trabalho.

Ainda dentro do processo de pesquisa, conforme a ocupação *Mulheres Mirabal* – que se mantinha (e continua a se manter) em constante atividade – expunha as trajetórias pelas quais atravessava, as maneiras de olhar para a hipótese inicialmente levantada por este trabalho, se ampliavam. Assim, na busca por suportes racionais e empíricos que pudessem clarear a questão aqui tratada, os pontos de observação foram se adequando e tomando forma.

Portanto, além da coleta e observação de dados dos textos jornalísticos dos veículos comunicacionais selecionados contrapostos entre si e entre os conteúdos apropriados pela ocupação, e da análise sobre a forma como os atores sociais interagem com o enquadramento dado aos acontecimentos, decidiu-se que para opulentar a análise, poderia ser realizado entrevistas com os objetos de estudo em questão. Assim, por fim, buscou-se ouvir pessoas de dentro da ocupação e dos veículos comunicacionais abordados, como forma de auxiliar na construção analítica proposta.

4.2 Tipo de Pesquisa

A pesquisa em questão apresenta um estudo de caso, uma vez que busca olhar para a ocupação *Mulheres Mirabal* como ponto central de observação para compreender como são construídos os diferentes comportamentos apresentados por veículos de comunicação de naturezas díspares na narração de movimentos sociais.

Como bem pontuado por Howard Becker (1997), na observação de um estudo de caso, é necessário se atentar ao fato de que, durante a investigação, fatores que não eram sequer esperados, se mostram dados relevantes ao andamento do estudo. Por isso, em estudos com o propósito de analisar um caso, deve-se concentrar em

selecionar os problemas aos quais se quer ater e pesquisar, tomando consciência de que o caminho para estudar e compreender todas as problemáticas que irão se desdobrar é um tanto utópico.

A meta abrangente do estudo de caso, contudo, mesmo que não seja alcançada, tem consequências importantes e úteis. Prepara o investigador para lidar com descobertas inesperadas e, de fato, exige que ele reoriente seu estudo à luz de tais desenvolvimentos. Força-o a considerar, por mais que de modo rudimentar, as múltiplas interações dos fenômenos específicos que observa. E evita que ele faça pressuposições que podem se revelar incorretas sobre questões que são relevantes, ainda que tangenciais, para seus interesses principais. Isto acontece porque um estudo de caso quase sempre fornece alguns fatos para guiar estas pressuposições, enquanto os estudos com procedimentos de coleta de dados mais limitados são obrigados a pressupor o que o observador que faz o estudo de caso pode verificar (BECKER, 1997, p. 119).

Ainda nesta linha, Howard Becker (1997) salienta que, se tratando de um estudo de caso, a pesquisa baseia-se em fazer uma análise detalhada dos objetos escolhidos dentro do contexto proposto, explorando o assunto em questão de maneira abrangente e, assim, obter o conhecimento desejado por meio desse processo. Por meio disto, como observador do caso que está ocorrendo dentro da sociedade, ao realizar este tipo de pesquisa, o autor adquire acesso ao conhecimento de uma enormidade de outros fenômenos que ocorrem dentro do que está sendo observado, mas que parecem estar intrínsecos ao processo quando o mesmo é observado superficialmente.

Por isso, ao decorrer deste estudo, durante a coleta e observações dos dados, no encontro de novos entendimentos sobre o assunto, foi se desenvolvendo novas percepções em relação às respostas e soluções que poderiam ser direcionadas ao problema levantado.

É um truísmo dizer que os procedimentos de análise e teste tomam sua forma a partir do problema que se está tentando resolver. É mais importante indicar a variedade de problemas tipicamente encontrados na análise de material oriundo da observação e os meios pelos quais eles podem ser resolvidos. Os materiais de observação, uma vez que são geralmente reunidos durante um longo período de tempo, podem ser analisados sequencialmente. Isto é, a análise não precisa esperar pelo término da coleta de dados, mas pode se realizar paralelamente a ela; resultados de análises anteriores podem ser usados para dirigir outras operações de coleta de dados. Problemas diferentes surgem nos diferentes estágios da pesquisa (BECKER, 1997, p. 123).

Nos estudos que se dedicam a olhar minuciosamente para um caso, normalmente seu interesse final é ter a compreensão ampliada sobre o funcionamento de um movimento que parte de dentro da sociedade ou que conta com ela para se desenvolver (BECKER, 1997). Assim, a presente pesquisa também apresenta disposição em avaliar discursos jornalísticos em certos contextos presentes na sociedade, visando expor mais sobre a regularidade de tais métodos e de suas estruturas sociais.

4.3 Técnica de coleta de dados

A primeira etapa definida pela pesquisa, foi a demarcação de um período temporal para a coleta de materiais analisáveis. Portanto, definiu-se que seriam avaliados os conteúdos publicados pelo *Facebook* e *Instagram* da ocupação *Mirabal* a partir de 25 de novembro de 2016 – data do início da ocupação -, até o momento recente, 25 de maio de 2020 (a ocupação segue suas atividades, no entanto, a pesquisa precisou estabelecer uma data limite por conta de sua finitude).

Assim, em um primeiro momento, buscando entender como a ocupação *Mulheres Mirabal* utiliza o espaço digital para comunicar suas atividades e procurar ser reconhecida pela sociedade, fez-se necessário tornar suas redes sociais o ponto de partida da análise desta pesquisa. Portanto, após encontrar o *Facebook* e o *Instagram* do movimento, fora necessário chegar até a primeira publicação de cada uma das redes. Começando pelo *Facebook*, foram lidas, analisadas e documentadas, uma a uma, todas as publicações presentes na página “*Casa de Referência da Mulher – Mulheres Mirabal*”. Seguindo a ordem cronológica das publicações, olhou-se detalhadamente para o que era comunicado e a forma como a comunicação estava sendo feita. De tal modo, fora observado se havia a existência de uma rotina de publicações, padrões a serem respeitados, bem como o tipo de assunto que era abordado.

Além de observar a interatividade por parte dos atores sociais – evidenciando o crescimento da página e seus comportamentos frente as publicações - fora dada atenção especial ao conteúdo jornalístico encontrado. Assim, procurou-se entender quais eram os veículos que tinham maior presença dentro do espaço da *Mirabal* e

como eram tratados pelo movimento e por seus seguidores. No *Instagram*, apesar de haver um menor fluxo de publicações, fora procurado observar os mesmos pontos.

Assim, depois de, de fato, conhecer a trajetória comunicacional da ocupação, foi preciso também buscar compreender como se dão as construções jornalísticas das mídias selecionadas sobre a ocupação *Mulheres Mirabal*. Portanto, fez-se necessário analisar cuidadosamente as escolhas feitas por cada uma delas durante todo o processo de desenvolvimento dos textos, desde suas escolhas por pautas até as palavras usadas em sua edição.

Deste modo, foi efetuada uma busca dentro dos *sites* de cada um dos jornais e em um navegador de internet por termos relacionados à ocupação *Mirabal* juntamente com o nome dos veículos. Todas as reportagens encontradas que foram publicadas dentro do período acima mencionado (de 25 de novembro de 2016 a 25 de maio de 2020), foram selecionadas. Assim, buscando manter um padrão na forma de análise para facilitar o modo de comparação posteriormente, fora observado, basicamente, as mesmas questões visitadas nas redes sociais da *Mirabal*.

Tendo acesso a – acreditasse - todas as reportagens sobre a ocupação *Mulheres Mirabal* publicadas pelos veículos comunicacionais que estão sendo estudados, o primeiro ponto analisado através desta coleta é a periodicidade com que são lançadas estas notícias. Assim, durante esta primeira observação, já se pode identificar quais as pautas relacionadas a ocupação que foram abordadas por cada um dos jornais. Dentro deste detalhamento, também pode-se ater as manchetes das matérias, analisando as palavras selecionadas e, assim, os sentidos para os quais a atenção das reportagens era voltada.

Para uma melhor visualização da ordem cronológica de todas as publicações das matérias dos jornais *Sul21* e *GaúchaZH* em relação entre si e entre as ordens dos acontecimentos da ocupação noticiados em seu *Facebook*, foram criados quadros informativos. Neste esquema, foi colocado mês a mês - desde o início da ocupação até a data que a pesquisa analisa -, a data do que acontecera e fora importante para *Mirabal*, e ao lado, a data e o título da matéria que foi publicada por cada um dos dois jornais – caso tenha sido publicado algo. Quanto aos acontecimentos da *Mirabal* que foram escolhidos para colocar nesta relação, foram escolhidos os momentos em que a ocupação demonstrou terem maior importância.

Após enquadrar os dados coletados, passou-se a colocar a atenção sobre o conteúdo dos textos em si. Na busca por entender sua estruturação, o primeiro objeto observado foram as fontes contatadas, procurando entender quando foram acionadas pessoas relacionadas ao Estado e as vezes que foram utilizadas fontes de dentro ou relacionada com a ocupação. Assim, passou-se a olhar para as reportagens de maneira mais aprofundada, lendo-as e sinalizando a escolha de palavras, como os adjetivos utilizados para caracterizar ou qualificar a ocupação, bem como a extensão dos textos e a presença ou não de conteúdo multimídia.

Partiu-se, então, para a análise da circulação dos conteúdos. No meio digital, o controle da circulação pode ser observado através dos comentários que as publicações recebem dos atores sociais. Desta maneira, já durante a análise dos materiais acima mencionados, fora verificado se havia interação em tais publicações. Fez-se, também, necessário observar se as reportagens feitas por ambos os veículos analisados eram publicadas em suas respectivas páginas do *Facebook*, a fim de entender se seus leitores realizavam trocas comunicacionais através da rede social

Por fim, com a intenção de ter uma visão ampliada para além do campo observatório, buscou-se ir para uma análise através de entrevistas realizadas com pessoas de dentro de cada instituição que serviu como objeto de pesquisa neste trabalho. Para isso, o primeiro passo foi selecionar as possíveis fontes: assim, foi procurado dentro das reportagens os jornalistas que mais haviam noticiado a *Mirabal* em cada um dos dois veículos, e, em relação a ocupação, foi buscado conhecer quem eram as coordenadoras presentes desde o início do movimento. Disponibilizou-se que a entrevista ocorresse da maneira mais cômoda aos entrevistados, apenas determinando que seria presencial a entrevista a ser realizada com a integrante da *Mirabal*, no intuito de conhecer a ocupação.

Já a respeito da elaboração dos questionamentos, após já ter certo conhecimento sobre os objetos e as relações compartilhadas entre si, elegeu-se os pontos mais relevantes. De tal modo, evidenciou-se que era, além de tudo, importante entender como eram definidos os procedimentos ao qual não temos acesso apenas analisando as reportagens e publicações. Assim, buscando, para além de presumir, conhecer quais aspectos guiam as práticas.

4.4 Tática de abordagem

Buscando entender de que forma a ocupação *Mulheres Mirabal* é retratada pelos jornais *Sul21* e *GaúchaZH*, além de observar o modo como a própria ocupação constrói sua relação com a sociedade e, por fim, compreender os sentidos que estão em disputa entre estes e os atores sociais, esse trabalho se baseia na análise da circulação discursiva (VERÓN, 2004), apresentando também inspirações trazidas da análise de conteúdo (BARDIN, 1977), assim como do discurso que circula (BRANDÃO, 2004).

Assim, conforme Verón (2004) coloca, a quem deseja analisar discursos, pode ter como ponto de interesse ora o modo como um discurso foi produzido, considerando suas condições e sua “gramática de produção”, ora a leitura que é feita de tal discurso, neste observando a “gramática de reconhecimento”. No entanto, a quem interessa olhar para ambos – como no caso desta pesquisa -, passa a levar em conta o processo de circulação.

De fato, a circulação, no que diz respeito à análise dos discursos, só pode materializar-se sob a forma, justamente, da diferença entre a produção e os efeitos dos discursos. Em outras palavras, uma superfície discursiva é composta por marcas. Tais marcas podem ser interpretadas ora como traços das operações de produção, ora como traços que definem o sistema de referências das leituras possíveis do discurso no reconhecimento. Melhor dizendo, não há traços da circulação: esta se define como a defasagem, num dado momento, entre as condições de produção do discurso e a leitura feita na recepção. (VERÓN, 2004, p. 53)

De tal modo, ao considerar a análise da circulação discursiva, tem-se interesse em olhar para os comentários deixados nas plataformas onde podem ser encontradas as narrativas jornalísticas que estão sendo observadas. Assim, busca-se evidenciar se os discursos produzidos pelos jornais têm seus sentidos questionados frente aos discursos dos atores sociais.

Ainda, no entendimento de Bardin (2011), na análise de conteúdo busca-se compreender as características e fundamentos que estão por trás das mensagens que estão sendo consideradas. Assim, ao acionar algumas perspectivas presentes neste estudo, a pesquisa passa olhar para o conteúdo a ser analisado de forma quantitativa, na busca por informações que exponham a frequência com que certos elementos aparecem, com o intuito de melhor compreender o intuito de seu uso dentro do texto.

Ademais, quando inspirada pela análise de discurso, a pesquisa busca analisar as circunstâncias na qual estrutura discursiva está inserida. Para Brandão (2004, p.11) “a linguagem enquanto discurso é interação, é um modo de produção social. Ela não é neutra e nem natural, por isso o lugar privilegiado de manifestação da ideologia”. Assim, o trabalho a aborda para compreender o significado que os discursos de ambos os jornais levam, levando em consideração o contexto político-social em que estão inseridos.

Em um primeiro momento da pesquisa, para uma melhor compreensão sobre o que é a ocupação *Mulheres Mirabal* e quais são seus interesses, é realizado uma análise do conteúdo que é postado na página oficial da ocupação no *Facebook*. Tendo esse entendimento sobre a caracterização do caso estudado e sua posição, o trabalho parte para a análise dos jornais com o intuito de compreender melhor o posicionamento de cada veículo, mesmo já sabendo que um se trata de grande mídia e outro, de mídia alternativa.

Após entender o viés de cada jornal analisado, o trabalho parte para a análise das reportagens em si. A pesquisa busca olhar para os recortes que estão sendo feitos para narrar os acontecimentos na ocupação e em como se dá os enquadramentos sobre a situação. É realizado uma leitura que busca a ‘descrição-interpretação’ do conteúdo analisado, visando observar como cada um dos jornais busca se posicionar na narrativa da ocupação, destacando o que é dito e o que é deixado de dizer por eles.

Também a partir desta leitura, fica mais claro observar e apontar expressões utilizadas que contenham unidade de sentido e desencadeiam os enquadramentos pelos quais as matérias são conduzidas e que podem evidenciar o que cada um dos jornais está tentando marcar em seus textos. Em sequência, é contado quantas vezes elas foram usadas por cada jornal. Do mesmo modo, observa a frequência com que se é utilizado fontes oficiais e fontes não-oficiais em cada um deles.

Tendo os resultados de todas as análises e também da utilização da teoria do *Newsmaking*, a pesquisa pode concluir de que forma ocorre a circulação e disputa de sentidos envolvendo os objetos, e ainda refletir de forma mais profunda sobre como cada um dos meios digitais se difere frente a narrativa de tal movimento social, bem como o modo que o próprio movimento se projeta na sociedade midiaticizada.

4.5 Limitação de método

Dentro dos métodos escolhidos para realizar a análise desta pesquisa, alguns fatores e circunstâncias fizeram com que ela fosse restringida.

Assim, a primeira limitação do método identificada pelo trabalho se deve ao fato do olhar da autora frente ao que é encontrado. Tem-se de levar em conta que há uma subjetividade no modo como cada indivíduo enxerga o mundo e seus acontecimentos, mesmo que dentro de pesquisas científicas. Por isso, ainda que não intencionalmente, é preciso ressaltar que as suposições e conclusões expostas pela pesquisadora tendem a apresentar certa parcialidade e poderiam ter outros resultados caso tivessem sido analisadas por outra pessoa.

Também, devido a multiplicidade de materiais selecionados, as análises de tais não chegam a esgotar o assunto. No entanto, isso ocorre pois foi evidenciado que mais de um tópico se mostrava pertinente para chegar a uma resposta mais próxima da questão inicial levantada. Assim, ao invés de se escolher apenas um ponto e analisa-lo com profundidade, fora optado por analisar a todos de forma mais superficial, porém criando um contexto mais abrangente.

Em relação as entrevistas realizadas como método de análise, foram encontradas algumas barreiras que modificaram a idealização inicial. Apesar de em um primeiro momento a pesquisa ter relato desejar ouvir um representante de cada um dos três objetos analisados, foram conseguidos conversar com apenas uma pessoa de dentro da ocupação e uma pessoa de dentro do veículo alternativo *Sul21*.

No entanto, em mais de um momento foi buscado contato com duas possíveis representantes do jornal hegemônico *GaúchaZH* mas não foi obtido sucesso. Embora inicialmente tenha havido um retorno de uma das jornalistas, a comunicação foi descontinuada por parte dela. Tais tentativas se deram por meio de *e-mails*, chamadas telefônicas, através de aplicativo de troca de mensagens e inclusive por meio de intermédio de colegas de trabalho delas.

Ainda, a entrevista realizada com uma das coordenadoras do movimento, inicialmente havia sido marcada para ocorrer presencialmente, acompanhada de uma visita pela ocupação. No entanto, o encontro precisou ser remarcado devido a

problemas pessoais enfrentados pela autora da pesquisa. Já em um segundo contato, devido a pandemia da Covid-19, só foi possível realiza-la por meios eletrônicos.

Assim, a par dos obstáculos a serem enfrentados, a pesquisadora se mantém consciente da existência desses e procura trabalhar de forma a encontrar, quando possível, resoluções que auxiliem na obtenção de dissoluções adequadas.

5 ANÁLISE DOS OBSERVAVEIS

Aprofundando os conhecimentos em relação aos acontecimentos e fatos ocorridos na ocupação *Mulheres Mirabal* e nas narrativas construídas pelos jornais *GaúchaZH* e *Sul21*, com o auxílio de perspectivas teóricas previamente estudadas, torna-se, neste momento, possível olhar tal contexto de modo ampliado. Isto se faz necessário para melhor avaliar a forma como o movimento é exposto frente a sociedade e compreender quais lógicas jornalísticas estão sendo mobilizadas neste caso.

Ao partir para as observações dos materiais selecionados, fez-se fundamental organizá-los em *frames* temporais para dar conta de explicar o processo. Assim, em um primeiro momento, buscou-se mostrar, de forma separada, o que as integrantes da ocupação *Mirabal* comunicaram através de suas redes sociais e o que foi publicado sobre o movimento nos veículos comunicacionais escolhidos. A partir disto, foi possível expor de maneira reflexiva como a circulação destes conteúdos se constituiu no meio digital. E, por fim, procurou-se também se apropriar das escolhas feitas antes da construção destas comunicações.

Desse modo, contextualizando mais profundamente o movimento e as reportagens selecionadas, observando a forma como os atores sociais se posicionam e ouvindo pessoas que se encontram dentro do quadro analisado, pode-se ter um melhor entendimento sobre o modo como a ocupação *Mulheres Mirabal* é narrada e como ela é entendida.

5.1 O início da ocupação

No dia 25 de novembro de 2016, um grupo com cerca de 100 mulheres pertencentes ao *Movimento Olga Benário* ocupou um prédio privado no centro de Porto Alegre, até então, inativo há mais de dois anos. O objetivo delas era construir ali uma rede de apoio para mulheres que sofrem violência doméstica e não tinham nenhum local onde pudessem buscar ajuda. À ocupação, realizada no Dia Internacional da Não-Violência Contra a Mulher, deu-se o nome de ocupação *Mulheres Mirabal*, homenageando três irmãs dominicanas que se tornaram símbolo dessa luta e dessa data - como já referido no capítulo 2, na contextualização do objeto.

Além do acolhimento, a ocupação vinha também em forma de protesto – o que faz parte da natureza de movimentos sociais. A indignação das mulheres se referia a uma dita falha da prefeitura da capital gaúcha em não oferecer locais suficientes para atender a real demanda de mulheres em situação de vulnerabilidade. Denunciando, ainda, que as restrições impostas para as mulheres obterem acesso a essa proteção, acabava por deixar muitas mulheres necessitadas, desamparadas.

Com a ocupação em funcionamento, além de receber mulheres que haviam ficado sabendo da casa de referência por meio das redes sociais, muitas mulheres chegavam até lá levadas pela Delegacia da Mulher da cidade. Frente essa ação, observa-se um comportamento controverso por parte do município: ao mesmo tempo em que legitimidade da ocupação era colocada em questão por conta de ser um movimento social - tendo inclusive sua existência ameaçada -, era também, por eles mesmos, reconhecida como um serviço importante e necessário para a população.

Do início da ocupação - novembro de 2016 - até a data em que esta pesquisa se debruçou a analisá-la - maio de 2020 - passaram-se 3 anos e 6 meses. Durante esse período, o movimento de mulheres passou pela ocupação de um novo espaço e por cerca de cinco pedidos de reintegração de posse - enfrentando um ainda hoje.

No decorrer de todos esses acontecimentos, desde o primeiro momento a *Mirabal* se manteve gerando conteúdo informativo sobre o que se passava dentro da ocupação por meio de suas próprias redes sociais. Assim, o movimento usou do meio virtual para poder contar sua história.

Apesar de muito importar o que é dito - ou ainda, de que forma é dito - sobre um movimento social em veículos jornalísticos, o modo como a ocupação *Mulheres Mirabal* encontrou para fazer com que sua própria voz também fosse ouvida – através da internet -, parece ter feito a diferença para que seus apoiadores soubessem mais detalhadamente o que se passava com a ocupação.

Ainda que em suas redes sociais, *Facebook* e *Instagram*, a presença da mídia seja marcada de forma bem regular, as narrativas que a *Mirabal* produz sobre os acontecimentos que a envolvem, mostram-se bem articulados com o seu público. O modo como o movimento estabeleceu sua própria comunicação através da internet, as auxilia – até hoje - a se manterem ativas e visíveis.

5.1.1. Quem são as *Mirabal* – nas redes

Desde o primeiro momento em que a ocupação *Mulheres Mirabal* passou a existir na cidade de Porto Alegre, ainda no dia 25 de novembro de 2016, foi a ela atribuído - por suas coordenadoras - um espaço dentro do mundo digital por meio de uma página na rede social *Facebook*.

Apesar da *Mirabal* fazer parte do *Movimento de Mulheres Olga Benário – RS*, a página do *Facebook* do *Olga Benário*, nos primeiros momentos, auxiliou na divulgação da ocupação apenas compartilhando os *posts* publicados pelo *Facebook* da própria *Mirabal*. Por tanto, a primeira postagem referente ao surgimento da ocupação *Mirabal* – e, por consequência, também referente ao surgimento da ocupação *Mirabal* nas redes - foi por meio de seu próprio espaço digital.

Em sua página do *Facebook*, nomeada como “*Casa de Referência da Mulher – Mulheres Mirabal*”, a postagem de apresentação da ocupação é a de uma ilustração das três irmãs *Mirabal*. A imagem que, ainda hoje, continua sendo destaque na página do movimento, tornou-se também o símbolo que as representa.

Figura 7– Primeira postagem da *Mirabal* no *Facebook*



Fonte: *print screen* Ocupação Mulheres Mirabal/Facebook

A partir dessa dinâmica bilateral – entre espaço físico e espaço digital – adotada desde o princípio, a troca entre ambos pareceu assertiva ao levar para a rede social o que se passava fora dela, no intuito de através dela, ser reconhecida. Ali, em sua página do *Facebook*, a ocupação *Mirabal* passou a relatar, praticamente, tudo o que acontecia dentro da casa e, também, fora dela – na Justiça.

Apesar das postagens não terem sido iniciadas durante o momento em que a ocupação do prédio estava acontecendo, após o local já estar ocupado, foi por elas compartilhada uma publicação do *Coletivo Catarse* onde ficava visualmente relato algumas cenas de como a ação acontecera.

A *Catarse* trata-se de um coletivo de comunicação não-hegemônico que busca, entre outros, criar projetos juntamente com movimentos sociais. No vídeo em questão, apareciam algumas imagens do momento em que as mulheres chegaram até o prédio e iniciaram a ocupação de forma pacífica. Além de ser o único registro compartilhado na página da *Mirabal* com imagens da ocupação sendo realizada, é também o primeiro local onde, de fato, as mulheres aparecem defendendo as pautas que as levaram até aquele momento.

Figura 8 – *Post* do momento da ocupação do prédio



Fonte: *print screen* Ocupação Mulheres Mirabal/Facebook

Nas dezenas de postagens que seguiram sendo compartilhadas no *Facebook* da *Mirabal* durante o primeiro dia da ocupação, vale salientar que a maioria delas frisavam em seu conteúdo os motivos que haviam levado as mulheres a ocuparem o prédio e o objetivo por trás do movimento. Assim, pareciam estar usando o espaço para esclarecerem suas motivações, evidenciarem suas reivindicações e tentarem alcançar apoio da sociedade.

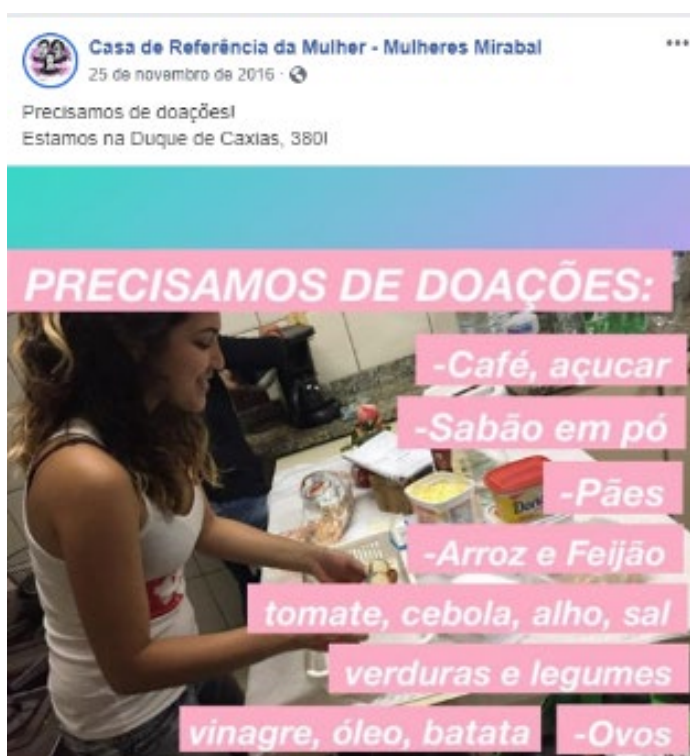
Figura 9 – Postagem de apresentação da ocupação *Mulheres Mirabal*



Fonte: *print screen* Ocupação Mulheres Mirabal/Facebook

Apesar de, tanto a ocupação quanto a página ser recentes naquele momento, é possível perceber que houve, de imediato, uma movimentação de pessoas que reconheceram a legitimidade do movimento e buscaram apoiá-lo, atendendo as necessidades que a *Mirabal* apontava. Em postagens que solicitavam doações, foram observados uma série de comentários dando suporte a ocupação.

Figura 10 – Postagem da *Mirabal* solicitando doações



Fonte: *print screen* Ocupação Mulheres Mirabal/Facebook

Figura 11 – Comentários de apoiadores sobre doações



Fonte: *print screen* Ocupação Mulheres Mirabal/Facebook

Nota-se que, desde esse primeiro momento, há um fluxo de interação positivo nas publicações do *Facebook* da *Mirabal*. Olhando as postagens no decorrer do tempo, vê-se que maioria delas possuem um número relativamente alto de compartilhamentos – entre 100 e 250 - e contam com, em média, 80 *curtidas* em cada postagem.

Brevemente explicitando o conceito de alguns elementos de interatividade presentes no *Facebook*, as opções de “*curtir*” ou de “*seguir*” uma página, significam que a pessoa que fizer algum desses passará a acompanhar as postagens feitas por aquele perfil. Já os compartilhamentos se referem a publicar em seu próprio perfil do *Facebook* algo que fora originalmente postado por outro perfil.

Em relação aos comentários, também foi percebido um certo padrão, desde as primeiras publicações até as mais atuais: apesar de serem mais restritos a certas publicações – como as com pedidos de doações - e não serem muito numerosos, costumam demonstrar apoio ao movimento. Nenhum comentário negativo sobre a ocupação foi encontrado dentro da página da *Mirabal*.

Já o alcance da página, foi notado uma ascensão rápida em seu início. Com postagens muito regulares – desde o princípio e até o momento presente -, no primeiro dia de ocupação foram publicadas duas comemorações ao número de pessoas que já haviam “*curtido*” a página. Primeiro compartilharam um *post* em que celebravam 800 *curtidas*. No segundo, compartilhado pela página instantes depois, comemoraram 1.000 *curtidas*. Já no segundo dia de ocupação, o movimento atingiu 2.000 *curtidas* no *Facebook*.

Atualmente, com a ocupação existindo a mais de 3 anos, a página conta com 14.122 *curtidas* e 14.509 *seguidores*. Com um crescimento expressivo e uma quantidade razoável de pessoas que acompanham as publicações do movimento - e que, por conseguinte, demonstram apoiá-lo -, o *Facebook* da *Mirabal* continua seguindo, de certa forma, o mesmo modelo de publicações que realizou em seu primeiro dia.

Geralmente, as publicações, além do texto, contam com ilustrações, fotos ou vídeos. Também evidenciou-se que as imagens compartilhadas costumam mostrar as coordenadoras e a casa. Quanto as mulheres acolhidas, quando aparecem em fotos são mostradas se envolvendo em atividades disponibilizadas pelo movimento, sem

estarem no foco da imagem de forma individual. Há, aparentemente, um cuidado para não expô-las publicamente.

As constantes publicações parecem simbolizar que a existência de uma página no *Facebook* para a ocupação carrega o intuito de relatar por si só - sem uma segunda mediação - o que se passa dentro do movimento. Além disso, há uma aparente busca por apoiadores que possam contribuir tanto com donativos quanto com trabalhos voluntários. Viu-se também que muitas postagens são realizadas chamando seu público para se juntarem a atos em forma de resistência, como nos momentos em que receberam ordens para reintegração de posse.

A *Mirabal* manifesta ter uma grande variedade de programação dentro da casa. Estas, além de serem destinadas para as mulheres acolhidas, também costumam ser abertas ao público. Portanto, boa parte das publicações realizadas pelo movimento envolvem a divulgação de eventos, feiras, aulas e palestras (com assuntos como: violência contra mulher, saúde da mulher, política, políticas públicas e feminismo), além de outras tantas que relatam participações em manifestações.

Ademais, a página também divulga o trabalho das mulheres acolhidas - de serviços domésticos à venda de alimentos -, buscando ajudá-las a alcançar independência financeira. Entre essas publicações, são, também, regularmente postadas listas de donativos requeridos, *posts* comemorativos ao número de seguidores atingidos e celebrando o tempo de existência da ocupação.

Ainda no início da *Mirabal*, houveram postagens mostrando as coordenadoras divulgando o trabalho da ocupação em uma escola pública e em um bairro de Porto Alegre. A partir dessas postagens, evidenciou-se que, por parte delas, o movimento não é encarado apenas como um objeto a ser noticiado por veículos jornalísticos, mas ele próprio também é visto – e usado como – um meio midiático.

Atualmente, com a pandemia mundial da Covid-19 e, portanto, com a declaração de quarentena, há saído uma série de notícias que chama a atenção para o aumento da violência doméstica. Como essa é a pauta central do movimento, o conteúdo que a *Mirabal* vem compartilhando em suas redes tem tido modificações.

No intuito de ajudar mulheres que trabalhavam como diaristas e ficaram sem renda no momento, a *Mirabal* organizou uma campanha de arrecadação de doações. Nas publicações que estão sendo feitas em seu *Facebook*, ganharam destaque

informações sobre locais onde as mulheres podem buscar ajuda, como outros centros de referência para mulheres na região e delegacias. Já os eventos – agora realizados apenas por meio de plataformas digitais -, se destinam a falar sobre o enfrentamento da violência contra a mulher durante a quarentena.

O conteúdo informativo demonstrou sempre ter ganho destaque no *Facebook* da ocupação, tanto em relação ao que acontece com a situação da *Mirabal* quanto a fatos que envolvem as temáticas defendidas por elas. É comum encontrar pela página notas de esclarecimentos, postagens com teor denunciativo sobre comportamentos e decisões judiciais que afetam o movimento.

Foi, inclusive, por meio da página no *Facebook* que a ocupação *Mirabal* publicou em 25 de junho de 2018 uma “*Carta de Aceite*”, que também fora entregue à Justiça. Na carta, expressavam o posicionamento oficial da ocupação que, frente a uma ordem de reintegração de posse do prédio em que estavam instaladas, afirmavam que aceitavam e estavam dispostas a se mudarem para um imóvel do município. Tal imóvel havia sido oferecido para a *Mirabal* em reuniões do grupo de trabalho destinado a encontrar soluções para regularizá-las.

A carta, na íntegra, dizia:

Carta de aceite

Nós, representantes do Movimento de Mulheres Olga Benário, coordenadoras da Ocupação Mulheres Mirabal, considerando os riscos de uma iminente reintegração de posse solicitada em juízo pela Inspeção Salesiana e os andamentos do GT, estabelecido no dia 22.09.2017, viemos, por meio desta, aceitar a oferta conjunta do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e do Município de Porto Alegre, conforme ata de reunião do GT realizada no dia 30.05.2018 (em anexo), de cessão de uso do imóvel utilizado até então como sede da Escola Benjamin Constant, localizado na Rua Souza Reis, 132 – São João, Porto Alegre - RS, o qual foi visitado pelo Movimento junto a representantes do GT no dia 12.06.2018, conforme Relatório da visita (em anexo). O Movimento solicita que para a efetivação da cessão de uso, seja consertado o telhado e que a ligação da energia elétrica seja feita na forma comunitária, conforme sugerido pelo Coronel Jacques na reunião do GT do dia 08.09.2017, a fim de ser menos onerosa para o Movimento.

Quanto às adequações ao estatuto solicitadas para fins de um futuro convênio com os órgãos de assistência do Município, informa que, no último dia 17.06.2018, realizou assembleia de mulheres, na qual foram deliberados os pontos concernentes à sua alteração e conformidade com o serviço prestado, conforme Ata de Assembléia em anexo.

Assim, frisa-se que estamos operando todos os esforços a fim de manter a prestação do serviço de apoio às mulheres vítimas de violência, que não encontram vagas nos serviços oferecidos pela rede, e que nos encontramos dispostos(as) a aceitar o imóvel oferecido.

Ainda, a fim de evitar uma possível reintegração violenta e traumatizante para tantas mulheres e crianças que já se encontram em situação de vulnerabilidade - a qual foi novamente requerida pelos Salesianos na via judicial, na data de 01.06.2018 - requer-se sejam operacionalizados esforços para que a cessão e respectiva mudança para o novo imóvel ocorra o mais breve possível.

O Movimento, certo dos esforços para que a demanda das mulheres vítimas de violência seja atendida, agradece ao GT estabelecido por todo o apoio recebido.

Porto Alegre, 25 de junho de 2018. (OCUPAÇÃO MULHERES MIRABAL, 2018, Facebook CASA DE REFERÊNCIA DA MULHER – MULHERES MIRABAL)

A publicação da carta expressa bem o modo como a *Mirabal* usa as redes para deixar publicamente explícito suas ações e atitudes tomadas. Dias depois de tal postagem, as mulheres do movimento passaram a denunciar - novamente por meio de compartilhamentos no *Facebook* -, que a Prefeitura havia voltado atrás em sua decisão inicial de ceder o imóvel a elas.

Essa relação entre o que foi, em um primeiro momento, compartilhado pelo movimento, de forma pacífica, inclusive com agradecimentos ao grupo de trabalho que havia oferecido o novo local, em contraste com a resposta negativa da Prefeitura, gerou uma aparente validação da manifestação feita pela *Mirabal*. O desenrolar do episódio pareceu reafirmar e legitimar frente a sociedade, o motivo pelo qual a ocupação tem o cuidado de compartilhar publicamente em sua página as situações – e seus posicionamentos – que envolvem o município.

Ainda que o *Facebook* da *Mirabal* seja, provavelmente, acompanhado apenas por seus apoiadores e interessados no movimento, ele é um dispositivo midiático. Assim, o fato de a ocupação compartilhar esses momentos - documentados e de forma sequencial - ajudam na construção de narrativas completas quanto ao que se passa dentro do movimento.

Uma situação parecida aconteceu em 02 de março de 2020, após terem obtido acesso a um documento onde a Prefeitura não abria mão da reintegração de posse do mesmo prédio em questão acima (que, como acabara não sendo cedido pelo município, fora ocupado pela *Mirabal*). A ocupação fez uma longa postagem intitulada como “*Gestão do prefeito Marchezan Júnior ataca Mirabal novamente*”⁶, onde

⁶ Fonte: <<https://www.facebook.com/MulheresMirabal/posts/1100708636955934>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

relatavam os feitos da *Mirabal* e a forma como estavam sendo tratadas por parte do município.

Ainda nessa postagem, as mulheres rebateram o fato de que, segundo elas, “*Nelson Marchezan Júnior (PSDB) mente para toda a população da cidade de Porto Alegre quando lança nos principais jornais notícias de que respeita a vida das mulheres*”. Percebe-se que a crítica, apesar de ser diretamente dirigida ao prefeito da cidade, também é direcionada ao trabalho feito por alguns veículos jornalísticos, que reproduzem um discurso que é por elas considerado falso. Assim, pode-se, talvez, afirmar que muito do modo como a comunicação da *Mirabal* é feita – intensamente –, tem o objetivo de se mostrar como sendo “o outro lado da história”, de modo retratado e documentado.

Percebe-se que *Mirabal* busca postar o que acontece na ocupação em suas redes antes que algum veículo de comunicação o faça. No entanto, este comportamento, na maioria das vezes, não parece apresentar características que o torne – ou, ao menos, não o fazem parecer – defensivo. O que fica evidente é que as coordenadoras usam do espaço comunicativo que têm acesso para se manterem no controle das informações divulgadas sobre o movimento. Desta forma, fazem com que a laguna digital que ocupam seja legítimamente reconhecida como uma rede informativa sobre a *Mirabal*.

Mesmo utilizando o *Facebook* como um canal de vínculo interacional com seu público, comunicando os acontecimentos de dentro para fora de forma independente, há também a presença de matérias jornalísticas na página. Desde seu início, são comuns os compartilhamentos de reportagens relacionadas ao movimento e a assuntos de seus interesses.

Assim, a ocupação *Mirabal* aparenta ter uma relação próxima ao jornalismo. Além do compartilhamento de notícias em sua página, em outros momentos vê-se que a própria ocupação convocou a imprensa por meio de suas redes para uma coletiva. De certa forma, esse comportamento por parte da *Mirabal* demonstra que as lógicas midiáticas já estão internalizadas – e, até mesmo, apropriadas – pelo grupo.

Uma das postagens da página que evidencia este fato é quando, ao compartilhar uma reportagem produzida pelo jornal *Correio do Povo* que comunicava um pedido de reintegração de posse que havia sido expedido, foi escrito “*ajudem a*

compartilhar” na legenda. Isto posto, sugere que o movimento valida a força comunicativa de veículos jornalísticos.

Ainda que a página da *Mirabal* compartilhe notícias de diversos veículos jornalísticos, pode-se perceber que, em sua maioria, as mídias alternativas e, portanto, com posicionamentos políticos e ideológicos de esquerda são as que mais aparecem pelo decorrer da página. Dentre estas, o coletivo *Mídia Ninja* e o jornal *A Verdade* acabam se destacando.

A *Mídia Ninja* é um veículo comunicacional de esquerda, reconhecido, principalmente, por seus trabalhos em manifestações. Já o *A Verdade* é um jornal, também de esquerda, ligado aos movimentos sociais do Brasil e criado por um movimento que faz parte das ocupações organizadas no RS.

Ambos, *Mídia Ninja* e *A Verdade*, representam veículos que deslocam o eixo da reportagem, descentralizam-se, e que, portanto, são menos hegemônicos e comerciais. Em suas pautas, lidam com posicionamento político expresso e abordam muito assuntos do campo social. Assim, observando, vê-se que a ocupação parece partilhar dos mesmos ideais e que por trás dos compartilhamentos pode ser identificada uma ideia de pertencimento.

Em um dos casos, durante um momento no qual a ocupação *Mirabal* passava por um corte de luz provocado pela Prefeitura, em meio ao compartilhamento de matérias de variados veículos jornalísticos falando sobre o ocorrido, ao publicar a matéria feita pela *Mídia Ninja*, as mulheres colocaram a legenda: “*Obrigada, Mídia Ninja! Seguimos!*”, finalizando com o uso da *hashtag* “ResisteMirabal”.

O movimento expressou em seu *Facebook* certo apreço pela mídia alternativa em outros momentos. Um desses, ao compartilhar uma reportagem feita, justamente, pelo jornal *A Verdade*, a legenda expressava: “*Abaixo a mídia golpista! Viva a imprensa popular!*”. Mesmo sendo evidente a identificação do movimento com o jornal *A Verdade* – considerando suas veias ideológicas -, a frase reafirma também o posicionamento do grupo frente a discussão de mídia hegemônica e contra-hegemônica.

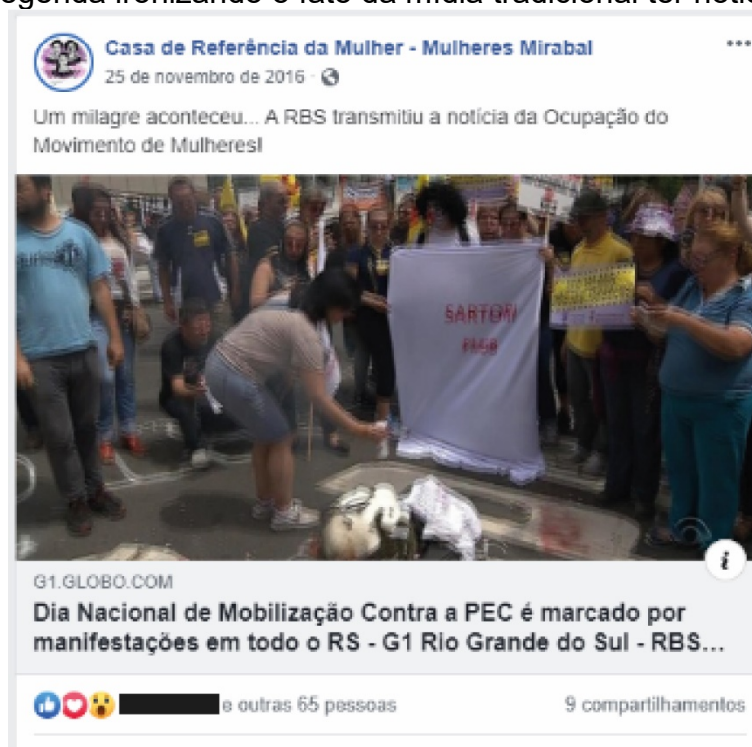
Essa aproximação foi ainda manifestada através de uma publicação onde a ocupação *Mirabal* divulgou um evento intitulado “*Mídias Alternativas do RS pela*

democracia”, em que anunciavam a participação como palestrante de uma das mulheres que coordenam o *Movimento Olga Benário*, do qual a *Mirabal* faz parte.

Contudo, ao olhar para os compartilhamentos, apesar das perceptíveis inclinações, vê-se que o movimento está mais interessado no que está sendo dito do que por quem está sendo dito. De fato, a *Mirabal* parece enfatizar seu apoio à existência das mídias que compartilham de seus ideais, porém, visto que a grande massa da população é normalmente alcançada pelos veículos midiáticos tradicionais – como já visto no *capítulo 3.1*, sobre a atuação do jornalismo frente a sociedade – também é interessante para o movimento que seja por estes noticiado.

Ainda no primeiro dia da ocupação nas redes, a página do *Facebook* da *Mirabal* compartilhou uma reportagem feita por um veículo tradicional. Na legenda da publicação era ironizado o fato da rede *RBS* – grupo do qual o *GaúchaZH* faz parte - estar noticiando a ocupação: “*Um milagre aconteceu... A RBS transmitiu a notícia da ocupação do Movimento de Mulheres*”.

Figura 12 – Legenda ironizando o fato da mídia tradicional ter noticiado a *Mirabal*



Fonte: *print screen* Ocupação Mulheres Mirabal/Facebook

Todavia, vale evidenciar que a mídia hegemônica não é tratada pela ocupação apenas como sendo adversa ao movimento. Apesar de terem em seus princípios fundamentos distintos, durante o período em que a página foi observada, foram encontrados vários compartilhamentos de reportagens produzidas por veículos vinculados a esta linha editorial.

Um episódio figura bem a forma como a *Mirabal* assume a mídia tradicional como sendo legítima e também a coloca como sendo uma fonte de notícia confiável. Ao ter compartilhado uma informação, surgiu um comentário questionando a ocupação se era por ela sabido da existência de algum veículo confiável onde pudesse ser encontrado mais conteúdo a respeito do assunto em questão. Como resposta, as representantes da ocupação enviaram o *link* de uma matéria do *GaúchaZH*.

Figura 13 – *Mirabal* cita o *GaúchaZH* como sendo uma fonte confiável



Fonte: *print screen* Ocupação Mulheres Mirabal/Facebook

Já em relação aos jornais observados por esta pesquisa, foi identificado que, em um primeiro momento, foram compartilhadas mais notícias produzidas pelo *Sul21* do que pelo *GaúchaZH*. No entanto, percebeu-se que tal fato ocorrera provavelmente por conta das pautas abordadas por cada um dos veículos: além das reportagens

sobre a *Mirabal*, era também compartilhado notícias com temáticas ligado ao movimento, e, nesse caso, o *Sul21* se mostra mais ligado a seus interesses.

Assim, ao compartilharem o conteúdo destes jornais, o movimento estava autenticando o que é por eles dito, em algumas publicações isso também ficou expresso nas legendas. Ao publicarem uma matéria do *Sul21* que abordava o modo de funcionamento da casa, o movimento legendou a publicação com: “*Ocupar e resistir!*”, finalizando com um *emoji* (ilustração utilizada em mensagens eletrônicas) de coração. O uso de tal *emoji* pareceu expressar que a reportagem fora bem vista por parte da ocupação.

Figura 14 – Reportagem do *Sul21* compartilhada pela *Mirabal*



Fonte: *print screen* Ocupação Mulheres Mirabal/Facebook

Em outro momento, no compartilhamento de uma matéria do *GaúchaZH* (na época ainda chamada *Zero Hora*) que também se destinava a esclarecer o modo de funcionamento da ocupação, a legenda iniciava dizendo: “*Matéria muito boa que saiu na Zero Hora (...)*”. Neste trecho ficou explicitado que, apesar das diferenças ideológicas que podem existir entre ambos, a ocupação valorizou o fato de ter sido ouvida e noticiada pela mídia.

Figura 15 – Reportagem do *GaúchaZH* compartilhada pela *Mirabal*



Fonte: *print screen* Ocupação Mulheres Mirabal/Facebook

Assim, apesar de haver uma maior identificação entre a *Mirabal* e veículos de comunicação contra-hegemônica, a página da ocupação não se limita em compartilhar apenas os materiais jornalísticos produzidos por estas mídias. Considerando o que fora observado no *Facebook* do movimento, percebe-se que para as mulheres que coordenam a ocupação, o uso da rede social é uma forma de se aproximar da sociedade e fazer-se ser reconhecida, expondo o que se passa na *Mirabal*.

Portanto, em 2018, foi criada, também, uma conta para a ocupação na rede social *Instagram*. Apesar da pouca interação aparente, esse perfil, em que a *Mirabal* possui 4.965 *seguidores*, costuma ser utilizado com muita frequência para atualizar os apoiadores sobre sua situação. O conteúdo compartilhado se assemelha muito ao que é divulgado no *Facebook*.

Porém, por essa rede social ter um formato um pouco diferente (dando maior destaque ao conteúdo visual do que textual), as publicações parecem ser um pouco mais selecionadas. Por isso, predominantemente, as postagens que aparecem no

feed (onde ficam todas as atualizações feitas pelo perfil, da mais recente para a mais antiga) se destinam a falar sobre os pedidos de doações, as participações da *Mirabal* em manifestações e sobre o andamento das questões judiciais referentes a ocupação.

Contudo, vale destacar as primeiras publicações realizadas pelas mulheres nessa rede social. A primeira, postada no dia 13 de março de 2018, é a foto de parte de uma reportagem sobre o movimento que fora publicada pelo jornal *Correio do Povo* em seu noticiário impresso. Na legenda deste compartilhamento, elas ressaltaram: “*Nossa luta estampada no jornal!*”.

Figura 16 – Primeiro post do *Instagram* da *Mirabal*



Fonte: *print screen* Ocupação Mulheres Mirabal/Instagram

Na segunda postagem, também realizada no dia 13 de março de 2018, as mulheres avisaram ao seu público que a edição do jornal *A Verdade* a ser publicada naquele mês, traria uma reportagem sobre a ocupação. Na legenda, é interessante observar que elas enfatizaram e pediram apoio ao jornal por ser um veículo contra-hegemônico: “*Compre e ajude a mídia alternativa!*”.

O fato dessas serem as duas primeiras publicações do perfil parece reforçar, de certa forma, a importância dada pelo movimento ao que sai sobre ele na mídia. No primeiro caso exposto, ao enfatizarem sua presença em tal veículo jornalístico,

pareceram sentir-se reconhecidas por ele, o que, por consequência, faria com que o discurso da ocupação chegasse a mais pessoas. Já a respeito da segunda postagem, o que aparentemente ficou evidenciado foi o apoio das mulheres da *Mirabal* ao jornalismo contra-hegemônico, o qual é valioso para elas a existência, considerando o fato de que sua proximidade ideológica faz com que tenham mais espaço nele.

Com isso, pode-se perceber que a *Mirabal* possuía certo interesse em divulgar em suas redes sociais as matérias que saíam sobre o movimento. Tanto que, além destas publicações, as integrantes do grupo encontraram outro meio de compartilhar conteúdo jornalístico. O *Instagram* possui outra ferramenta chamada de “*histórias*” ou “*stories*”, onde pode-se publicar fotos que desaparecerão em 24h. No entanto, há a opção de salvar estas fotos, deixando-as em pastas que ficarão em um local de destaque no perfil.

Ao entrar no *Instagram* da *Mirabal*, vê-se que existem várias pastas com “*histórias*” salvas. Cada uma das pastas possui um nome que se refere a temática dos conteúdos que ali estão salvos. Uma destas é intitulada “*Mídia*” onde pode-se ter acesso a matérias sobre a ocupação.

Figura 17 – Perfil da *Mirabal* no *Instagram*



Fonte: *print screen* Ocupação Mulheres Mirabal/Instagram

Para postar reportagens dentro desta pasta, diferente do *Facebook* – que possui um canal intrínseco ao seu sistema onde as reportagens podem ser compartilhadas por inteiro diretamente do jornal –, no *Instagram* as integrantes do grupo precisam acessar a matéria e tirar um *print* (capturar a tela do dispositivo eletrônico, gerando uma imagem), aí, sim, conseguindo publicá-las. Essas ações por parte da *Mirabal* evidenciam que o movimento, apesar de ter seus próprios meios de interação, busca construir um espaço de visibilidade, sendo que o jornalismo ainda desempenha papel importante no agenciamento de pautas e, conseqüentemente, das visões sobre os movimentos.

5.1.2 O jornalismo constrói o acontecimento ocupação

Após analisar a dinâmica comunicacional realizada pela ocupação *Mulheres Mirabal* em suas redes, salientando, inclusive, sua interação com os veículos jornalísticos, a pesquisa passa a observar o modo como os jornais, por sua vez, constroem a ocupação em suas narrativas.

Dado que o aqui proposto, como já anteriormente comunicado, é abordar o modo como os jornais *GaúchaZH* - veículo jornalístico tradicional - e *Sul21* - veículo jornalístico alternativo - tratam a ocupação *Mulheres Mirabal* em suas reportagens, foi necessário aprofundar-se na leitura de tais textos.

Para isso, foi, primeiramente, realizada buscas por termos referentes a ocupação *Mirabal* juntamente com o nome dos dois veículos analisados, um de cada vez. Essa procura foi feita por meio de um navegador de internet e, também, dentro do site e do *Facebook* de cada um dos dois jornais. Ainda que a precisão dos buscadores possa não ser absoluta, a procura pelas matérias foi efetuada de forma bem exploratória, na intenção de encontrar a maior quantidade possível.

Assim, apesar de não poder afirmar que a busca alcançou todas, foram encontradas 25 reportagens do *Sul21* e 21 reportagens do *GaúchaZH* referentes a ocupação *Mirabal*, publicadas entre o período de 25 de novembro de 2016 (início da ocupação) a 25 de maio de 2020 (data escolhida por esta pesquisa para delimitar o processo). Deste modo, a pesquisa trabalhou com essas quantidades, considerando-as como sendo a totalidade de matérias publicadas a respeito da *Mirabal* pelos dois jornais.

Vale ainda salientar que durante as buscas pelos sites dos veículos, apareceram algumas matérias que citavam a ocupação *Mirabal*, mas que não chegavam a, de fato, noticiá-la. No site do *Sul21*, isso foi observado notícias (cerca de duas) que relatavam manifestações de rua e citavam a presença da *Mirabal*. Já no *GaúchaZH*, a ocupação *Mirabal* foi citada em matérias (cerca de quatro) que tinham o intuito de realizar um serviço, informando locais onde mulheres poderiam buscar ajuda caso estivessem passando por situações de violência. Ainda no *GaúchaZH*, foi encontrada uma matéria destinada a informar eventos que aconteceriam em Porto Alegre, onde era citavam uma feira organizada pela *Mirabal* e que seria realizada na ocupação.

Essas notícias não foram incluídas na análise – e, por tanto, não fazem parte da soma de reportagens encontradas – por não possuírem o texto, de fato, referente a ocupação. Também pode ser importante destacar que tais matérias não marcaram a primeira vez que ambos os veículos noticiaram a *Mirabal*. No entanto, é pertinente evidenciar sua existência, uma vez que mostram que a ocupação foi lembrada pelos jornais – e até mesmo divulgada, no caso do *GaúchaZH* - em outros momentos.

Isto posto, ao voltar o olhar para as reportagens em análise, percebe-se, em um primeiro momento, que entre as narrativas dos dois jornais há pontos semelhantes, bem como também há pontos distintos. No entanto, as características que apontam maiores diferenças entre uma e outra narração, pode-se dizer que estão ligadas a visão ideológica de base a qual cada um deles é vinculado.

Assim, foi observado que, quando abordados pela questão de suas estruturas textuais e informativas, de modo geral, algumas são as mudanças encontradas entre as matérias. Isso se refere tanto ao modo como cada veículo organizou suas próprias reportagens sobre a *Mirabal* - desde o início até o momento atual - quanto à quando olhamos as matérias de um jornal em comparação com o outro.

Observando-as de um modo geral, na maioria das publicações, os dois veículos trazem falas – ou alegam ter tentando contato – de fontes de dentro da *Mirabal* (de coordenadoras, e de vítimas em alguns casos) e, nas reportagens que narram a situação da ocupação frente à Justiça, também tentam trazer fontes oficiais. Também, quase todas as reportagens, tanto do *Sul21* quanto do *GaúchaZH*, têm ao menos uma foto da *Mirabal* ou de suas representantes. Já em relação ao tamanho textual, viu-se

que a maior parte das matérias do *Sul21* sobre a *Mirabal* possuem cerca de 1.000 palavras, enquanto a maioria das do *GaúchaZH* possuem, em média, 600 palavras. No entanto, vale ressaltar que ambos contêm matérias consideravelmente maiores e menores.

Ainda assim, mesmo quando olhando-as de modo generalizado é necessário destacar que, apesar de alguns processos estruturais das reportagens serem parecidos, o modo como são organizados os elementos diferem. Como quanto ao conteúdo audiovisual contido nas matérias: ambos os jornais produziram e publicaram vídeos explicativos sobre a ocupação e ambos também mostraram possuir fotos da *Mirabal* de sua própria autoria. Porém, o *Sul21* busca explorar o uso de imagens no texto, utilizando mais de uma fotografia nas reportagens. Já, ao olharmos o conteúdo produzido pelo *GaúchaZH*, vemos que poucos são os momentos em que mais de uma fotografia é inserida. No entanto, ambos utilizam imagens repetidas em mais de um momento e, em outros, reproduzem fotos que são originalmente da *Mirabal*.

De modo mais específico, das 21 matérias produzidas pelo *GaúchaZH* sobre a *Mirabal*, 20 continham imagens. Dessas, 17 possuíam imagens autorais e três, imagens de divulgação da *Mirabal*. Das imagens autorais, foi visto que 2 delas se repetem em 9 reportagens. Pode-se perceber também que 3 fotos, apesar de não serem repetidas e estarem em matérias diferentes, aparentam ter sido tiradas no mesmo dia, devido aos elementos que apresentavam disposições parecidas. Ainda foi observado que 4 matérias contavam com mais de uma imagem. Percebeu-se que a maioria das imagens mostravam apenas a faixa da do prédio ocupado (todas as fotos que foram repetidas em diferentes matérias têm esta estética), no entanto, há, sim, fotografias tiradas dentro da casa, inclusive com mulheres da coordenação e acolhidas – nessas, vê-se um cuidado para que o rosto não seja exposto.

Fotografia 1 - Foto mais usada pelo *GaúchaZH* nas reportagens sobre a *Mirabal*



Fonte: GaúchaZH

Olhando da mesma forma para a cobertura fotográfica do *Sul21*, vimos que das 25 matérias produzidas, 22 contam com ao menos uma foto. Dessas 22, 10 delas contêm mais de uma foto ao longo do texto. Foi visto que 17 reportagens possuem exclusivamente imagens autorais e 5 contam com imagens autorais e de divulgação. Dentro da contagem de material de divulgação, foram somados 2 artes gráficas e 1 vídeo que originalmente foram produzidos pela *Mirabal*. Além disso, 3 fotos de autoria do *Sul21* se repetem em 12 matérias diferentes. Por fim, viu-se que 2 fotos que estão em textos diferentes e não são repetidas, parecem ter sido tiradas no mesmo dia.

Fotografia 2 - Foto mais usada pelo Sul21 nas reportagens sobre a Mirabal



Fonte: Sul21

Quanto a estética, o *Sul21* segue uma apresentação parecida com a do *GaúchaZH*: apesar de ter fotos mostrando a casa por dentro e mostrando, inclusive, coordenadoras e acolhidas (aqui também demonstrando cuidado para não as expor), a quantidade de vezes que são usadas fotos apenas da faixa do prédio aparenta ser maior – ainda que o *Sul21* pareça ter mais fotos de dentro da ocupação em relação ao *GaúchaZH*. No entanto, outro fator a ser destacado é que há uma série de fotos que foram feitas pelo *Sul21* que mostram as mulheres da ocupação em uma audiência pública. Isso representa que o *Sul21* foi até a audiência para cobrir o fato.

Contudo, das 3 reportagens do *Sul21* que não contêm fotos no corpo do texto, 2 delas apresentam vídeos que foram produzidos pelo jornal. Em um deles, que possui cerca de um minuto de duração, é apenas filmado uma coordenadora que explica brevemente a situação da ocupação. Já no outro vídeo, que conta com pouco mais de dois minutos, aparece outra coordenadora falando sobre a ocupação e solicitando apoio da sociedade, enquanto aparecem algumas cenas da casa, tanto de dentro quanto de fora. O *GaúchaZH* também produziu um vídeo semelhante de dois minutos,

com falas de coordenadoras e imagens internas, que fora postado em uma reportagem que já continha material fotográfico.

Posto estas observações quanto ao conteúdo audiovisual produzido por ambos os jornais, percebe-se que há por parte deles, ao menos em algum momento, uma certa preocupação não só estética, mas de mostrar como é o ambiente e seu funcionamento. Isso fica evidenciado no fato de tanto o *GaúchaZH* quanto o *Sul21* possuírem fotos autorais de dentro da ocupação em mais de um momento e também na produção de vídeos, que demanda um pouco mais de elaboração, mas tende a ter um alcance maior por parte do público.

No entanto, apesar de quase todas as matérias contarem com alguma foto, isso não necessariamente mostra que há um cuidado com a apresentação do local em todos esses momentos, as vezes é apenas um padrão editorial. Isso, aparentemente, acontece em ambos os veículos quando, por exemplo, usam fotos antigas repetidas vezes ou quando utilizam imagens de divulgação. E, até mesmo, quando se evidencia que uma série de fotos provavelmente tiradas em um mesmo dia, aparecem separadamente em reportagens distintas.

Contudo, o que mais difere um jornal do outro ao olharmos pela perspectiva de imagens, é a quantidade de fotografia que foi atribuída a cada matéria. Enquanto o *GaúchaZH*, via de regra, inseriu apenas uma foto por reportagem, o *Sul21* buscou, em vários momentos, as compor com uma série de fotos ilustrando o assunto. Nas matérias que continham mais de uma foto, via-se que buscavam mostrar ambientes diferentes, inserindo imagens do prédio visto de fora, de dentro, das coordenadoras e até mesmo mesclando com fotos de divulgação. Com isso, pode-se dizer que, quanto ao enquadramento fotográfico, os dois veículos comportam-se de forma parecida, mas o *Sul21* aparenta ter maior atenção ao selecionar e dispor as imagens ao longo dos textos.

Assim, ainda ao falar em suas peculiaridades, os jornais apresentam algumas outras diferenças mais concretas. Um dos fatos que chamou atenção ao olhar para as reportagens, foram as datas de suas publicações. De forma mais específica, o que é inicialmente notado é que a data da primeira reportagem sobre a ocupação *Mulheres Mirabal* realizada pelo jornal *GaúchaZH* se dá cerca de quase três meses após a

ocupação do prédio público pelas mulheres ter acontecido, no dia 22 de fevereiro de 2017.

Figura 18 – Primeira reportagem sobre a *Mirabal* produzida pelo *GaúchaZH*



Fonte: *print screen* GaúchaZH/Site

A matéria, apesar de ter sido publicada meses após o início da ocupação, narra o modo como a *Mirabal* se organizava. “*Disposto a lutar pelos direitos das mulheres, um grupo ocupa há quase três meses o prédio onde antes funcionou o Lar Dom Bosco*”, diz o texto de abertura da matéria. O modo como o *GaúchaZH* se referiu a ocupação no trecho “*disposto a lutar pelos direitos das mulheres*”, parece demonstrar que o veículo estava atribuindo ao movimento uma certa importância.

Mesmo antes desta frase, pode-se perceber sentido parecido ao ler o título e subtítulo (figura 18) da reportagem em questão. Por exemplo, ao observar a escolha da palavra “*acolhe*” para ser colocada no título quando se referem ao trabalho da ocupação para com as mulheres vítimas de violência. Já no subtítulo, no mesmo sentido, usou-se a palavra “*abrigo*” para citarem o modo como o prédio ocupado estava sendo usado.

Vê-se que a reportagem é mais longa do que a maioria costuma ser - como fora observado anteriormente - e conta com mais de uma foto autoral por parte do jornal, mostrando a ocupação tanto por fora como por dentro e, assim, evidenciando que existiu uma busca pela aproximação e que ela, de fato, ocorreu. Além de explicar sobre o surgimento e os objetivos da *Mirabal*, a matéria também se propôs a ouvir fontes oficiais ligadas a Prefeitura e a Justiça. Em um desses momentos, é dito

“Apesar da intenção positiva da ocupação (...)”, expondo que o jornal entende e, de certa forma, simpatiza com o objetivo que há por trás da ocupação.

Assim, ao olhar a reportagem como um todo, percebe-se que alguns elementos apontam que ela apresentou o movimento construindo a narrativa de uma forma que demonstrava uma validação dele por parte do jornal. Contudo, lembrando que, como já mencionado, os primeiros meses da ocupação tiveram uma boa repercussão (ao julgar pelo crescimento que expressavam através do rápido e gradual aumento de seguidores no espaço digital em que estavam) pode ser que a atitude do jornal em noticiar a *Mirabal* meses depois de seu início e sem um motivo em específico (visto que, perto da data em que a matéria foi publicada, não ocorreu nenhum grande acontecimento envolvendo a ocupação), se deu justamente por conta do reconhecimento que a ocupação estava tendo por uma parcela da sociedade.

No entanto, no momento em que o *GaúchaZH* compartilhou sua primeira reportagem sobre a ocupação *Mirabal*, o *Sul21* já havia publicado quatro matérias sobre o movimento. A primeira matéria produzida pelo *Sul21* fora publicada ainda no primeiro dia da ocupação e foi, inclusive, compartilhada no *Facebook* da *Mirabal*. Nesta, o jornal narrou o acontecido e deu voz exclusivamente para as mulheres que coordenavam a ocupação. Toda a reportagem se dedicou a contar o que é era a ocupação *Mirabal* e quais eram suas inspirações e objetivos.

Figura 19 – Primeira reportagem sobre a *Mirabal* produzida pelo *Sul21*



Fonte: *print screen* Sul21/Site

Logo na abertura, é dito: “*Nas primeiras horas da data que marca o dia internacional de combate à violência contra a mulher, elas abriram as portas do edifício para criar a Ocupação Mulheres Mirabal.*”. O tom, um tanto quanto de suporte por parte do jornal para com a ocupação, aparentemente caracterizando a ação do movimento como sendo uma bravosidade, é encontrado novamente na chamada de um dos entretítulos: “*Resistir nas primeiras 24 horas*”. Apesar do veículo estar se referindo ao fato que a *Mirabal* enfrentaria o poder público permanecendo dentro do prédio sem abri-lo durante o primeiro dia, ao usarem a palavra “*resistir*”, o jornal reforçou uma narrativa utilizada pelo próprio movimento, fazendo uso de palavras de ordem.

Quanto ao conteúdo visual, viu-se que a reportagem contou com mais de uma foto disposta ao longo do texto. Essas imagens não mostravam a ocupação por dentro, apenas o prédio e algumas das coordenadoras, isso porque o movimento não permitiu a entrada de ninguém nas primeiras 24h, nem mesmo de jornalistas, como fora frisado na reportagem. Assim, o fato de o jornal ter essas fotos, evidencia que o veículo procurou ir até a ocupação ainda no primeiro dia em que ela se estabeleceu, mostrando, pode-se dizer, certo interesse por parte do *Sul21* em acompanhar o movimento.

Entretanto, olhando para a primeira reportagem que fora publicada por cada um dos jornais, vê-se que ambos trouxeram a *Mirabal* basicamente pela mesma perspectiva: o de apresentá-la como sendo um movimento com lutas legítimas. Assim, ainda que perceba-se diferenças quando olhado para o contexto em que estas reportagens foram feitas, considerando a data das publicações juntamente com os veículos que as produziram e ponderando as possíveis circunstâncias que levaram elas a serem produzidas em tais momentos, pode-se supor que o impacto que elas produziram na sociedade foi similar – muito possivelmente por conta destes elementos distintos.

Por ser um jornal alternativo e, por isso, de certa forma mais posicionado, é provável que o *Sul21* possua em sua maioria um público leitor que acompanha esses interesses, como em questões sociais. Portanto, também convém ressaltar que, provavelmente, é esperado por parte desses leitores que o veículo noticie com certa proximidade movimentos como a *Mirabal*. Assim, ao noticiar a ocupação *Mirabal* logo

em seu surgimento, o *Sul21* pode ter tido um papel relevante para ampliar o discurso trazido pelo movimento. Desta forma, supõe-se que é possível que pessoas que conheceram a ocupação através do *Sul21*, tenham se engajado para ajudar o movimento a crescer e apoiá-lo para que não houvesse a reintegração de posse do prédio naquele momento inicial - apoio esse que havia sido, inclusive, solicitado pela ocupação.

Portanto, apesar de que, como visto, o *Sul21* não fora o único jornal e nem mesmo o único jornal contra-hegemônico a acompanhar o início da ocupação, não se supõe que ele tenha sido elemento exclusivo para o crescimento inicial da *Mirabal*. O que está sendo posto é que o fato de ele ter feito esse acompanhamento logo nos primeiros momentos da ocupação, pode ter contribuído com o surgimento da base de sustentação da *Mirabal*, uma vez que o *Sul21* é um canal de contato direto com pessoas que simpatizam com movimentos sociais.

Já o *GaúchaZH*, por ter fundamentos diferentes aos da ocupação e por seu histórico com movimentos sociais (o qual, como comentado em um momento anterior, não é tão acolhedor), não é tão esperado por parte da sociedade que ele comunique todos os novos movimentos sociais que surgem em Porto Alegre. Por isso, é justificável que o jornal só tenha noticiado a *Mirabal* meses depois de seu início, quando ela já estava, digamos, estabelecida e sendo reconhecida por uma parte da sociedade – e também pelo poder público, que estava enviando mulheres vítimas de violência doméstica para serem abrigadas lá.

No entanto, por se tratar de uma mídia de massa (e ser a de, provavelmente, maior alcance no estado do Rio Grande do Sul), o *GaúchaZH* conta com leitores que expressam posicionamentos variados, tanto contrários quanto favoráveis a movimentos sociais, e também pessoas que não possuem uma opinião tão formada sobre a temática. Assim, apresentar a ocupação quando ela já estava realizando seu trabalho e, portanto, já se mostrava como um serviço efetivo, pode ter sido - mesmo que não propositalmente - mais positivo para *Mirabal* do que se tivesse sido noticiada por este veículo logo no seu surgimento. Isto porque, é provável que uma boa parcela do público do *GaúchaZH* seja mais receptível a esses movimentos quando enxergam contribuições concretas por parte deles do que apenas pela a ideologia que eles carregam. Ainda por isso, o tom que foi adotado pelo *GaúchaZH* nesta primeira

reportagem sobre a *Mirabal*, carrega uma contribuição ainda mais relevante para o reconhecimento da ocupação por parte da sociedade.

Dentre as outras postagens que o *Sul21* já havia realizado antes do *GaúchaZH* publicar sua primeira reportagem sobre a *Mirabal*, duas delas abordavam o mesmo assunto, inclusive tendo o mesmo título, mas seus conteúdos possuíam formatos distintos. Nas reportagens intituladas “*Como funciona uma ocupação de mulheres para mulheres?*”, postadas em janeiro de 2017, o intuito era explicar a ocupação *Mirabal* de forma incisiva. No entanto, uma delas carregava estas informações em forma de texto e a outra, publicada dias depois, trazia um vídeo.

Na primeira, o texto iniciava narrando um acontecimento enfrentado por uma família que precisava de apoio e ao procurar os abrigos municipais na cidade de Porto Alegre não pode ser acolhida devido a algumas regras impostas. No entanto, foi na ocupação *Mulheres Mirabal* que acabaram encontrando um local para ficarem. Assim, a reportagem se refere a situação de tal maneira: “*Dificuldades criadas dentro do próprio sistema de atendimento, graças a burocratização da estrutura, que dentro da Mirabal não valem como regra*”.

O modo como o texto abordou o funcionamento do sistema disponibilizado pelo Estado, segue o mesmo modelo de como a ocupação costuma referir-se a tal. Assim, a frase parece demonstrar que há uma proximidade entre a forma que a ocupação e o jornal constroem os tais serviços em suas narrativas. Ainda que ambos, de fato, partilhassem da mesma visão quanto a isso, o modo similar evidenciado até mesmo pelo uso de certas expressões - como “*graças a burocratização*” -, parecem mostrar que o *Sul21*, ao ouvir e apoiar a ocupação, aderiu em seu texto as denúncias feitas pelo movimento com tom tão crítico quanto.

Em outro momento, cerca de quatro meses após a publicação do *Sul21*, o *GaúchaZH* produziu uma reportagem que muito se assemelhava a acima apontada. Na matéria “*Saiba como funciona o trabalho de apoio a vítimas de violência na Ocupação Mirabal*”, ainda no subtítulo o jornal se referiu a *Mirabal* como “*ONG de apoio a mulheres*” e trouxe o fato de ser apoiada pela Polícia Civil e pelo Ministério Público.

A narrativa que se segue nesta reportagem demonstrou, em vários pontos, ir ao encontro com a matéria do *Sul21*, inclusive relatando depoimentos de mulheres

que haviam encontrado abrigo na *Mirabal*. Em um trecho do texto, ao introduzir a fala de uma delegada da Delegacia de Atendimento a Mulher, o jornal citou que a delegada havia dito ser uma “*escolha de Sofia*” (termo usado para se referir a uma escolha difícil de ser feita) encaminhar mulheres para a ocupação mesmo não reconhecendo-a legalmente. A apresentação destes pontos por parte do *GaúchaZH*, ao ressaltar em diversos momentos que, até mesmo as autoridades que se opõem judicialmente ao movimento por ser uma ocupação, apoiam o serviço realizado, pareceu estar indicando aos leitores que havia legitimidade no trabalho produzido pela *Mirabal*.

Contudo, percebendo que as publicações dos veículos, ainda que carregassem conteúdos parecidos, começaram sendo feitas em datas distantes, para melhor entender o fluxo de notícias produzidas por cada um dos dois jornais, foram criados quadros. Nestes, foi, mês a mês, indicado as datas e os títulos das reportagens que cada jornal havia publicado. Ainda, para que fosse possível analisar se os jornais estavam acompanhando, de fato, os acontecimentos da ocupação, foi adicionada uma coluna em que fica exposto o que de marcante a *Mirabal* havia publicado em suas redes naquele mês.

No quadro referente a maio de 2017, vê-se que após a ocupação *Mirabal* realizar uma coletiva de imprensa, tanto o *GaúchaZH* quanto o *Sul21* publicaram matérias sobre o movimento em seguida.

Quadro 1 – Reportagens publicadas em maio de 2017

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
MAIO/17	16/05/2017: Coletiva de imprensa <hr/> 17/05/2017: Novo julgamento sobre reintegração de posse; recurso da <i>Mirabal</i> negado	19/05/2017: “ <i>Mulheres vítimas de violência doméstica que vivem na Ocupação Mirabal podem ficar sem teto</i> ”	16/05/2017: “ <i>Com prazo prestes a vencer, ocupação Mirabal se prepara para resistir a reintegração de posse</i> ”

Fonte: Elaborado pela autora

Ambas as reportagens narravam uma possível reintegração de posse que estaria para acontecer. Na matéria publicada pelo *Sul21*, a palavra “*porto seguro*” foi usada para definir o que a ocupação representava. Mais adiante na reportagem, o jornal fala que a *Mirabal* serve como uma “*central de busca de empregos*” ao divulgar por meio de seu *Facebook* os serviços realizados pelas mulheres abrigadas. Neste discurso, evidenciou-se que o jornal parecia apontar os pontos positivos do movimento existir.

Ainda, a matéria contou apenas com falas de mulheres envolvidas com o movimento, tanto coordenadoras quanto acolhidas. Em uma fala trazida por uma coordenadora, ela colocou: “*A ocupação já foi legitimada na prática. É muito contraditório para um poder público que nos encaminha não ingressar efetivamente no processo, porque é isso que a gente tem solicitado*”.

A reportagem do *GaúchaZH*, apesar do tom mais ameno, pouco se diferiu da do *Sul21* em relação ao modo como a ocupação fora abordada. Embora bem curto, o texto também deu destaque ao serviço acolhedor que a *Mirabal* desempenhava e chamou atenção para a incoerência por parte do poder público ao reconhecer o trabalho do movimento e, ainda assim, continuar recriminando-o judicialmente.

Tanto o *GaúchaZH* quanto o *Sul21* construíram suas reportagens dando destaque a elementos que comprovavam a relevância do trabalho feito pelo movimento dentro da sociedade e versavam a posição ambígua do Município e do Estado frente a ocupação. O fato de abordarem o mesmo assunto pelo mesmo ângulo, pareceu demonstrar que as duas mídias queriam passar aos seus leitores a mensagem de que a *Mirabal* se fazia significativa até mesmo para o poder público. Dado a circunstância em que essas publicações foram feitas – diante de uma ameaça de reintegração de posse à ocupação e após uma coletiva de imprensa realizada por ela -, pode-se presumir que os veículos jornalísticos usaram seu espaço midiático para expressarem assistência a causa do movimento.

Através dos quadros, também foi identificado que em maio de 2018 os dois jornais analisados publicaram reportagens em datas próximas e com o mesmo assunto em questão.

Quadro 2– Reportagens publicadas em maio de 2018

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
MAIO/18	17/05/2018: Publicação de uma carta de apoio a ocupação Mirabal com a assinatura de 140 entidades representativas da sociedade brasileira	17/05/2018: “ <i>Sob risco de serem despejadas, mulheres que trabalham em defesa de vítimas de violência doméstica pedem ajuda</i> ”	20/05/2018: “ <i>Mirabal corre contra o tempo para evitar despejo e continuar acolhendo mulheres vítimas de violência</i> ”

Fonte: Elaborado pela autora

Nestas, o que chama atenção é a forma como foram compostos os títulos das duas reportagens. A escolha das palavras parece ser o fator relevante para identificar a sensibilidade expressa, no entanto, os títulos só ganham tais sentido, mais ou menos aproximados a ocupação, quando lidos por completo.

Na primeira, publicada pelo *GaúchaZH*, ao colocarem que as mulheres da ocupação “*pedem ajuda*” na tentativa de evitarem o despejo, o jornal pareceu demonstrar um tom de solidariedade, usando, novamente seu espaço para, além de apenas noticiar, servir como auxílio para que a *Mirabal* alcançasse o suporte do qual precisava.

Já na reportagem produzida pelo *Sul21*, seu título, ao falar que a *Mirabal* tentava evitar o despejo para que permanecesse “*acolhendo*” mulheres em situação de vulnerabilidade, ainda que tenha demonstrado certa emotividade frente a causa, não parecem expressar o mesmo, digamos, amparo que fora reparado no título dado pelo *GaúchaZH*.

O conteúdo das reportagens, contudo, apresentavam bastante semelhanças. Durante a leitura das matérias, percebe-se que ambas retomaram no texto os serviços oferecidos pela *Mirabal*, falaram sobre o modo de funcionamento da ocupação e apontaram instituições que apoiavam o movimento. Tanto na reportagem do *Sul21* quanto na do *GaúchaZH*, as falas das fontes oficiais acionadas ressaltavam que o movimento merecia ser olhado pelo poder público com atenção.

No *Sul21*, o fechamento da matéria trazia a fala de uma defensora pública dizendo: *“Tem muitas ocupações ocorrendo em Porto Alegre, muitas delas legítimas, a moradia realmente tem que ser buscada e é um direito constitucional, mas a Mirabal, além de ter um viés de moradia, protege mulheres vítimas de violência, que nem dentro da própria casa estavam seguras.”*. Já no *GaúchaZH*, fora exposta tal frase de um promotor público: *“A prefeitura e o Estado precisam olhar com cuidado para o Movimento. Elas têm um trabalho muito importante porque oferecem um serviço quase inexistente na cidade.”*.

Assim, ainda que se tenha identificado uma maior sensibilidade em um título do que em outro, vê-se que as duas reportagens aparentemente tentaram construir com seu texto um espaço onde seus leitores encontrassem motivos para, de certa forma, apoiarem a ocupação. Todavia, visto que o título é o primeiro contato que o leitor tem com a matéria – e, muitas vezes, o único –, fez-se significativo que a mídia de massa tenha parecido se mostrar, mesmo que sutilmente, ainda mais posicionada do que o veículo alternativo.

Contudo, no dia 7 de setembro de 2018, os dois jornais publicaram reportagens onde abordavam uma mesma informação e, novamente, a forma como os títulos foram construídos realçam-se.

Quadro 3 – Reportagens publicadas em setembro de 2018

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
SETEMBRO/18	07/09/2018: Mulheres da Mirabal ocupam novo prédio	07/09/2018: <i>“Integrantes da Mirabal ocupam escola em negociação para atender vítimas de violência doméstica”</i>	07/09/2018: <i>“Integrantes da Mirabal ocupam escola cedida em negociação; Prefeitura nega acordo e pede desocupação”</i>

Fonte: Elaborado pela autora

Ambas as reportagens anunciavam que a ocupação *Mirabal* havia saído do prédio onde estava instalada e havia ocupado um novo prédio. No entanto, vale-se aqui ressaltar um pouco mais sobre o contexto em que essas notícias surgem: algum tempo antes disso ocorrer, devido a uma ameaça de reintegração de posse, as

integrantes da *Mirabal* resolveram aceitar uma oferta feita pelo grupo de trabalho que as acompanhava. Quando a oferta foi proposta - antes mesmo da ocupação aceitar, mas já com intuito de que a mudança se efetuassem -, o Estado teve de passar o imóvel para posse da Prefeitura, isso porque apenas o município poderia ceder um espaço para o movimento. Feito isso, após receberem a “*Carta de Aceite*” da *Mirabal*, a Prefeitura negou conceder o local para uso das mulheres, alegando ter outros planos para a propriedade. Com receio de ficarem sem nenhum local para darem continuidade ao trabalho realizado pela ocupação, alguns meses depois, o grupo de mulheres do movimento resolveu ocupar este espaço em questão.

Dito isso, ao ler o título das matérias do *GaúchaZH* e do *Sul21*, vê-se que os jornais, aparentemente, adotaram distintos modos de ler o acontecimento. O *GaúchaZH* colocou que as mulheres haviam ocupado um espaço “*em negociação*”. O *Sul21*, por sua vez, disse que a *Mirabal* havia ocupado uma escola “*cedida em negociação*”.

Lendo apenas o título de cada uma das reportagens, ainda que a situação que estava sendo enfrentada pela ocupação se mostrasse dúbia, as impressões sobre o mesmo acontecimento são diferentes. Na primeira, do *GaúchaZH*, é frisado que o processo referente a concessão do prédio ainda não havia sido concluído e, mesmo assim, fora ocupado pela *Mirabal*. Já no título do *Sul21*, ficou expresso que elas estavam ocupando um imóvel que já as pertencia.

Dentro das reportagens, apesar do conteúdo narrativo não possuir muitas diferenças, alguns elementos podem evidenciar o ângulo adotado nos títulos. Isso ficou por conta da ordem de como foi priorizado os relatos dos acontecimentos. Ainda no início do texto, o *GaúchaZH* evidenciou que a Prefeitura alegava não ter prometido ceder ao movimento o espaço que fora ocupado. O *Sul21*, embora também tenha abordado o que foi alegado por parte do município, usou seus primeiros parágrafos para falar sobre as reivindicações que estavam sendo feitas pela *Mirabal* diante da suposta promessa que não havia sido cumprida.

Deste modo, o que se vê não parece ser um veículo contra e outro a favor da ocupação, e sim uma reprodução do processo que molda alguns dos diferentes pontos entre eles: a mídia hegemônica, aparentando apenas noticiar os acontecimentos; e a mídia contra-hegemônica, ainda que também narrando todos os fatos, abrindo um

espaço maior para que ficasse evidenciado os fundamentos do movimento para tal ato.

Voltando as reportagens publicadas em julho de 2018, viu-se que ambos os jornais produziram uma série de matérias abordando justamente a questão da reintegração de posse que ameaçava a permanência na *Mirabal* no prédio da *Congregação dos Irmãos Salesianos* – e, que como visto acima, culminou com a saída delas de lá para outro imóvel.

Quadro 4 – Reportagens publicadas em julho de 2018

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
JULHO/18	10/07/2018: Publicação anunciando que o juiz deu parecer favorável ao despejo da <i>Mirabal</i>	10/07/2018: “Juiz determina cumprimento de reintegração de posse de casa onde funciona a Ocupação Mirabal”	11/07/2018: “Vamos resistir’, diz coordenadora da <i>Mirabal</i> após TJ-RS determinar reintegração de posse”
	19/07/2018: Integrantes da <i>Mirabal</i> vão até o Departamento de Habitação de Porto Alegre pedir um retorno sobre o prédio que a Prefeitura deveria ter cedido ao movimento	12/07/2018: “A gente vai resistir’, dizem coordenadoras da Ocupação Mirabal após determinação de reintegração de posse”	12/07/2018: “Não temos nenhuma garantia’, diz coordenadora da <i>Mirabal</i> sobre acordo com poder público”
		20/07/2018: “Aguardando reintegração de posse, <i>Mirabal</i> diz que há descaso da prefeitura ao não garantir imóvel à ocupação”	20/07/2018: “Correndo contra o tempo com reintegração determinada, <i>Mirabal</i> teme por sua existência”

Fonte: Elaborado pela autora

Foram selecionadas as reportagens publicadas neste período que demonstravam semelhanças em seus títulos em diversos momentos. Vê-se que cada

um dos dois jornais publicou três matérias e seus títulos expressavam os mesmos sentidos, chegando a usar as mesmas frases ditas pelas integrantes da ocupação. Aqui, o que se evidenciou é justamente o modo como a mídia alternativa e a mídia hegemônica podem conversar entre si, sem necessariamente uma se mostrar mais contrária ou favorável a temáticas sociais.

Quanto ao conteúdo textual de tais reportagens, com exceção de uma, todas as outras – tanto as do *GaúchaZH* quanto as do *Sul21* - aparentaram seguir um certo padrão: narravam novamente o trabalho da *Mirabal*, traziam falas das coordenadoras da ocupação e de fontes envolvidas com o poder público, expressando uma tonalidade de apoio para com o movimento.

No entanto, na reportagem publicada pelo *GaúchaZH* em 20 de julho de 2018, a fala da secretária de Desenvolvimento Social da prefeitura de Porto Alegre selecionada para ser inserida na matéria, destacou-se. “*Imagina se todas as ONGs invadirem espaço, a prefeitura tem que dar um prédio?*”. O uso de uma frase que reconhece o movimento como sendo uma “*invasão*”, abre uma brecha para que os leitores o vejam do mesmo modo. O fato, ainda, dela falar em “*ONGs*” dentro de um contexto onde se refere a *Mirabal*, parece mostrar que, apesar de reconhecer o trabalho social feito, ela não considera justificável que se ocupe um prédio para que ele seja realizado.

Algum tempo depois, dias após a *Mirabal* ter ocupado o local onde havia funcionado a *Escola Benjamin Constant*, na reportagem “*Reunião tentará resolver impasse entre a Prefeitura e a ocupação Mirabal*”, publicada em 10 de setembro de 2018 pelo *GaúchaZH*, o próprio veículo se referiu ao movimento como sendo uma invasão. Em um trecho da reportagem foi posto: “*O grupo invadiu o antigo prédio da escola alegando que a prefeitura descumpriu um acordo firmado após meses de negociação para que o imóvel fosse cedido ao movimento.*”. Quando tratado de movimentos sociais, o uso da palavra “*invasão*” ao invés da palavra “*ocupação*” não diz respeito apenas a uma escolha por sinônimos, visto que, neste contexto, ambas representam conceitos políticos. Assim, ao tratar a *Mirabal* como uma invasão, a mídia parece por em evidência uma questão ideológica.

Ainda nesta reportagem, novamente uma frase dita pela secretária municipal chama atenção: “*Claro que elas querem forçar porque querem resolver, e eu considero*

até legítimo, mas está na hora de dizermos também: a responsabilidade de obter um endereço é delas.”. Mais abaixo, ainda pode-se destacar que a reportagem trazia o subtítulo “*Comprometimento com as mulheres acolhidas*”, onde o texto dedicava-se a falar sobre as medidas que estavam sendo estudadas por parte da prefeitura de Porto Alegre. De tal modo, em certa medida, vê-se uma aproximação do veículo ao discurso deferido pelo Estado que ainda não havia sido tão evidenciada nas reportagens anteriores.

O mesmo voltou a acontecer em uma matéria publicada em 11 de setembro de 2018, um dia após a reportagem acima explicitada ter sido produzida. Intitulada “*Justiça determina reintegração de posse de escola ocupada pelas mulheres Mirabal*”, em um de seus trechos apareceu a seguinte frase: “*as divergências entre os envolvidos desde a transferência do imóvel à prefeitura culminaram na invasão do prédio pelo movimento, seguida do pedido de reintegração.*”.

Estas frases muito conversam com o modo como fora escrita a reportagem do dia em que a ocupação deste segundo prédio aconteceu. Apesar de o uso do termo “*invasão*” e da vicinalidade com o Estado serem comumente expressos em discursos produzidos pela grande mídia, a maneira como o *GaúchaZH* vinha construindo suas narrativas em torno da ocupação *Mirabal* pareciam estar sendo conduzidas por outros sentidos. Assim, talvez o fato de tal expressão ter sido usada em algumas reportagens, não evidenciem um total tom desprezível do *GaúchaZH* em relação a *Mirabal*.

Ainda que o termo coloque o movimento em uma posição despectiva, visto que o mesmo veículo o tratou de forma compassiva na maioria das outras reportagens, talvez a utilização do termo “*invasão*” não tenha tido apenas um sentido ideológico, mas também um sentido intrínseco ao seu histórico com tais movimentos. Uma vez que o próprio *GaúchaZH*, de modo geral, não costuma demonstrar em seus textos, digamos, aprovação à outras ocupações, frequentemente as trata como invasões. Frente a *Mirabal*, que é uma ocupação com temáticas e propostas diferenciadas, o jornal pareceu mais inclinado a oferecer seu espaço midiático para evidenciar os objetivos do movimento, porém, em seu imaginário, aparentemente, ainda se trata de um ato ilegal.

Todavia, ainda que, ao contrário do *GaúchaZH*, o *Sul21* não tenha apresentado expressões desfavoráveis à *Mirabal* em momento algum, ambos os jornais

construíram suas reportagens de formas similares, generalizadamente falando. Embora os discursos da mídia hegemônica e os da mídia contra-hegemônica normalmente se apresentem disputando sentidos, nas narrativas sobre a ocupação *Mulheres Mirabal*, estes foram a exceção.

Assim, de forma semelhante, foram identificadas duas características que compõem, em mais de um momento, as reportagens produzidas pelos dois jornais: matérias que relatam – na maioria das vezes, ainda na abertura - a história de uma vítima de violência que encontrou abrigo na ocupação *Mirabal* e o uso de falas das coordenadoras da ocupação no título de reportagens. Apesar de serem elementos bastante utilizados no jornalismo, eles parecem evidenciar a validação que é dada por parte dos veículos para com o movimento.

No caso dos relatos de mulheres que já passaram por algum tipo de violência, apesar de elas serem fontes válidas e da ampliação de suas falas e histórias serem relevantes para abordar um reparação na cultura machista da sociedade, muitas vezes, ao ter que expor sua história, ainda que de forma consentida, há um novo constrangimento. O ponto que fica em questão diz respeito a repetição deste tipo de narrativa: até onde, ao construí-las o jornalismo está abrindo espaço para as mulheres vitimizadas serem ouvidas, de fato? Pois, em alguns momentos, o que talvez aconteça – ou, ao menos, parece ocorrer - seja um uso exagerado de tais recursos, que podem acabar não cedendo espaço no jornal para dar voz a essas mulheres, mas sim explorando a imagem de vítimas em prol da reportagem.

Ao analisar as matérias, percebeu-se também que ambos os jornais, em alguns momentos, publicaram reportagens que apenas relatavam eventos, reuniões ou manifestações que a ocupação participou ou participaria. Isso parece revelar que a *Mirabal* não foi tratada de forma corriqueira, como sendo apenas mais uma ocupação ou movimento social presente na cidade, visto que foi aberto tempo e espaço nos veículos para relatarem algumas ações mais cotidianas do movimento.

Além de matérias de serviço, viu-se que durante um certo período o *Sul21*, em especial, cedeu um lugar expressivo em sua plataforma: em dois momentos são feitas matérias que contavam com um breve texto e, por fim, disponibilizam cartas da *Mirabal* na íntegra. Ainda, em outro momento, é publicado um texto opinativo de um deputado federal que defendia a existência do movimento e criticava as ações da Prefeitura que

iam contra a ocupação. Apesar do jornal ter deixado claro que as matérias produzidas por colaboradores não necessariamente espelhavam as opiniões do veículo, esta publicação demonstrou que, mais uma vez, o jornal abriu espaço para abordar as questões que envolviam a *Mirabal* e a abordavam de maneira favorável.

No entanto, a última matéria sobre a ocupação *Mulheres Mirabal* produzida pelo jornal *Sul21* foi publicada no dia 14 de setembro de 2018, com o título: “*Após suspensão de reintegração de posse, Procuradoria da Mulher da Câmara discute solução para a Mirabal*”. A reportagem noticiava uma reunião que acontecera na Câmara de Vereadores, retratando tanto o lado da ocupação quanto o da Prefeitura, com narrativas amenas em relação aos dois posicionamentos.

Desde então, passados quase dois anos, apesar da ocupação ter relatado outros acontecimentos, incluindo um novo pedido de reintegração de posse, o jornal não mais a noticiou. Dado que anteriormente o veículo buscava acompanhar até fatos mais anêmeros por quais o movimento passava, o que parece ocorrer é que o *Sul21* foi diminuindo o número de pautas sobre a *Mirabal* por suas temáticas se repetirem com frequência – como o caso dos pedidos de reintegração de posse do prédio ocupado pela *Mirabal*.

O *GaúchaZH*, por sua vez, fez sua última publicação sobre a *Mirabal* em 01 de abril de 2020. Apesar de curta, a matéria informou sobre a campanha criada pela ocupação a fim de arrecadar doações para mulheres que trabalhavam como diaristas em Porto Alegre e ficaram sem fonte de renda devido a pandemia da Covid-19. Durante todo o período que em que o *Sul21* ficou sem trazer mais informações sobre a *Mirabal*, o *GaúchaZH* produziu quatro reportagens. Além da última mencionada, duas abordavam a situação judicial do prédio e a outra falava sobre violência doméstica e sobre a ocupação, porém em seu título trazia como tema central uma novela que vinha abordando a violência contra a mulher.

A matéria “*Drama de Afrodite em ‘O Sétimo Guardião’, incendeia debate sobre violência doméstica*”, apesar de no início ter falado sobre o modo como a temática vinha sendo abordada na televisão brasileira, logo dedicou-se a narrar a história não fictícia de uma mulher, moradora de Porto Alegre, que havia passado por situações de violência. A partir disso, relataram que ela “*encontrou na ocupação Mulheres Mirabal seu novo lar*”.

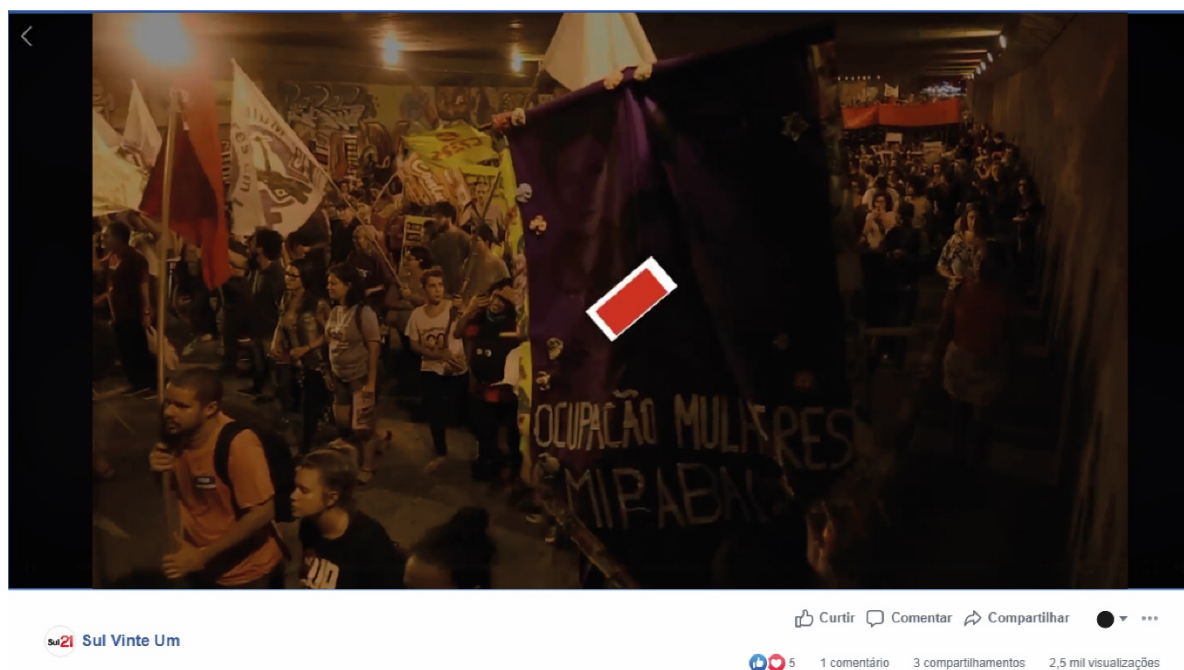
Assim, em um terceiro momento da reportagem, fora abordada a *Mirabal*. Neste ponto, em um entretítulo nomeado de “*acolhimento e união*”, ao descreverem o que era a ocupação, referiram-se a ela como “*uma ação social que ampara vítimas de violência doméstica*”. A reportagem seguiu narrando a ocupação e dedicando a ela mais dois entretítulos: “*precariedade*” e “*a estrutura da casa*”, ambos falando sobre o modo de funcionamento e a falta de recursos que as mulheres da *Mirabal* dispunham para realizar seu trabalho. Durante toda a reportagem foi usado um tom muito acolhedor ao falar sobre o movimento e, em contrapartida, um tom mais, digamos, acusatório sobre as atitudes adotadas pelo poder público.

Assim, frente ao que fora analisado nas reportagens sobre a ocupação *Mulheres Mirabal* do *GaúchaZH* e do *Sul21*, viu-se que em muitos momentos as abordagens feitas eram similares, mas demonstravam aprofundamentos diferentes. Embora alguns pontos tenham explicitado as diferenças já conhecidas entre o jornalismo hegemônico e o jornalismo contra-hegemônico, estes pareceram ocorrer mais por uma questão de seus fundamentos do que por uma adversidade para com esta ocupação em si.

Por isso, vale ressaltar que embora os dois jornais apresentem muitas similaridades quando discursam sobre a ocupação *Mirabal*, o *Sul21* tem uma maior proximidade com as pautas defendidas pelo movimento desde seu princípio. Isto é reafirmado pelo próprio veículo em uma de suas redes sociais. Na página do *Facebook* do *Sul21*, chama atenção a atual cena de abertura da página. Na rede social há um espaço onde pode-se colocar imagens para ficarem no topo da página, permanecendo em destaque para quem acessar seu perfil. Assim, em comemoração aos 10 anos de existência do *Sul21*, foi colocado um curto vídeo na capa de seu *Facebook*, onde aparecem imagens de acontecimentos que o jornal acompanhou.

Em meio a frase “*Estamos construindo um jornalismo com lado: o lado da democracia, das lutas por direitos, da defesa do meio ambiente, da diversidade, contra todas as formas de preconceito*”, vê-se a presença da *Mirabal* e de suas pautas em dois momentos. A primeira imagem referente ao movimento que aparece, retrata uma manifestação e tem em destaque a bandeira símbolo da ocupação, que carrega seu nome. Já a segunda imagem ligada a *Mirabal*, parece ter sido tirada na manifestação pelo fim da violência contra mulher, organizado pela ocupação *Mirabal*.

Figura 20 – Capa do Facebook do Sul21 mostra a *Mirabal*



Fonte: *print screen* Sul21/Facebook

Figura 21 – Capa do Facebook do Sul21 com imagem relacionada a *Mirabal*



Fonte: *print screen* Sul21/Facebook

Isso, de certa forma, evidência que por mais que tenham sido construídos sentidos parecidos em torno do que é a ocupação *Mulheres Mirabal*, cada um dos dois

veículos fala para um público de leitores diferente. O *Sul21*, por deixar claro que defende um lado, possui maior aproximação com pessoas que também compartilham de tal modo de pensar. Já o *GaúchaZH* atinge um público mais amplo, por não dizer explicitamente defender um lado. Assim, ao publicarem seus discursos, eles acabam recebendo outros sentidos, que se diferem entre si e, que, por sua vez, são significados de acordo com o que pensam seus leitores.

5.1.3 Os atores sociais agenciam os fluxos

Naturalmente, como já observado anteriormente, os ideais e interesses dos quais um jornal partilha podem afetar o modo como suas narrativas são construídas. Por conseguinte, a forma com que um jornal constrói sua narrativa sobre um objeto, pode afetar o modo como o público o enxerga.

Portanto, a fim de verificar se existe interação nas matérias sobre a ocupação *Mulheres Mirabal* publicadas pelo *Sul21* e pelo *GaúchaZH* por seus respectivos leitores - e, caso exista, entender o que ela expressa -, foi considerado olhar como são postas a circulação de tais. Assim, analisou-se o discurso dos atores sociais, que aqui estão representados pela sociedade, através dos comentários por eles deixados nas páginas do *Facebook* dos jornais e em seus *sites*.

Em um primeiro momento, foi olhado para as publicações que estavam nos *sites* de ambos jornais e, de modo geral, foi percebido que não havia um grande fluxo de comentários. No endereço eletrônico do *Sul21* não foi encontrado nenhum comentário em nenhuma das 25 reportagens referentes a *Mirabal* que estavam em análise. Já no *site* do *GaúchaZH*, das 21 matérias em questão, 6 delas possuíam comentários de seus leitores.

Percebeu-se que nestas 6 matérias, nenhuma continha mais de 3 comentários e todos eles posicionavam-se contra a ocupação. No entanto, algo interessante que fora observado é que um mesmo leitor comentou ao menos uma vez em todas as reportagens que apresentavam interações.

Em relação ao conteúdo dos comentários escritos por ele, pode-se dizer que manifestavam uma certa perturbação quanto ao uso do termo “ocupação” ao invés de “invasão” presente nas reportagens do *GaúchaZH* ao se referir a *Mirabal*. Em alguns momentos, quando esse ator social falava sobre a *Mirabal*, utilizava a palavra

“*invasão*” com letras maiúsculas, aparentemente buscando deixar claro seu posicionamento frente ao movimento. Além disso, a maior parte de seus comentários traziam referências a esquerda política, ligando-a com a ocupação como modo de criticar ambos.

“*Elas vão INVADIR outro local com apoio dos esquerditas...*”; “*a cidade necessita, antes de mais nada, é de educação de qualidade, não de invasão*”; “*INVASÃO neste país virou moda... implantadas por governos esquerditas*”; “*tudo pau de manobra das ONGs e politiquinhos da esquerda pseudo marxista*”; “*ocupação (invasão) é crime!*”, diziam os comentários deste leitor em matérias que abordavam os pedidos de reintegração de posse expedidos contra a ocupação *Mirabal*, as tentativas de regularização da ocupação junto ao grupo de trabalho criado pelos órgãos oficiais, e da ocupação de um segundo prédio feita pelas mulheres do grupo.

De certo modo, é possível notar que a forma como a palavra “*invasão*” ganhava destaque, tanto pela repetição quanto pela forma que era escrita, aparentava que o leitor sugeria ao jornal qual termo deveria estar sendo usado. O leitor pareceu expressar seu descontentamento com ocupações - movimentos sociais, de modo geral -, não colocando sequer as pautas da *Mirabal* em questão, que era o que as reportagens abordavam. Por fim, ainda, as falas desse ator social demonstravam que ele também buscava defender seu posicionamento político, uma vez que, ao reclamar sobre a existência de ocupações, culpou a esquerda pela presença de tais.

Contudo, percebeu-se que há um movimento parecido também no *Facebook* do *GaúchaZH*. Para a pesquisa, fez sentido analisar se as reportagens sobre a *Mirabal* que eram feitas, tanto pelo *GaúchaZH* quanto pelo *Sul21*, também eram compartilhadas por meio do *Facebook* de cada um dos jornais, visto que este costuma ser um canal com maior interatividade. Assim, ao buscar por termos referentes a ocupação dentro de suas páginas, chegou-se ao seguinte número: foram encontradas 5 das 21 matérias do *GaúchaZH*, e 20 das 25 do *Sul21* compartilhadas em seus respectivos perfis do *Facebook*.

Ao olharmos para o conteúdo relativo a *Mirabal* presente no *Facebook* do *GaúchaZH*, vemos que apesar de apresentarem uma menor quantidade de reportagens, a interação por parte dos atores sociais é feita de modo bem intenso. Em todas as 5 reportagens encontradas há comentários, compartilhamentos e reações,

ainda que algumas matérias possuam um maior fluxo comunicativo por parte dos leitores do que outras.

Os comentários que surgem são tanto de apoio quanto de desaprovação à ocupação. Nas postagens que apresentam menor circulação, não costuma haver discussão entre os atores a respeito das opiniões expressas. Como no caso da publicação da reportagem “*Justiça determina reintegração de posse de prédio que abriga a Ocupação Mirabal*”, onde o único comentário é feito por um homem que parece apoiar a ocupação e reprovar a atitude da Justiça. O leitor pôs: “*Contra os pobres a justiça é rápida, severa e ágil. Só não funciona contra os corruptos da quadrilha do Planalto que colocou a justiça de joelhos e de costas para a população*”.

Já em outro momento, no *post* de uma matéria que também trazia pouca interação, ocorreu o oposto. No único comentário referente a reportagem “*Juiz determina cumprimento de reintegração de posse de casa onde funciona a Ocupação Mulheres Mirabal*”, o leitor diz: “*Ocupação é o ‘caraio’, invasão que foi feito. Cacetada e muito gás de pimenta*”.

É reparado que o comentário que expressou se opor a ocupação seguiu o mesmo estilo dos comentários encontrados no site do *GaúchaZH*, igualmente reforçando a ideia de que o termo correto é “*invasão*”. Dessa forma, olhando para os comentários que expressam posicionamentos diferentes, pode ser notado que não necessariamente os leitores de jornais tradicionais serão contra movimentos sociais. No entanto, é mais provável identifica-los nestes do que em jornais alternativos, tanto pelos posicionamentos políticos que estão na base dos jornais – e, portanto, influenciam o tipo de leitor que terão - quanto ao seu histórico de interesses, onde os veículos de comunicação hegemônicos, por questões mercadológicas, tratavam - e, muitas vezes, ainda tratam - movimentos sociais de forma pejorativa.

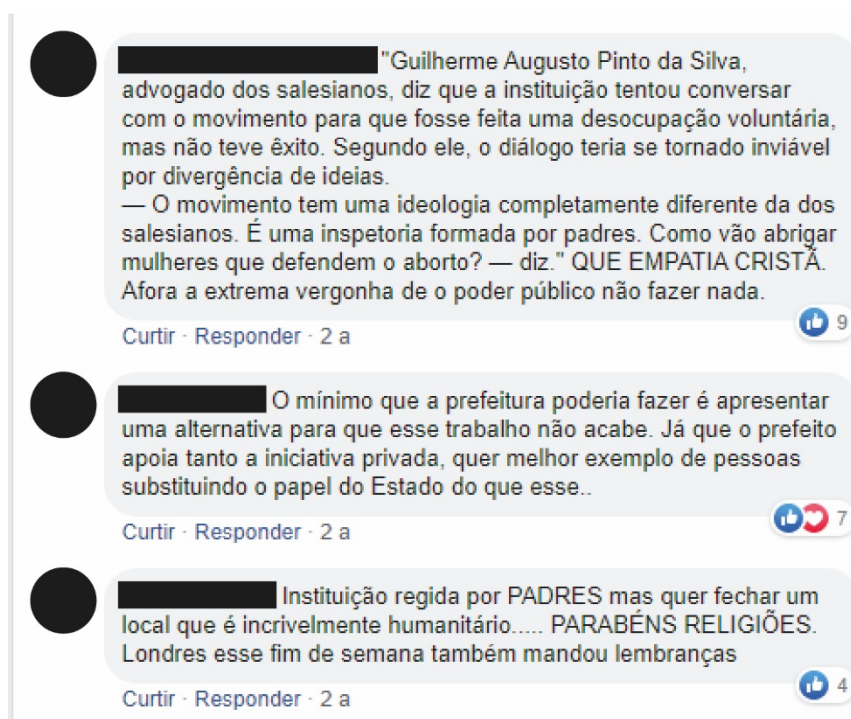
No entanto, quando olhado para as publicações que mostram ter um maior número de interação, foram notados dois eventos: em um deles, duas das matérias sobre a *Mirabal* que foram postadas no *Facebook* contam com comentários contrários e favoráveis à ocupação, mas não trazem discussões entre os atores sociais. Já em uma outra, há comentários de apoiadores e não apoiadores e, em alguns momentos, os leitores discutem entre si sobre os posicionamentos uns dos outros.

No caso das duas matérias mencionadas, uma delas, intitulada “*Grupo recolhe doações a mulheres que trabalhavam como diaristas em Porto Alegre*” foi publicada recentemente. Apesar de conter poucos comentários, apenas um parabenizava a ocupação enquanto os outros sinalizavam ir contra ela. No entanto, a fala de um homem se destaca ao dar a impressão de estar reproduzindo um mesmo discurso que já fora observado nessas interações em outros momentos: “*Grupo recolhe? Ou marginais assaltam? Que imprensa, hein...*”, disse o homem. Vê-se novamente uma fala de um leitor que parece recriminar o movimento e espera da imprensa tradicional que também o faça.

Já em relação aos comentários da outra matéria que também expressa um modo de circulação parecido com a recém exposta, intitulada “*Abrigo de apoio a mulheres vítimas de violência doméstica na Capital pode parar de funcionar*”, o que chamou atenção é que os comentários, em sua maioria, defendiam a existência do movimento. Alguns comentários como “*o local tem dono, mania de querer tudo de graça ou na marra. Vão trabalhar, quem mandou arruma macho à toa...*” e “*paga aluguel como tudo mundo que não vai para a rua*” apareceram na publicação, mas o que predomina são comentários desaprovando a atitude da Prefeitura e da instituição católica que, por sua vez, era a dona do prédio ocupado e tentava retirar as mulheres da *Mirabal* de lá.

Declarações irônicas como “*que empatia cristã*” e “*parabéns religiões*” preencheram os espaços dos comentários. É interessante observar que os atores sugeriam que a igreja - devido ao papel social que, supunham, tem de exercer - deveria apoiar a causa da *Mirabal* ao invés de tentar retirá-la do prédio. O comentário de um homem trazia um trecho da reportagem onde o advogado da *Congregação Salesiana* dava a entender que os padres não poderiam apoiar um movimento de mulheres que defendem o aborto. A questão do aborto costuma ser muito acionada ao movimento por quem deseja criticá-lo ou desmerece-lo.

Figura 22 – Comentários contrários à Congregação dos Irmãos Salesianos



Fonte: *print screen* GaúchaZH/Facebook

Como anteriormente relatado, essas publicações de reportagens demonstravam em sua circulação que, apesar de terem tido interações tanto de apoiadores quanto de não apoiadores, não houve confrontos. Ou seja, nas duas publicações acima explicitadas, os comentários apenas apresentavam o posicionamento do leitor, sem que fossem contestados por pessoas que pensavam de forma diferente. No entanto, o mesmo não aconteceu quando o *GaúchaZH* compartilhou no *Facebook* sua matéria “*Dia internacional pelo fim da violência contra a mulher tem ato na redenção*”. Nesta, além dos comentários, ficou visível a comunicação entre os próprios leitores.

Na reportagem em questão, seu título não deixa explícito que o texto trataria da ocupação *Mulheres Mirabal*, o que pode ter feito com que, caso algumas pessoas tenham lido apenas a manchete, ligue-a somente ao movimento feminista e a movimentos sociais. No entanto, o grupo de mulheres que organizou e que estava fazendo a manifestação era composto, em sua maioria, por coordenadoras e abrigadas da casa de referência *Mirabal*, sendo elas inclusive as fontes entrevistadas na reportagem.

Voltando a observar a matéria, viu-se que grande parte dos comentários contrários ao movimento que eram feitos, já iniciavam abordando-o de maneira a inserir ele dentro de um lado político – mais especificamente, esquerda – ou então contestando o fato de o movimento lutar apenas por mulheres. Nesses confrontos, o que parecia ocorrer é que, mesmo os comentários que iniciavam apenas demonstrando o posicionamento do leitor referente ao ato, partiam para uma discussão de ideais e posicionamentos políticos opostos.

Nesta publicação, a maioria dos comentários contrários foram feitos por homens e o assunto mais abordado por eles era o fato de que o movimento levantava apenas a causa da violência contra mulheres, enquanto, conforme por eles dito, a violência ocorre para todos, inclusive para homens. Deste mesmo modo, outros comentários mostravam reforçar pensamentos machistas através de frases como “o tanque está cheio de roupa pra lavar e ficam aí enchendo o saco”, que eram retrucadas e contestadas por pessoas que não concordavam com tal ideia que a frase expressava.

Figura 23 – Comentários com teor machista

The image shows a screenshot of a Facebook post with several comments. The comments are as follows:

- Comment 1: "Só pra lembrar que vivemos a mais de 30 anos com partidos socialistas no poder, doutrina comunista de Marx e Stalin infiltrada na educação, na mídia e no governo." (1 like)
- Comment 2: "Homens não morrem? 😊 estamos sendo acusados? ou só não fomos cotados? Quem mata é assassino e não homem. A cada 5 mortes no Brasil 4 são homens." (2 likes)
- Comment 3: "O tanque tá cheio de roupa pra lavar e ficam aí enchendo o saco." (12 likes)
- Comment 4: "Então lava, UÉ" (9 likes)
- Comment 5: "Você tem dois braços e duas pernas, só começar a lavar filhão!" (9 likes)

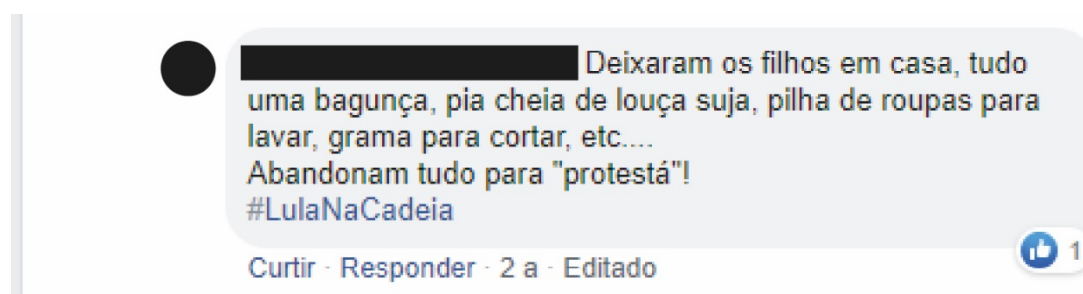
Each comment includes a 'Curtir · Responder · 2 a' button and a 'Ocultar 11 respostas' link.

Fonte: *print screen* GaúchaZH/Facebook

Assim, percebeu-se, em muitos momentos, a recorrência de debates entre pessoas que demonstravam pensar de forma machista – geralmente homens, mas não exclusivamente - contra pessoas que, aparentemente, buscavam defender ideias feministas. Nas falas que continham traços machistas, viu-se uma tentativa de colocar a mulher como um ser inferior, que tem um lugar específico na sociedade e que não era o qual estava sendo ocupado pelas mulheres do movimento *Mirabal* ao irem para a rua e se manifestarem. Já o discurso feminista identificado, bate de frente com tais comentários, defendendo o direito da mulher de ter igualdade em relação ao homem e de, portanto, estar onde e se expressar da forma que quiser ou julgar necessária.

Da mesma forma como fora percebido anteriormente analisando os comentários em outras publicações, nesta, o posicionamento político individual de alguns atores apareceu novamente como forma de criticar o movimento. Um mesmo leitor apareceu em dois momentos respondendo a comentários utilizando a *hashtag* “*LulaNaCadeia*”.

Figura 24 – Comentário contra a ocupação *Mirabal*

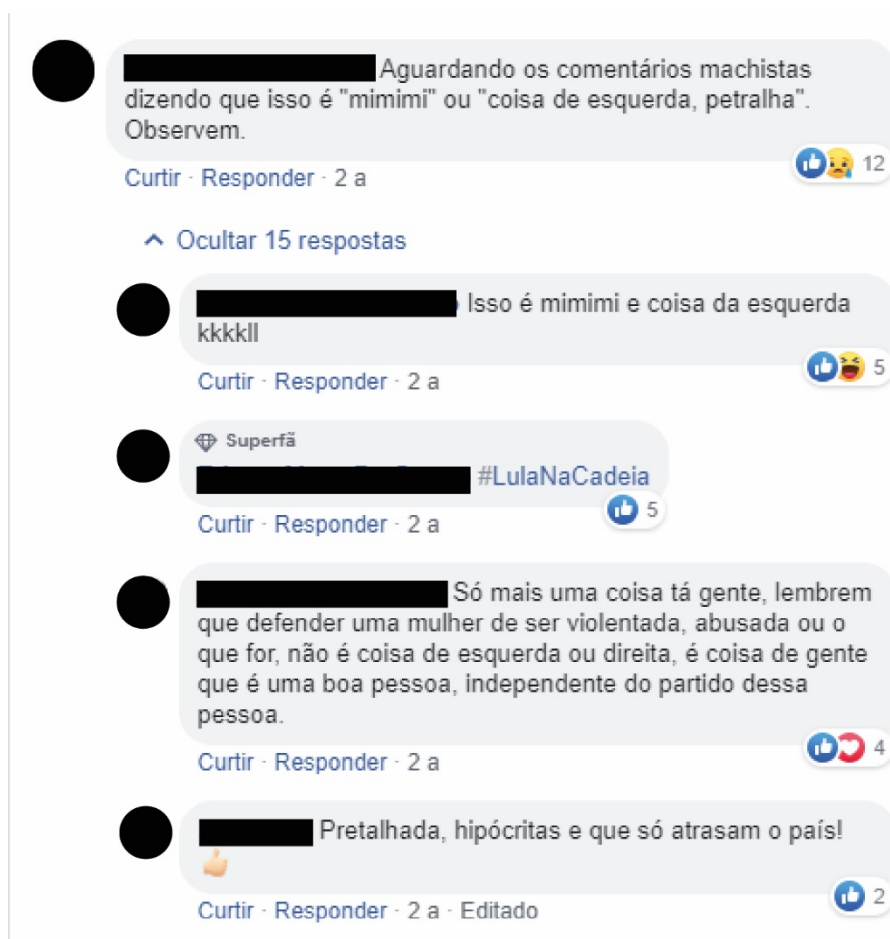


Fonte: *print screen* GaúchaZH/Facebook

Ainda que, como já exposto na pesquisa, possa ser afirmado que movimentos sociais, de um modo geral, têm suas raízes políticas na esquerda, pessoas com posicionamento político oposto parecem resumir e ligar a imagem dessas mobilizações unicamente a isso, sem que avaliem separadamente as pautas que estão sendo levantadas. No entanto, quando o fazem, tendem a considerá-los exclusivamente por seus tópicos mais polêmicos - pode-se assim dizer -, e não pelos que poderiam ser compartilhado por ambos - direita e esquerda -, como, por exemplo, o fim da violência contra mulher.

A fala de uma mulher chamou atenção ao dizer que estava esperando que os comentários de cunho político e sexista aparecessem. Para além do que já vinha sendo observado, este comentário demonstrou que é comum a presença deste tipo de fala em postagens que evidenciam ações de movimentos sociais, ou - ainda mais especificamente -, de movimentos feministas. Em resposta ao seu comentário, foi identificado que, de fato, surgiram discursos que limitavam a existência da ocupação a questões ideológicas.

Figura 25 – Grupo de atores sociais debatendo posicionamentos políticos



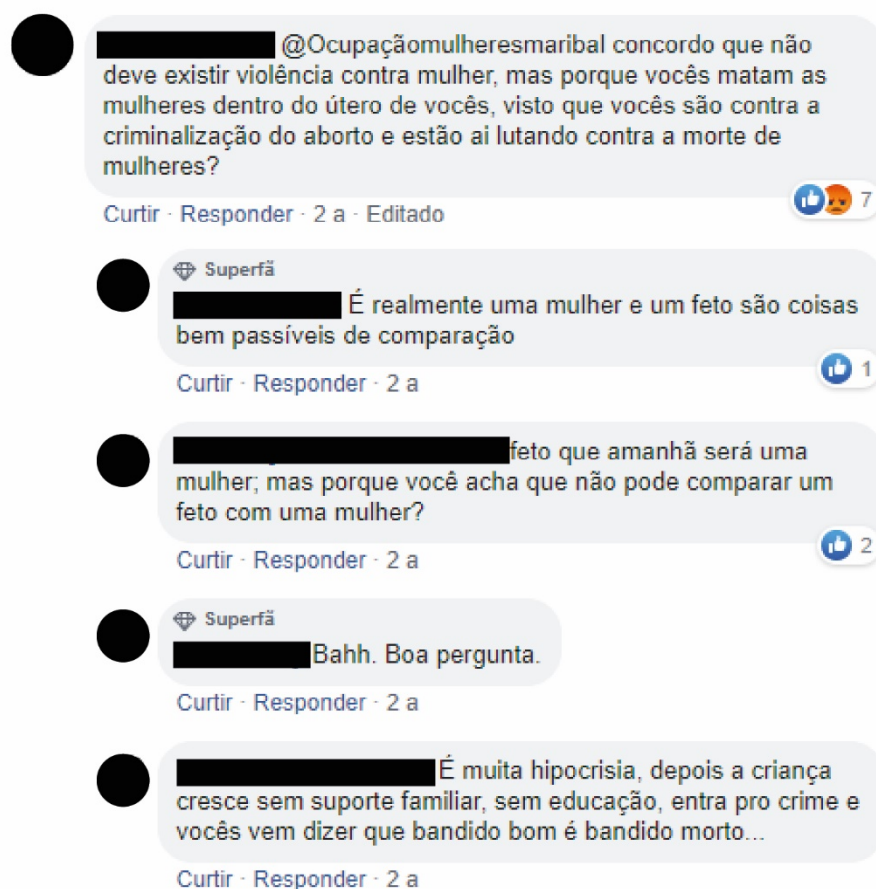
Fonte: *print screen* GaúchaZH/Facebook

Outro assunto que fora fortemente abordado em tais comentários, relacionavam o movimento ao aborto. O comentário de um homem dizia: "As *tais* mulheres 'mirabe'l... Meu, essas defendem o aborto, muito cinismo/oportunismo", parecendo avaliar que mulheres que defendem o aborto não poderiam também

defender a vida de outras mulheres - uma vez que, em uma linha de raciocínio amplamente compartilhada por conservadores, ser favorável ao aborto significa legitimar que se possa matar pessoas.

Apesar de a reportagem estar indicando que este foi também um dos temas que estava sendo abordado na manifestação, não era o único assunto levantado e nem mesmo o assunto central. Em um outro comentário, um homem apareceu questionando diretamente a *Mirabal*: “Concordo que não deve existir violência contra mulher, mas porque vocês matam as mulheres dentro do útero de vocês (...)?”. Dessa forma, parece que movimentos que defendem pautas relacionadas a mulher e ao feminismo são – quase que instantaneamente - reduzidos a defesa pelo aborto ou, então, têm todos seus tópicos de reivindicações julgados por este posicionamento no imaginário popular de pessoas que vão contra tais temas.

Figura 26 – Atores sociais relacionando a *Mirabal* com a defesa do aborto

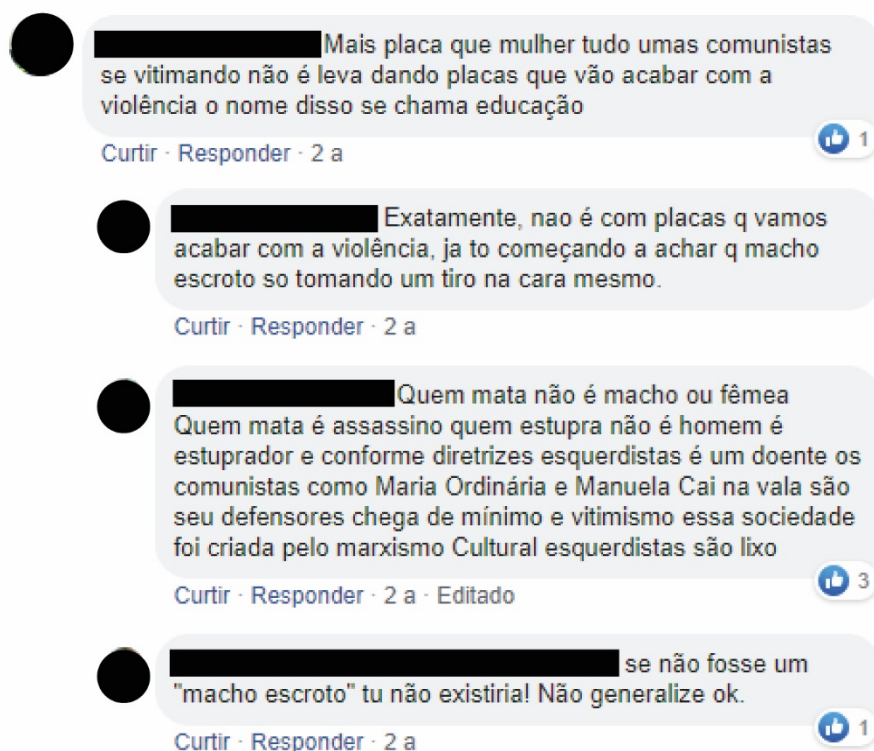


Fonte: *print screen* GaúchaZH/Facebook

Por fim, outro assunto que fora amplamente debatido nos comentários dessa publicação contestavam a violência denunciada pelo movimento. Além de comentários que traziam supostos dados onde indicavam que o número de homens assassinados no Brasil era superior ao número de mulheres que morriam por feminicídio, alguns ironizavam a existência de um movimento que luta pelo fim da violência contra mulheres, em comentários como “*partiu Síria ver quem é mais violento contra as mulheres*” ou, como, ao marcar um outro homem, o leitor dizia: “*para de bater na tua nega ‘véia’ se não uma hora tu vai tomar uma ruim, malandro*”.

Essas declarações pareciam colocar o movimento como um ato de vitimização. Em outro comentário, um homem declarou: “*Mais placa que mulher, tudo umas comunistas se vitimando (...)*” e, ao responder uma crítica que foi feita a ele, continuou: “*quem mata não é macho ou fêmea, quem mata é assassino*”. Percebeu-se que para algumas pessoas, defender que mulheres não sejam mortas por conta do seu gênero não é um discurso validado porque consideram que esta seja apenas uma questão política e ideológica.

Figura 27 – Atores sociais falando sobre *Mirabal* e aborto



Fonte: *print screen* GaúchaZH/Facebook

Contudo, o que fica evidente é que o fato de o *GaúchaZH* ser um jornal de massa, possuindo, portanto, grande alcance da população local – que é a quem se destina -, faz com que sua circulação abranja pessoas de posicionamentos distintos.

Já o *Sul21*, por ser um jornal de menor alcance - por uma série de fatores já evidenciados -, demonstrou ter pouco fluxo de comunicação em sua página do *Facebook* por parte de seus leitores, bem como já havia sido reparado em seu *site*. Além de algumas matérias não contarem com nenhuma interação visível, foi encontrado apenas um comentário em que o conteúdo textual é relativo à publicação.

Na reportagem que estava sendo compartilhada pelo próprio veículo, intitulada “*Prefeitura decide que prédio cedido pelo Estado não irá para Ocupação Mirabal*”, nota-se que o público do *Sul21* demonstrou reagir de forma contrária a decisão do município. Esta reação ficou perceptível ao olhar para os *emojis* que foram adicionados a publicação.

No *Facebook*, dentro da opção de “*curtir*” uma publicação, pode-se optar por “*reagir*” a ela. As reações, que podem expressar tristeza, raiva, risadas, surpresa ou amor, ficam marcadas na postagem de acordo com a que a pessoa selecionar, simbolizando o que foi sentido frente a postagem.

No entanto, o que ficou em evidência foi o comentário de uma leitora que acompanhava a página e se manifestou sua desaprovação em relação a atitude da Prefeitura.

Figura 28 – Comentário em reportagem sobre a *Mirabal* no *Facebook* do *Sul21*



Fonte: *print screen* Sul21/Facebook

Vê-se que, diferentemente do modo como se comportavam a maior parte dos comentários encontrados nas publicações relacionadas à ocupação *Mirabal* presentes no *Facebook* do *GaúchaZH*, o único comentário relevante que foi encontrado no *Facebook* do *Sul21*, ao invés de se mostrar contra o movimento, se colocou contra o poder público e, por consequência, defendeu a ocupação.

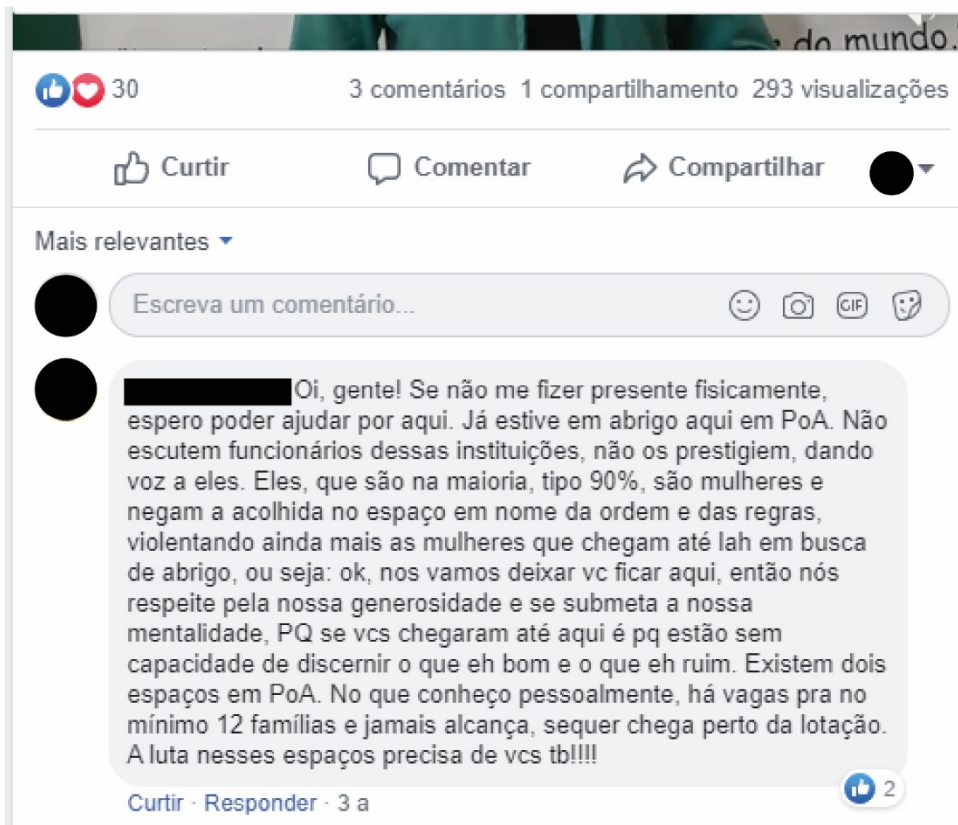
Ainda que também tenha sido evidenciado a presença de alguns comentários como este na página do *GaúchaZH*, o fato de não ter sido encontrado comentários desvalorizando a ocupação e as temáticas que ela aborda, parece já indicar que os leitores do *Sul21* são mais favoráveis à *Mirabal* e a questões sociais. Para mais, nas publicações do *GaúchaZH*, percebeu-se que grande parcela dos atores sociais que interagem eram homens e, que em sua maioria, deslegitimavam o movimento. Já no *Sul21*, ainda que exista só um comentário para realizar a comparação, ele parte de uma mulher e traz uma manifestação crítica ao governo.

Além disso, é válido ressaltar que o indicativo de “*Superfã*” encontrado acima do comentário, mostra que a pessoa costuma interagir com as publicações da página, seja através de comentários, reações ou compartilhamentos.

Já, no que diz respeito aos comentários encontrados na página do *Facebook* da ocupação *Mulheres Mirabal*, poucos foram os que não eram direcionados exclusivamente a celebrar a ocupação e dar apoio as doações. No entanto, dois comentários chamaram atenção.

O primeiro, em uma postagem da página que falava sobre um pedido de reintegração de posse, uma mulher relatou a experiência que tivera em uma casa de acolhimento oferecida pelo Estado para mulheres em situação de violência. Em seu comentário, ela disse que estes “*negam a acolhida no espaço em nome da ordem e das regras, violentando ainda mais mulheres que chegam até lá em busca de abrigo*”. Ao trazer tais exposições, ela valoriza e valida o serviço oferecido pela *Mirabal*, apontando que o fato de existirem abrigos públicos para mulheres, não é o suficiente. Ainda mais importante do que criar estes espaços, é o fato de que neles haja pessoas capacitadas para atenderem as mulheres que lá chegam - debilitadas física e psicologicamente. Assim, a leitora ressalta que a *Mirabal*, por sua vez, além de acolher as mulheres, as trata de forma humanizada.

Figura 29 - Comentário em vídeo publicado pelo *Facebook* da *Mirabal*



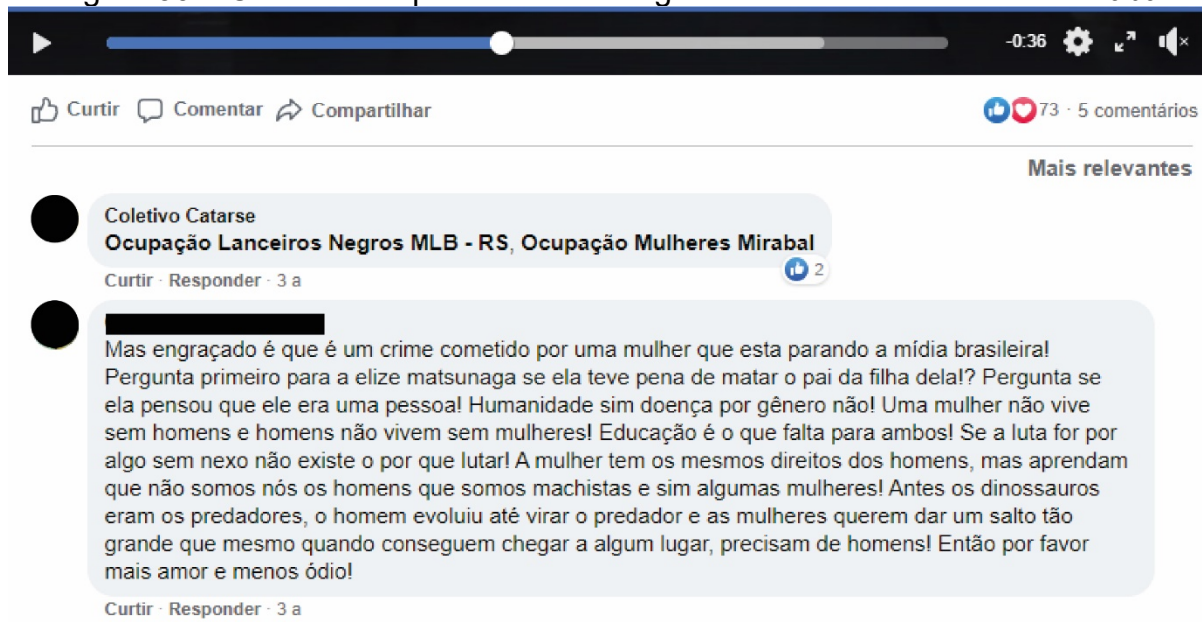
Fonte: *print screen* Ocupação Mulheres Mirabal/Facebook

O outro comentário que foi considerado relevante, não está diretamente na página da ocupação. A publicação - que já foi comentada nesta pesquisa anteriormente no *capítulo 5.1.1* - é originalmente feita pelo *Coletivo Catarse*, apresentando um vídeo das mulheres da *Mirabal* ocupando o prédio em que inicialmente se estabeleceram. A página da *Mirabal* compartilhou essa postagem ainda em seu primeiro dia de presença nas redes. Assim, apesar de o comentário ter sido feito na publicação original, tem-se acesso a ele através do *Facebook* da ocupação ao clicar no compartilhamento.

No comentário em questão, um homem criticou o movimento por defender especificamente pautas voltadas para mulheres, ao invés de defender a “*humanidade*”. No decorrer de sua fala, apesar de ter defendido que mulheres e homens possuem direitos iguais, ele expôs que: “*Antes os dinossauros eram os predadores, o homem evoluiu até virar o predador e as mulheres querem dar um salto*

tão grande que meso quando conseguem chegar a algum lugar, precisam de homens!”, e concluiu *“Então, por favor, mais amor e menos ódio.”*.

Figura 30 – Comentário questionando a legitimidade do movimento da *Mirabal*



Fonte: *print screen* Coletivo Catarse/Facebook

Embora o próprio leitor componha sua narrativa com ataques e desvalorizações ao gênero feminino, ele trata as temáticas defendidas pela *Mirabal* como sendo propagadoras de um discurso de ódio. Vê-se que, além de uma certa contradição, há um desconhecimento por parte dele em relação ao o que a luta por direitos das mulheres - ainda mais, a luta pelo fim da violência contra mulher – de fato representa.

De tal modo, ao fazer este comentário, o ator social acaba por legitimar e dar voz a ocupação *Mirabal*. Isto porque, em seu próprio discurso, ao mesmo tempo em que diz ter de haver igualdade entre os gêneros, também mostra que ele - um homem - vê o sexo masculino como superior ao feminino. Ressaltando ainda que, ao levantarem tais lutas *“as mulheres querem dar um salto tão grande que mesmo quando conseguem chegar a algum lugar, precisam de homens!”*.

Ao olhar os sentidos por ele abordado, percebe-se que ele faz uma crítica às críticas que as mulheres produzem. A isto, vê-se que o movimento da *Mirabal* não apenas defende mulheres violentadas, mas trabalha, justamente, com o intuito de desfazer estas crenças culturais historicamente presente dentro da sociedade, onde

o homem é um ser superior e que, qualquer movimento que coloque o “poder masculino” em questão, tende a ser tachado como, nas palavras do autor, uma “doença por gênero”.

5.2 A ocupação resiste

5.2.1 A *Mirabal* na midiaticização

A fim de melhor compreender o modo como a ocupação *Mulheres Mirabal* interage com as mídias e organiza suas redes com vistas à circulação, realizamos uma entrevista com uma das coordenadoras da ocupação *Mulheres Mirabal* e representante do Movimento de Mulheres Olga Benário, Nana Sanches. Geógrafa, professora, mestre e doutoranda em Análise Territorial, Nana integra a coordenação da ocupação *Mirabal* desde seu início, em novembro de 2016.

Apesar de o movimento da *Mirabal* se reconhecer e ser reconhecido como uma ocupação, quando olhamos para suas redes sociais, vê-se que ele se apresenta como “*Casa de Referência da Mulher*”. A isto, Nana explicou que a *Mirabal* considera “*muito legítimo ser um movimento social que constrói uma casa de referência a partir da sociedade civil organizada - que é o movimento social -, juntas com a sociedade civil, que quer prestar um trabalho social, de retorno para a sociedade*”.

Assim, em defesa da legitimação do movimento para além do modo como ele surge, ela seguiu comentando que “*enquanto o gestor não der resposta, por exemplo, a prédios abandonados e terrenos abandonados que podem se tornar locais de cenários de violência... Os movimentos sociais, ao ocuparem esses espaços, dão uma utilidade, fazem, inclusive, com que a constituição seja cumprida – que diz que tudo dentro do espaço urbano tem que ter um uso, seja ele para a educação, para a saúde, para o lazer...*”. Deste mesmo modo, demonstrando que o movimento tem o intuito de, além de defender suas pautas, fazer com que a sociedade tenha acesso a mais espaços que estão disponíveis porém não disponibilizados a ela, Nana diz que a *Mirabal*, além de abrigar mulher necessitadas, busca estar sempre com as portas abertas para receber a comunidade, seja para visitas ou seja em eventos.

Visto que a *Mirabal* possui um forte meio de comunicação com a sociedade - em especial com seus apoiadores - através do uso de redes sociais, buscou-se

entender como esse processo comunicacional se dá, dentro e fora da ocupação. Assim, Nana comentou que, apesar de haver mulheres coordenadoras do movimento que possuem formação em áreas da comunicação social, seus espaços digitais são abertos para todo o grupo. Deste modo, tanto as publicações quanto os compartilhamentos feitos nas redes do movimento não são organizados de modo a seguir um padrão pré-determinado, e, sim, vai de acordo com o que julgam necessário no momento, uma vez visto que todas elas sabem e compartilham dos mesmos ideais da luta da *Mirabal*.

Durante todo o tempo em que estão presentes nas redes, a coordenadora diz que, não houve interações negativas e que as pessoas costumam acolher as pautas defendidas pela ocupação, ainda mais pelo formato que ela assume. *“Normalmente as pessoas apoiam muito a iniciativa de um movimento social se colocar como um ator - como atriz, talvez - na gerência do espaço urbano. E fazendo um serviço, inclusive, que o Estado tem que fazer”*, expôs.

Para ela, esse acolhimento que a ocupação recebe da sociedade, por parte, inclusive, de pessoas ligadas a uma política mais “neutra”, tem relação com o que o movimento feminista vem fazendo nos últimos anos. *“O feminismo, no Brasil e no mundo, conseguiu colocar a violência contra a mulher num outro patamar de debate e de políticas públicas nos últimos 20 anos. E isso faz com que existam mais pessoas, eu acredito, apoiando do que não apoiando”*, comentou Nana.

Assim, para além do apoio verbal encontrado, Nana explicou que o uso das redes sociais fez com que muitas das mulheres que hoje fazem parte do movimento, chegassem até ele. Fora isso, através do uso do *Facebook* e do *Instagram* as mulheres do movimento conseguiram encontrar uma plataforma onde podem informar o que se passa na casa. Segundo Nana, a ferramenta é bastante utilizada *“principalmente para estar informando as pessoas sobre as negociações, por exemplo, que a gente teve com os poderes públicos.”*

Essa foi a forma que a ocupação encontrou de conseguir mostrar para a sociedade, de modo geral, a forma como os poderes públicos a tratavam. E, também por meio disso, alcançaram apoiadores que ajudaram o movimento a reverter os pedidos de reintegração de posse.

No entanto, as redes sociais da *Mirabal* não são os únicos meios pelo quais a sociedade pode se informar sobre os acontecimentos que se passam na ocupação. Apesar de ter uma boa relação com vários jornais da região, Nana avaliou que o principal veículo de comunicação com o qual o movimento conta é o jornal *A Verdade*. “*Esse é o principal veículo de comunicação que a gente tem entre nós, entre a militância, para saber o que está tendo de luta de mulheres no Brasil, de uma forma geral*”, disse.

Muito por conta do tema central que a *Mirabal* defende, Nana explicou que o movimento normalmente é bastante procurado por veículos de comunicação, tanto alternativos como hegemônicos. Ao movimento, segunda Nana, muito interessa essa procura, ainda mais quando se trata de jornais que tem um alcance maior dentro da sociedade – referindo-se ao jornalismo hegemônico –, por saberem que, assim, seu discurso alcançará mais pessoas. “*É importante também que a gente dispute esses veículos que são dominados pelo capital, mas que as pessoas têm referência, que as pessoas leem, que as pessoas acreditam*”, comentou.

Assim, ainda falando sobre a mídia de massa, Nana salientou que a boa relação criada entre a ocupação *Mirabal* e tais veículos já rendeu marcos importantes na forma como movimentos sociais e veículos jornalísticos hegemônicos, de modo geral, se relacionam. “*Eu acho que a Mirabal conseguiu abrir um espaço muito grande em vários jornais de massa, de mídia de massa. E eu acho que ela foi uma das primeiras ocupações a ser chamadas de ‘ocupação’*”, pontuou Nana, aludindo à histórica maneira do jornalismo tradicional se referir a tais movimentos sociais como “*invasão*”, de maneira pejorativa.

Apesar de, como afirmou Nana, os termos que a mídia usa para definir a *Mirabal* – seja como “*ocupação*” ou como “*invasão*” – não mude sua situação diante dos órgãos jurídicos, ela explicou que, ainda assim, não utilizar o termo “*invasão*” é um comportamento importante para o andamento do movimento. Segundo a coordenadora, independente da mídia ser alternativa ou tradicional, o que sai nela pode mudar o modo como o Estado reconhece a existência e o trabalho da *Mirabal*. Isso porque os discursos jornalísticos assumem espaços importantes no modo como a sociedade pensa a *Mirabal*, e, assim, uma vez que o Estado precisa de pessoas que o apoiem, eles tendem a ouvir o que estes têm a dizer.

Desta maneira, o sentido como a informação é narrada pelo jornalismo acaba por influenciar diretamente o imaginário da sociedade perante a *Mirabal*. “Com certeza, a forma como as mídias trazem, faz com que as pessoas sintam, ou raiva ou admiração. Com certeza, eu acho que a informação sempre foi algo crucial para as pessoas entenderem o que é que está acontecendo e, também, para a própria historiografia da sociedade”, explicitou Nana.

Portanto, nota-se nestes discursos, que mais do que ocupar um espaço, a *Mirabal* surge como um movimento pertencente a sociedade e que, assim, se vê no direito de gerir espaços que também são seus na busca por servir ao coletivo. No entanto, dentro da sociedade midiaticizada em que vivemos, as lógicas comunicacionais, de certa forma, impõem que o movimento seja inserido no ambiente digital para que alcance reconhecimento. Dentro do mesmo, a *Mirabal* parece dominar a forma como alcançar seu público, usando estas ferramentas não apenas como forma de apresentar seus trabalhos, mas também como caráter denunciativo ao que enfrenta frente o poder público.

Ainda assim, o papel do jornalismo não se descaracteriza-se: embora as práticas de comunicação estejam difundidas, ainda há uma disputa por um espaço discursivo, de visibilidade que o jornalismo – ainda mais o hegemônico – pode proporcionar ao movimento.

5.2.2. O jornalismo retroalimenta ou apaga

Para que fosse possível entender um pouco mais também sobre como são constituídos os enquadramentos que a mídia dá a movimentos sociais, percebeu-se que era necessário ouvir quem os produz. Assim, a ideia inicial era ouvir jornalistas que trabalhassem dentro dos veículos analisados, *GaúchaZH* e *Sul21*, e que tivessem feito a cobertura da ocupação *Mulheres Mirabal*.

No entanto, considerando que as reportagens sobre a *Mirabal* não foram escritas por um único repórter em nenhum dos dois jornais, foi pesquisado dentro das matérias analisadas os jornalistas que mais vezes haviam documentado o movimento. A pesquisadora tentou contato em mais de um momento e por diversos meios com duas repórteres do *GaúchaZH* que pareciam ter conhecimento sobre a ocupação. No entanto, apesar de eu um primeiro momento ter havido um retorno positivo de uma

delas, a conversa foi descontinuada por parte da jornalista e posteriormente não fora mais conseguido contato.

Já a respeito do *Sul21*, foi tentado contato com o repórter Luís Eduardo Tebaldi Gomes, que, por sua vez, aceitou dar a entrevista. Autor de diversas matérias sobre a *Mirabal* publicadas em tal jornal alternativo, Luís é formado em jornalismo e trabalha no *Sul21* desde 2015.

A autora da pesquisa considerou importante apresentar a entrevista concedida por Luís, pois, ainda que não fosse possível também relatar os processos de construções narrativas do *GaúchaZH* em contraponto – ou até mesmo, juntamente – com os do *Sul21*, os aspectos expostos sobre o modo de trabalho do jornal alternativo se mostraram relevantes para entender alguns movimentos analisados durante a pesquisa. Portanto, foi decidido trazer para a pesquisa as questões sobre o *Sul21* retratadas pelo jornalista.

Ao buscar definir o modo como o *Sul21* se põe dentro da sociedade, Luís Eduardo mencionou que o fato de ser um veículo progressista e defender certas pautas, como, por exemplo, de direitos humanos e de questões de moradia, o jornal assume querer ocupar uma posição específica dentro do corpo social. Frente a este cenário, ele comentou que pode-se afirmar que o posicionamento do jornal está conectado a esquerda brasileira.

No momento em que o jornal adota estas posições em seus ideais e em seu modo de fazer jornalístico, ele passa a dialogar com pautas e, quase que por consequência, com públicos mais específicos. A isto, Luís explicou que estes valores influenciam, sim, no tipo de pauta que o veículo se propõe a noticiar (o que, em certa medida, pode-se também dizer que é por conta da liberdade de não dependerem financeiramente de empresas com interesses comerciais), mas que não fazem com que a reportagem por eles produzida seja, digamos, menos confiável.

Desse modo, o que parece ficar evidente é que o *Sul21* acaba por mostrar os assuntos que defende de maneira diferente do que um jornal tradicional, generalizadamente falando, o faria. Mas, isso não significa que o veículo não irá noticiar os acontecimentos do modo como eles realmente aconteceram, apenas que ele irá priorizar evidenciar aspectos que dizem respeito as pautas que estão sendo defendidas.

“Quando tem, por exemplo, uma cobertura de greve, o posicionamento do Sul21 nos influencia a tratar das questões da greve. A gente não vai tratar das questões de trânsito, por exemplo. A mobilização, a paralisação... Em uma greve, a gente vai tratar do ponto de vista que leva ao fundamento da greve; não que ela está atrapalhando, de certa forma, os serviços”, explicitou o jornalista, ressaltando que isso não faz com que eles não procurem ouvir fontes oficiais pois, via de regra, sempre o fazem.

Para Luís, a principal característica que difere o modo como a mídia tradicional e a mídia alternativa narram um mesmo acontecimento relacionado a questões sociais, está no fato de que a preocupação central dos veículos contra hegemônicos será o de esclarecer quais os fundamentos estão por trás do movimento.

“A grande imprensa trata as pessoas, os moradores de ocupações como números. Por exemplo, eles noticiam: ‘70 famílias ocuparam ‘não sei o que’; (publicam as informações sobre) quem é o proprietário; o que que tem que fazer para tirar; qual é a situação; o que que o poder público diz’. Esse não é o tipo de cobertura que a gente faz. O tipo de cobertura que a gente faz é tentar entender quem são as pessoas, de onde vieram, qual é o problema, qual é a demanda social, qual é a alternativa que elas estão propondo para aquele problema social que elas vivenciam...”, explanou.

No entanto, ao olhar para a questão de enquadramento da narrativa jornalística de forma total, apesar de certos posicionamentos já delimitarem por si só alguns quadros, Luís afirmou que pouco se é debatido sobre a forma como serão feitos. Isso muito se dá, segundo ele, pela composição do jornal: por possuir uma posição política consolidada, os jornalistas que lá trabalham já a conhecem e costumam também compartilhar dos mesmos ideais. Visto isso, o que fica aparente é que o enquadramento das notícias no veículo é intrínseco a sua essência

Isso influi também no modo como o *Sul21* se refere ao movimento. Dentro das matérias que o veículo produz, não se encontra o termo “invasão” ao falarem sobre a ocupação *Mirabal*. Luís explicou que, apesar de não haver uma explícita proibição do uso da palavra, o jornal não a utiliza por não compartilhar do sentido que ela expressa. *“É um posicionamento claro do site de tratar ocupação como ‘ocupação’ e não como ‘invasão’. É uma escolha que é feita. É uma escolha, por exemplo, tratar repressão*

policial como 'repressão policial' e não como 'confronto'. Então, sim, são feitas escolhas de...digamos assim, das palavras", contou.

Assim, talvez pelo fato de o *Sul21* ser um veículo defensor de pautas sociais, há uma aproximação do veículo com movimentos sociais da região de Porto Alegre. O jornalista do veículo explicou que, por serem uma mídia ainda não tão expressiva em relação a quantidade de leitores, muitos movimentos não os reconhecem de imediato, mas ao entenderem seus princípios editoriais passam a confiar no jornal. *"Eu acho que quando se conhece (o Sul21), há um reconhecimento de que a gente vai fazer uma cobertura, justamente, do sentido que eu estou te falando, que é o de tentar compreender a demanda social. E eu acho que nisso há, sim, um reconhecimento",* comentou.

Em relação a *Mirabal*, Luís disse que há contato com as mulheres que coordenam a ocupação, e que é assim que, na maioria das vezes, ficam sabendo dos acontecimentos que viram pautas. No entanto, apesar de no início da ocupação *Mirabal* terem feito um acompanhamento mais intenso sobre o que estava acontecendo, segundo o jornalista, com o decorrer do tempo - devido a equipe reduzida com que trabalham - não havia mais quem pudesse acompanhar a ocupação de forma rotineira. Assim, atualmente são acompanhados os desdobramentos da *Mirabal* apenas em questões que demandam uma maior atenção.

Assim, notou-se que os enquadramentos expostos nas narrativas do jornal contra-hegemônico estão mais diretamente relacionados ao conjunto de seus fundamentos, do que a uma temática individual a ser pautada. Ainda, de modo geral, o jornalismo alternativo se mostra preocupado em não utilizar o seu espaço do mesmo modo que o jornalismo tradicional o usa – embora, no caso abordado pela pesquisa, as construções simbólicas de ambas as mídias muito se conversaram.

Apesar de os temas de suas narrativas costumarem ser em prol de um discurso social, evidenciando a voz de movimentos que normalmente não encontram espaço nos veículos tradicionais para apresentarem suas reais justificativas, uma vez inserido dentro do ambiente jornalístico, o veículo alternativo também se adapta a certas lógicas. Isso fica – aparentemente – visível, no fato de que, ainda que a ocupação *Mirabal* continue ativa e produzindo movimentos que ampliam seus discursos e

denúncias, digamos que, passíveis de serem noticiadas, o *Sul21* parou de acompanhá-la de perto a algum tempo, por ela não estar apresentando novidades.

5.3 – Análise transversal: a disputa da construção de narrativas

Ao contrário do que a pesquisa pressupôs inicialmente, os sentidos criados pelas narrativas do *GaúchaZH* e do *Sul21* não apresentam uma grande tensão entre si e, inclusive, de modo geral, pode-se dizer que carregam imaginários similares. Ainda que, em certos momentos, foram expressos discursos mais ou menos simpatizantes para com o movimento por parte de ambos os jornais, na maior parte das reportagens analisadas percebeu-se ao menos um elemento que parecia legitimar a ocupação.

Como abordado no capítulo sobre jornalismo hegemônico *versus* jornalismo contra-hegemônico, era esperado que, seguindo uma linha editorial histórica da grande mídia, o *GaúchaZH* optaria por neutralizar-se – muito por questões econômicas – também frente a ocupação *Mulheres Mirabal*. Já a respeito do *Sul21*, por ser uma mídia que desde seu surgimento tem o intuito de oferecer um local discursivo aos movimentos sociais, esperava-se que fosse dedicar um amplo espaço ao grupo de mulheres, contrastando com a abordagem do jornal hegemônico.

No entanto, ao observar as narrativas construídas sobre o movimento em cada um dos jornais, viu-se que os dois veículos parecem demonstrar apoio a causa, ao menos na maioria de suas reportagens. Alguns elementos que compunham as matérias evidenciavam certas diferenças entre os jornais, denunciando uma maior relação de um deles com a causa do que o outro, no entanto, não a ponto de poder taxa-lo de ser contrário ao movimento.

Como exposto até mesmo por Nana, uma das coordenadoras do movimento e com quem a pesquisa conversou, o tratamento que vem sendo dado à *Mirabal* por parte da mídia hegemônica, não parece ter muitos precedentes quando observado os discursos produzidos por tal a respeito de movimentos sociais. A isso, algo que pode ser colocado como determinante é a pauta que está por trás da ocupação.

Bem como, novamente, expressou a integrante da ocupação, tal mudança de comportamento por parte da mídia de massa pode estar no fato de que a luta pelo direito das mulheres vem tendo cada vez mais reconhecimento, deixando de ser pauta

definida exclusivamente por posicionamentos políticos e ideológicos e ganhando *status* de uma pauta – e de um problema – humanitário. De tal modo, o papel que a *Mirabal* acaba representando dentro da sociedade, não é o de uma ocupação – ao menos não o principal -, e isso faz com que haja uma maior aceitação de sua existência por uma parcela da sociedade e, como visto, em dados momentos, até mesmo pelos órgãos públicos.

De acordo, ainda, com Luís, jornalista do *Sul21* que fora entrevistado por esta pesquisa, o fato de a *Mirabal* se pôr dentro da sociedade e usar o local ocupado como uma solução para problemas de ordem pública, também gera um maior reconhecimento da causa, uma vez que, dentro do imaginário público, não está “ocupando só por ocupar”, por assim dizer.

Assim, mesmo que as características próprias de seus objetivos façam com que a *Mirabal* ganhe uma validação diferenciada dos outros movimentos sociais – tanto por uma parcela da sociedade quanto pela grande mídia -, o fato de as mulheres que a compõe terem se apropriado dos meios midiáticos, tornando-se produtoras de seu próprio conteúdo, também contribui para tal.

Ocupando um espaço também dentro da esfera digital, a *Mirabal*, embora tenha interesse em se fazer presente dentro dos veículos comunicacionais, consegue gerar seu próprio conteúdo, conquistando espaço e visibilidade. Ao se fazer constantemente presente nas redes sociais, a ocupação consegue se fazer ouvir do modo como quer ser ouvida, inclusive denunciando a maneira como é tratada pelos órgãos públicos.

Vê-se que o discurso produzido pela *Mirabal* e exposto em seus meios de comunicação, são também adotados e acompanhados em muitos momentos pelo jornalismo. Assim, na discussão sobre enquadramento e reconhecimento feita nesta pesquisa, muito abordou-se o fato de que a lente usada pelo jornalismo para delimitar um assunto, pode fazer com que seu público leitor adote tal ângulo de visão em seu reconhecimento. No entanto, o que se vê em ambos os veículos analisados, é que não há, de fato, um enquadramento da *Mirabal* – ou seja, não são expostas apenas partes previamente escolhidas pelos veículos para noticiarem o movimento apenas sob a ótica de seu interesse. Há por eles um reconhecimento do que o movimento representa, e, assim, a maior parte das narrativas por eles produzidas valorizam o serviço feito pela ocupação.

No entanto, contrapondo o capítulo do reconhecimento com o da circulação, vê-se que nem sempre os atores sociais reconhecem o assunto do modo como foi abordado. Isto porque, apesar das narrativas de ambos os jornais produzirem discursos, digamos, favoráveis à ocupação, fica evidente a presença de atores que não reconhecem a ocupação - principalmente no GaúchaZH. Ou seja, ainda que o jornalismo mude suas formas de tratamento e se abre para abordagens sociais, há um conjunto da sociedade que não apenas repele este modo de tratamento, como também se vale dos espaços interacionais para a crítica e a desconstrução, reiterando aqueles imaginários já consolidados como “*ocupação é sinônimo de invasão*”, é “*culpa da esquerda*” ou mesmo “*as mulheres é que são machistas*”.

Portanto, o que se percebe é que a narrativa jornalística não consegue blindar a *Mirabal* de tensões e críticas. E, nem mesmo a própria ocupação consegue enunciar a si mesmo sem dialogar com jornalismo, visto que o sentido é produzido enquanto gramáticas que estão sendo acionadas. De um lado as narrativas jornalísticas, com suas lógicas de entrevista, fonte, diagramação; de outro, temos a própria ocupação produzindo enunciados sobre si nas redes e, entre esses deslocamentos há a posição dos atores, às vezes feita também em espaços jornalísticos (nos comentários), mas muitas vezes nas conversas cotidianas, fora do redes.

Assim, pode-se dizer que o imaginário coletivo é atravessado pelas questões que circulam e circundam os sujeitos que hoje estão todos em condição de igualdade no processo discursivo. Tal igualdade não significa que todos tem o mesmo acesso ou a mesma condição de produção, mas todos são potenciais agenciadores de sentido.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o caminho percorrido por esta pesquisa, vários foram os desvios feitos que aqui culminaram. A cada etapa, novas dificuldades e formas de pensar eram encontradas e, pode-se dizer que, da ideia inicial apenas restou o encantamento pelo jornalismo que escolhe dar voz à sociedade. Apesar do esforço feito ao tentar delimitar de forma clara o que esta pesquisa abordaria, depois de iniciada, ela foi por si só mostrando que seus caminhos eram bem mais amplos.

Assim, se inicialmente pensava-se em olhar para dois jornais - que possuíam em sua essência modos distintos de construir narrativas -, a fim de entender a forma como cada um dava sentido a um movimento social em específico, logo no começo de seu desenvolvimento, foi percebido uma importância substancial no modo como o próprio movimento gerava conteúdo sobre si mesmo.

Em seu espaço digital, a ocupação informa seus acontecimentos com frequência, mantendo uma comunicação constante com seu público. Desta forma, percebeu-se que o fato da *Mirabal* gerar suas próprias narrativas, afeta até mesmo no modo como os jornais a reconhecem. Isso fica evidente ao identificar que os jornais observados, apesar de nem sempre narrarem todos os acontecimentos que envolvem a *Mirabal*, costumam se pautar através do que é por elas divulgado. Isto é, percebeu uma relação diferente em que ora a *Mirabal* é fonte ouvida para a matéria, ora é quem agencia os sentidos sobre os acontecimentos, pautando o jornalismo. Em outras vezes é ouvida no lugar de autoridade sobre a questão da violência contra a mulher. Isto implica pensar que tanto os veículos, quanto a ocupação se contatam, criando uma zona de interpenetração típica da circulação, permeada por aquilo que sujeitos manifestam em dispositivos diversos.

No entanto, ainda que o jornalismo e a ocupação apresentassem sentidos covalentes, notou-se, ao olhar os comentários presentes nas reportagens e nas redes, que muitos atores sociais se manifestavam de forma contrária a ocupação, inclusive tratando-a de forma pejorativa.

Estes discursos dos atores que não aprovam o movimento – normalmente encontrado apenas nas plataformas da grande mídia -, costumam ligá-los a questões

de ordem política e ideológica, em sua maioria. Desta forma, acabam por até mesmo criticar o jornal por narrá-las de forma solidária.

Portanto, apesar do discurso amplamente difundido na população de que a forma como o jornalismo enquadra um assunto tem influência direta na maneira como ele é reconhecido pela sociedade, não pode ser tido como um fato. Apesar da sabida interferência da mídia sobre a população – justamente por se tratar de um canal informativo que só funciona quando os leitores demonstram ter confiança -, nem tudo pode ser assumido como culpa da mídia. Esta atribuição simplista não leva em conta que o jornalismo há muito deixou de dizer o que as pessoas devem fazer, não que não desenvolva tentativas. A questão é que a circulação de sentidos não consegue ser restringida, por ser uma potência criativa. Assim, mesmo que o jornalismo hegemônico e o independente se acoplem na abordagem da ocupação, há uma imagem aderente à própria ideia que transcende o uso ou não de determinado discurso. A narrativa que desconstrói estas marcas históricas e que reconhece o lugar de alteridade, legitimando um movimento como o Mirabal, não elimina a existência de narrativas concorrentes. Estas ficam orbitando em torno do próprio movimento que vai desenvolvendo formas tentativas de se consolidar, mesmo frente às denúncias, críticas, medidas judiciais.

No entanto, ao finalizar esta pesquisa dois aspectos parecem centrais: 1) a importância que pautas sociais adquirem aproximando inclusive linhas editoriais antagônicas e 2) uma transformação do jornalismo que passa pela lenta e gradual substituição do enquadre automático em esquemas morais para um enquadre que reconhece o outro e sua ação. Neste sentido, importa dizer que o jornalismo é feito por pessoas e talvez estas estejam também revendo suas posições diante do mundo. É nisto que esta pesquisa acredita. Se a midiatização e o acesso às gramáticas de produção podem representar o fim da necessidade da mediação jornalística, aqui temos a evidência de que ambas coexistem. Esta experiência talvez possa ser levada a frente em uma pesquisa futura, mas independentemente dos desdobramentos a pesquisadora que encerra este trabalho de conclusão já não é mais a mesma.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Leonel Azevedo de. O jornalismo investigativo e seus critérios de noticiabilidade: notas introdutórias. **Revista Alceu**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 73-84, jul./dez. 2006.
- ALENCASTRO, Bruno. **As mulheres ocupam o prédio 380 da Rua Duque de Caxias, mas a Justiça já determinou a reintegração de posse do imóvel**. 19 mai. 2017. 1 fotografia. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/colunistas/paulo-germano/noticia/2017/05/mulheres-vitimas-de-violencia-domestica-que-vivem-naocupacao-mirabal-podem-ficar-sem-teto-9796035.html>. Acesso em: 25 mai. 2020.
- ARROYO, Lorena. A tragédia das irmãs Mirabal: o assassinato que deu origem ao dia mundial da não-violência contra a mulher. *In*: BBC Mundo. Brasil, 25 nov. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-42125587>. Acesso em: 20 out. 2019
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 1994.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BECKER, Howard S. **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. 3ª ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- BENNETT, W. Lance. **News: The Politics of Illusion**. Nova Iorque: Longman, 2001.
- BORELLI, Viviane; DIAS, Marlon Santa Maria. Circulação discursiva: desafios metodológicos para compreender as interações entre jornais e leitores. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 1, p. 95-109, dez. 2018. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma>. Acesso em: 20 jun. 2020.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta a sua mídia: Dispositivos sociais de crítica Midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.
- CANELA, Guilherme. A Cobertura Jornalística das Políticas Públicas Sociais: elementos para debate. *In*: CANELA, Guilherme (org.). **Políticas Públicas Sociais e os Desafios para o Jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p. 10-30.
- CANOFRE, Fernanda. Mulheres ocupam prédio no centro de Porto Alegre por mais vagas em abrigo e assistência. *In*: SUL 21. Porto Alegre, 25 nov. 2016. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/cidades/2016/11/mulheres-ocupam-predio-no-centro-de-porto-alegre-por-mais-vagas-em-abrigo-e-assistencia/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

CASA DE REFERÊNCIA DA MULHER - MULHERES MIRABAL. **Cobertura do Coletivo Catarse na nossa Ocupação**, Porto Alegre, 25 nov. 2016. Facebook: Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal. Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresMirabal/posts/348068498886622>. Acesso em: 25 mai. 2020.

CASA DE REFERÊNCIA DA MULHER - MULHERES MIRABAL. **[Comentários de apoiadores sobre doações]**, Porto Alegre, 25 nov. 2016. Facebook: Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal. Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresMirabal/photos/a.347996738893798/348076035552535> Acesso em: 25 mai. 2020.

CASA DE REFERÊNCIA DA MULHER - MULHERES MIRABAL. **[Comentário em vídeo publicado pelo Facebook da Mirabal]**, Porto Alegre, 29 nov. 2016. Facebook: Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal. Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresMirabal/videos/350153915344747>. Acesso em: 25 mai. 2020.

CASA DE REFERÊNCIA DA MULHER - MULHERES MIRABAL. **[Foto de perfil da Página]**, Porto Alegre, 25 nov. 2016. Facebook: Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal. Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresMirabal/photos/a.347992702227535/347992708894201>. Acesso em: 25 mai. 2020.

CASA DE REFERÊNCIA DA MULHER - MULHERES MIRABAL. **[Legenda ironizando o fato da mídia tradicional ter noticiado a Mirabal]**, Porto Alegre, 25 nov. 2016. Facebook: Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal. Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresMirabal/posts/348489415511197>. Acesso em: 25 mai. 2020.

CASA DE REFERÊNCIA DA MULHER - MULHERES MIRABAL. **[Mirabal cita o GaúchaZH como sendo uma fonte confiável]**, Porto Alegre, 9 jan. 2018. Facebook: Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal. Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresMirabal/posts/567579076935562>. Acesso em: 14 mai. 2020.

CASA DE REFERÊNCIA DA MULHER - MULHERES MIRABAL. **[Postagem de apresentação da ocupação Mulheres Mirabal]**, Porto Alegre, 25 nov. 2016. Facebook: Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal. Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresMirabal/photos/a.347996738893798/347996162227189>. Acesso em: 23 mai. 2020.

CASA DE REFERÊNCIA DA MULHER - MULHERES MIRABAL. **Precisamos de doações**, Porto Alegre, 25 nov. 2016. Facebook: Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal. Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresMirabal/photos/a.347996738893798/348076035552535> Acesso em: 25 mai. 2020.

CASA DE REFERÊNCIA DA MULHER - MULHERES MIRABAL. **[Reportagem do Sul21 compartilhada pela Mirabal]**, Porto Alegre, 14 jan. 2017. Facebook: Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal. Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresMirabal/posts/374668416226630>. Acesso em: 22 mai. 2020.

CASA DE REFERÊNCIA DA MULHER - MULHERES MIRABAL. **[Reportagem do GaúchaZH compartilhada pela Mirabal]**, Porto Alegre, 7 jun. 2017. Facebook: Casa de Referência da Mulher - Mulheres Mirabal. Disponível em: <https://www.facebook.com/MulheresMirabal/posts/453959924964145>. Acesso em: 22 mai. 2020.

CASA MULHERES MIRABAL. **Nossa luta estampada no Jornal**. [S. l.], 13 mar. 2018. Instagram: @mulheres.mirabal. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BgRk9BiB8tH/>. Acesso em: 22 mai. 2020.

CASA MULHERES MIRABAL. **[Perfil da Mirabal no Instagram]**. [S. l.], [2020]. Instagram: @mulheres.mirabal. Disponível em: <https://www.instagram.com/mulheres.mirabal/?hl=pt-br>. Acesso em: 20 mai. 2020.

CATTANEO, Carolina. **A violência contra a mulher no telejornalismo sensacionalista**. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Jornalismo) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/177690/001063056.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 29 set. 2019.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO, Pedro. **Jornalismo e Mercado: os novos desafios colocados à formação**. Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2015. Disponível em http://www.labcom-ifp.ubi.pt/ficheiros/20150223-2015_08_pedro_coelho.pdf. Acesso em: 20 abr. 2019.

COLETIVO CATARSE. **[Comentário questionando a legitimidade do movimento da Mirabal]**, [s.l.], 25 nov. 2016. Facebook: Coletivo Catarse. Disponível em: <https://www.facebook.com/coletivocatarse/videos/10154740330863185/>. Acesso em: 7 jul. 2020.

COX, James; GOLDMAN, Alvin. Accuracy in Journalism: An Economic Approach. In: SCHMITT, Frederick (org.). **Socializing Epistemology The Social Dimensions of Knowledge**. Lanham, EUA: Rowman & Littlefield Publishers, 1994. p. 189-215.

CUSTÓDIO, Aline. Ocupação acolhe mulheres vítimas de violência doméstica. In: GAÚCHA ZH. Porto Alegre, 22 fev. 2017. Disponível em: <https://averdade.org.br/2016/11/nasce-em-porto-alegre-ocupacao-mulheres-mirabal/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: SENAC São Paulo, 2002.

DUARTE, Ana Luiza Vinholes; SCONETTO, Raphaella Rodrigues; AGNEZ, Luciane Fassarella. Gênero, representação e mídia alternativa: um estudo da Agência Patrícia Galvão e da revista AzMina. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE JOVENS PESQUISADORES EM JORNALISMO, 7, 2017, São Paulo. **Anais eletrônicos** [...]. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2017.

Disponível em:

<<http://sbpjour.org.br/congresso/index.php/jpjour/JPJor2017/paper/viewFile/763/236>>.

Acesso em: 17 set. 2019.

ENTMAN, Robert. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. *In*: **Journal of Communication**, Evanston, EUA, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x>>. Acesso em: 13 out. 2019.

É preciso garantir que a Ocupação Mirabal seja reconhecida como um centro de referência de atendimento a mulheres vítimas de violência. *In*: DEPUTADA Federal Fernanda Melchionna. Porto Alegre, 3 set. 2018. Disponível

em: [https://fernandapsol.com.br/e-preciso-garantir-que-a-ocupacao-mirabal-seja-reconhecida-como-um-centro-de-referencia-de-mulheres-vitimas-de-violencia-em-porto-](https://fernandapsol.com.br/e-preciso-garantir-que-a-ocupacao-mirabal-seja-reconhecida-como-um-centro-de-referencia-de-mulheres-vitimas-de-violencia-em-porto-alegre/#:~:text=O%20local%20tem%20espa%C3%A7o%20e,%E2%80%9D%2C%20disse%20a%20vereadora%20Fernanda.&text=Marchezan%20n%C3%A3o%20reconhece%20a%20Ocupa%C3%A7%C3%A3o,poder%20p%C3%BAblico%E2%80%9D%2C%20afirmou%20Fernanda)

<alegre/#:~:text=O%20local%20tem%20espa%C3%A7o%20e,%E2%80%9D%2C%20disse%20a%20vereadora%20Fernanda.&text=Marchezan%20n%C3%A3o%20reconhece%20a%20Ocupa%C3%A7%C3%A3o,poder%20p%C3%BAblico%E2%80%9D%2C%20afirmou%20Fernanda>. Acesso em: 10 abr. 2019.

FADUL, Anamaria. Hegemonia e contra-informação: por uma nova práxis da comunicação. *In*: SILVA, Carlos Eduardo Lins (org.). **Comunicação, hegemonia e contra-informação**. São Paulo: Cortez Intercom, 1982. p. 25-39.

FAUSTO NETO, Antônio. Circulação: trajetos conceituais. **Rizoma**, Santa Cruz do Sul, v. 6, n. 2, p. 8-40, dez. 2018. Disponível em:

<<https://online.unisc.br/seer/index.php/rizoma>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FAUSTO NETO, Antônio. Fragmentos de uma “analítica” da midiatização. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, 2008.

FAUSTO NETO, Antônio. Mutações nos discursos jornalísticos: Da “construção da realidade” à “realidade da construção”. *In*: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (org.). **Edição em jornalismo**: ensino, teoria e prática. v. 1. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2006. p. 46-63.

FAXINA, Elson; GOMES, Pedro Gilberto. **Midiatização**: um novo modo de ser e viver em sociedade. São Paulo: Paulinas, 2016.

FONSECA, André Azevedo da. A comunicação nos movimentos sociais: do panfleto de protesto à educação para a cidadania. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá,

PR, v. 11, n. 126, p. 67-71, nov. 2011. Disponível em:
<<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/issue/view/514>>.
Acesso em: 03 jul. 2019.

FREY, Klaus. Políticas públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil. **Planejamento e Políticas Públicas**, n. 21, p. 212-259, jun. 2000. Disponível em:
<<http://www.ipea.gov.br/ppp/index.php/PPP/article/view/89/158>>. Acesso em: 15 jul. 2019.

GAÚCHAZH. [**Atores sociais falando sobre Mirabal e aborto**], Porto Alegre, 25 nov. 2017. Facebook: GaúchaZH. Disponível em: <https://www.facebook.com/gauchazh/posts/10151082770579956>. Acesso em: 29 mai. 2020.

GAÚCHAZH. [**Atores sociais relacionando a Mirabal com a defesa do aborto**], Porto Alegre, 25 nov. 2017. Facebook: GaúchaZH. Disponível em: <https://www.facebook.com/gauchazh/posts/10151082770579956>. Acesso em: 29 mai. 2020.

GAÚCHAZH. [**Comentários com teor machista**], Porto Alegre, 25 nov. 2017. Facebook: GaúchaZH. Disponível em: <https://www.facebook.com/gauchazh/posts/10151082770579956>. Acesso em: 29 mai. 2020.

GAÚCHAZH. [**Comentário contra a ocupação Mirabal**], Porto Alegre, 25 nov. 2017. Facebook: GaúchaZH. Disponível em: <https://www.facebook.com/gauchazh/posts/10151082770579956>. Acesso em: 29 mai. 2020.

GAÚCHAZH. [**Comentários contrários à Congregação dos Irmãos Salesianos**], Porto Alegre, 5 jun. 2017. Facebook: GaúchaZH. Disponível em: <https://www.facebook.com/gauchazh/posts/10150952717624956>. Acesso em: 28 mai. 2020.

GAÚCHAZH. [**Grupo de atores sociais debatendo posicionamentos políticos**], Porto Alegre, 25 nov. 2017. Facebook: GaúchaZH. Disponível em: <https://www.facebook.com/gauchazh/posts/10151082770579956>. Acesso em: 28 mai. 2020.

GAWLINSKI, Thainá. Nasce em Porto Alegre a Ocupação Mulheres Mirabal. *In: A Verdade*. [S.l.], 25 nov. 2018. Disponível em: <https://averdade.org.br/2016/11/nasce-em-porto-alegre-ocupacao-mulheres-mirabal/>. Acesso em: 10 abr. 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GITLIN, Todd. **The Whole World is Watching**: Mass Media in the Making and Unmaking of the New Left. Berkeley, EUA: University of California Press, 1980.

GOÉS, Laércio Pedro Torres de. **Agências de notícias alternativas na Web**: um estudo das características da Adital, Carta Maior e IPS. 2008. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008. Disponível em: <http://qjoi.net/wp-content/uploads/2012/12/2008_goes_dissertacao.pdf>. Acesso em: 14 out. 2019.

CANOFRE, Fernanda. Ocupação Mirabal: Como funciona uma ocupação de mulheres para mulheres. *In*: **SUL21**, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/areazero/2017/01/ocupacao-mirabal-como-funciona-uma-ocupacao-de-mulheres-para-mulheres/>>. Acesso em: 23 mar. 2019.

GONÇALVES, Telmo. A Abordagem do Enquadramento nos Estudos do Jornalismo. **Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura**, [S.l.], n. 5/6, July 2011. ISSN 1645-2585. Disponível em: <<https://revistas.ulusofona.pt/index.php/caleidoscopio/article/view/2268>>. Acesso em: 03 out. 2019.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: Literatura. Folclore. Gramática. Apêndices: variantes e índices. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. v. 6.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**: Os Intelectuais. O Princípio Educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 2.

GUINDANI, Joel Felipe. **Políticas comunicacionais e a prática radiofônica na sociedade em midiatização**: um estudo sobre os documentos de comunicação do Movimento Sem Terra (MST) e Rádio Terra Livre FM. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/JoelGuindaniComunicacao.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2019.

HAJE, Lara de Podestá. **Esferas públicas feministas na internet**. 2002. Dissertação (Mestrado em Estratégias e Políticas de Comunicação) – Laboratório de Políticas da Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2002. Disponível em: <<http://www.lapcom.unb.br/index.php/dissertacoes/103-esferas-publicas-feministas-na-internet->>>. Acesso em: 13 out. 2019.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de Pesquisa em Comunicação. *In*: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001. p. 187-240.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da Conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. – São Paulo: Aleph, 2014.

JUSTIÇA determina reintegração de posse da Ocupação Mirabal, no Centro de Porto Alegre. *In*: G1 RS. Porto Alegre, 10 jul. 2018. Disponível em:

<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/justica-determina-reintegracao-de-posse-da-ocupacao-mirabal-no-centro-de-porto-alegre.ghtml>. Acesso em: 10 abr. 2019.

JUSTIÇA determina reintegração de posse da Ocupação Mulheres Mirabal em Porto Alegre. *In*: ESQUERDA Diário. Porto Alegre, 10 set. 2018. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Justica-determina-reintegracao-de-posse-da-Ocupacao-Mulheres-Mirabal-em-Porto-Alegre>. Acesso em: 10 abr. 2019.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os Elementos do Jornalismo**: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. São Paulo: Geração, 2003.

LISBOA, Sílvia. **Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor**: independência, imparcialidade, objetividade, honestidade e coerência. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/54507/000851927.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 03 jul. 2019.

MAZER, Dulce Helena. Jornalismo e políticas públicas para as mulheres: a promoção de pautas da agenda social nas redes da internet e na imprensa em geral. *In*: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE MÍDIA CIDADÃ, 8, 2012, Brasília. **Anais eletrônicos** [...]. Brasília: Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2012. Disponível em: <http://conferencias.unb.br/index.php/midia/midia/paper/view/2185>. Acesso em: 21 out. 2019.

MCQUAIL, Denis. **Teoria da Comunicação de Massas**. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo e construção social do acontecimento. *In*: BENETTI, Marcia; FONSECA, Virginia (org.). **Jornalismo e Acontecimento**: mapeamentos críticos. Florianópolis: Insular, 2010. v. 1, p. 19-42.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma fonte de conhecimento? **Revista Media & Jornalismo**, Coimbra, Portugal, v. 1, n. 1, p. 9-22, 2002. Disponível em: http://fabricadesites.fcsh.unl.pt/polocicdigital/wpcontent/uploads/sites/8/2017/02/mj_1.pdf. Acesso em: 06 jul. 2019.

MÍDIA NINJA. **Ocupação de Mulheres Mirabal, em Porto Alegre, sofre risco de reintegração de posse, pedido de reintegração foi autorizado nessa noite, 29**. [S.l.], 30 nov. 2016. Twitter: @MidiaNINJA. Disponível em: <https://twitter.com/midianinja/status/803939134096015361>. Acesso em: 07 jul. 2020.

MORAES JÚNIOR, Enio; ANTONIOLI, Maria Elisabete. Jornalismo e Newsmaking no século XXI: novas formas de produção jornalística no cenário online. **Revista Alterjor**, Butantã, SP, v. 14, n. 2, p. 43-52, 1 out. 2016.

MORAES, Dênis (org.). **Mutações do visível**: da comunicação de massa à comunicação em rede. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2010.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A análise pragmática da narrativa jornalística. *In*: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p.143-167.

NEGRÃO, João José de Oliveira. **O jornalismo e a construção da hegemonia**. 2005. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3894>>. Acesso em: 15 maio 2019.

NEVEU, Erik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

OCUPAÇÃO de apoio à mulheres em situação vulnerável corre risco de reintegração em Porto Alegre. *In*: MÍDIA Ninja. [S.l.], 24 mai. 2018. Disponível em: <https://midianinja.org/news/ocupacao-de-apoio-a-mulheres-em-situacao-vulneravel-corre-risco-de-reintegracao-em-porto-alegre/>. Acesso em: 10 abr. 2019

PAIVA, Raquel. Mídia e política das minorias. *In*: PAIVA, Raquel; BARBALHO, Alexandre (org.). **Comunicação e cultura da minoria**. São Paulo: Paulus, 2005. p. 15-26.

PEREIRA, Carolina Rodrigues. **Jornalismo Sedutor**: A influência da publicidade na produção jornalística. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social, habilitação Jornalismo) – Faculdade de Comunicação Social, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2004. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/facom/files/2013/04/CPereira.pdf>>. Acesso em: 21 jul. 2019.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado**: o jornalismo como profissão. Lisboa, Portugal: Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004. Disponível em: <<http://bocc.ufp.pt/pag/pereira-fabio-responsabilidade-jornalista.pdf>>. Acesso em: 27 jul. 2019.

PONTES, Felipe Simão; SILVA, Gislene. Jornalismo e realidade: da necessidade social de notícia. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 44-55, dez. 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=399641244008>>. Acesso em: 29 maio 2019.

POPPER, Karl R. A lógica da pesquisa científica, São Paulo, Ed. Cultrix, 1972.

RAMIRES, Manoel. Sem financiamento, mídia independente sobrevive de iniciativa de jornalistas. *In*: TERRA Sem Males, [s.l.], 2016. Disponível em: <<https://www.terrasem males.com.br/sem-financiamento-midia-independente-sobrevive-de-iniciativa-de-jornalistas/>>. Acesso em: 27 mar. 2019.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

RODRIGUES, Adriano Duarte. A emergência dos campos sociais. *In*: SANTANA, R. N. Monteiro de (org.). **Reflexões sobre o mundo contemporâneo**. Rio de Janeiro: Revan, 2000. p. 169-215.

ROSA, Ana Paula da. **Visibilidade em fluxo: os níveis de circulação e apropriação midiática das imagens** Japaratinga: anais do VI Colóquio Semiótica das mídias – Centro Internacional de Semiótica e Mídiação, 2017.

ROSA, Ana Paula da. Circulação: das múltiplas perspectivas de valor à valorização do visível. *Interin*, Curitiba, v. 21, n. 2, p. 60-81, jul./dez. 2016. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=504454374005>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SANTOS, Guilherme. **Géssica Sá Oliveira (à direita) é uma das 100 mulheres ocupantes na Mirabal**. 25 nov. 2016. 1 fotografia. Disponível em: <https://www.sul21.com.br/cidades/2016/11/mulheres-ocupam-predio-no-centro-de-porto-alegre-por-mais-vagas-em-abrigo-e-assistencia/>. Acesso em: 7 jul. 2020.

SANTOS, Roberto Elísio dos. Limites éticos do Jornalismo. *Revista Brasileira de Comunicação/Intercom*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 230-232, jul./dez. 1992.

SEARLE, John R. **Mente, linguagem e sociedade**: filosofia no mundo real. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SGORLA, Fabiane. Discutindo o “processo de mídiação”. *Revista Mediação*, Belo Horizonte, v. 9, n. 8, p. 59-68, jan./jun. 2009. Disponível em: <<http://www.fumec.br/revistas/mediacao/article/view/285/282>>. Acesso em: 26 ago. 2019.

SILVEIRA, Beatriz de Oliveira; PAVARINO, Rosana Nantes. O processo de produção da notícia: a hipótese do Newsmaking. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 11., 2009, Teresina. **Anais eletrônicos** [...]. Teresina: Intercom, 2009. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2009/resumos/R15-0009-1.pdf>>. Acesso em: 26 maio 2019.

SOSTER, Demétrio de Azevedo. **O jornalismo em novos territórios conceituais: internet, mídiação e a reconfiguração dos sentidos midiáticos**. 2009. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2009. Disponível em: <<http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/DemetrioSosterComunicacao.pdf>>. Acesso em: 03 ago. 2019.

SOUSA, Américo de. **A retórica da verdade jornalística**. Covilhã, Portugal: LabCom Books, 2002. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-americo-retorica-verdade-jornalistica.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2019.

SUL VINTE UM. **[Capa do Facebook do Sul21 com imagem relacionada a Mirabal]**, [s./], 10 abr. 2020. Facebook: Sul Vinte Um. Disponível em: <https://www.facebook.com/266937213333792/videos/220003072584856>. Acesso em: 9 jun. 2020.

SUL VINTE UM. **[Comentário em reportagem sobre a Mirabal no Facebook do Sul21]**, [s./], 1 set. 2018. Facebook: Sul Vinte Um. Disponível em: <https://www.facebook.com/Jornal.Sul21/posts/2167080543319440>. Acesso em: 9 jun. 2020.

SUL VINTE UM. **Sul21 - 10 anos**, [s./], 10 abr. 2020. Facebook: Sul Vinte Um. Disponível em: <https://www.facebook.com/266937213333792/videos/220003072584856>. Acesso em: 9 jun. 2020.

TIRAGEM impressa dos maiores jornais perde 520 mil exemplares em 3 anos. In: PODER 360, [s./], 2018. Disponível em: <<https://www.poder360.com.br/midia/tiragem-impressa-dos-maiores-jornais-perde-520-mil-exemplares-em-3-anos/>>. Acesso em: 20 mar. 2019.

TRAQUINA, Nelson. As notícias. In: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa, Portugal: Vega, 1993. p. 167-176.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2001.

TUCHMAN, Gaye. **Making News: a Study in the Construction of Reality**. Nova Iorque: Free Press, 1978.

VELOSO, Ana Maria da Conceição; CUNHA, Patrícia; REBOUÇAS, Edgard. Gênero, Poder e Resistência: a ação das mulheres nos Observatórios de Mídia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 34, 2011, Recife. **Anais eletrônicos [...]**. Recife: Intercom, 2017. Disponível em: <http://www.inpecc.pro.br/media/uploads/pesquisas/genero_poder_e_resistencia_a_acao_das_mulheres_nos_observatorios_de_midia.pdf>. Acesso em: 17 out. 2019.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: Unisinos, 2004

VIEIRA, Andressa Brito. Movimentos sociais e mídia: uma complexa relação no processo de formulação da agenda. **Revista Templo da Ciência**, Toledo, Paraná, v. 22, n. 43, p. 29-41, 2015. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/12638/8747>>. Acesso em: 24 set. 2019.

VIZER, Eduardo Andrés; FERREIRA, Jairo (org.). **Mídia e movimentos sociais: linguagens e coletivos em ação**. São Paulo: Paulus, 2007.

VOLANIN, Leopoldo. **Poder e mídia: a criminalização dos movimentos sociais no Brasil nas últimas trinta décadas**. Santa Cruz, Paraná: Unicentro, 2008. Disponível

em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/760-4.pdf>>. Acesso em: 24 set. 2019.

APÊNDICE A – TABULAÇÃO DE DADOS

Quadros cronológicos de acontecimentos da ocupação *Mulheres Mirabal* e reportagens do *GaúchaZH* e *Sul21*

Para melhor compreender os acontecimentos divulgados pela ocupação *Mulheres Mirabal* em relação as reportagens publicadas pelos veículos *GaúchaZH* e *Sul21*, foram criados quadros que auxiliaram a pesquisa a entender tais movimentos na ordem cronológica.

Todas as reportagens do *GaúchaZH* e do *Sul21* encontradas e analisadas por esta pesquisa, têm seus títulos aqui expostos. Já os acontecimentos narrados pela *Mirabal* que estão sendo apontados nos quadros, foram escolhidos pela autora por considerar que eles pareciam ser mais relevantes, com base no modo como as redes sociais da ocupação os frisaram.

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
NOVEMBRO/16	25/11/2016: Início da ocupação <i>Mulheres Mirabal</i> <hr/> 29/11/2016: Primeiro pedido de reintegração de posse expedido		25/11/2016: “ <i>Mulheres ocupam prédio no centro de Porto Alegre por mais vagas em abrigo e assistência</i> ”

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
DEZEMBRO/16	02/12/2016: Reintegração de posse suspensa		

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
JANEIRO/17			13/01/2017:

			<p><i>“Ocupação Mirabal: Como funciona uma ocupação de mulheres para mulheres”</i></p> <hr/> <p>27/01/2017: <i>“Como funciona uma ocupação de mulheres para mulheres?”</i></p>
--	--	--	--

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
FEVEREIRO/17		22/02/2017: <i>“Ocupação acolhe mulheres vítimas de violência doméstica”</i>	08/02/2017: <i>“Reunião com Secretária do Desenvolvimento Social busca definir o futuro da Ocupação Mulheres Mirabal”</i>

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
MARÇO/17	<p>15/03/2017: Pedido de reintegração de posse julgado e autorizado para 30 dias</p> <hr/> <p>27/03/2017: Audiência pública pela <i>Mirabal</i></p>		<p>08/03/2017: <i>“A revolução será de gênero ou não será’, dizem mulheres em ato do #8M na Mirabal”</i></p> <hr/> <p>16/03/2017: <i>“Desembargadores votam a favor de reintegração de posse na Ocupação Mirabal”</i></p>

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
-----	---------	----------	-------

MAIO/17	<p>16/05/2017: Coletiva de imprensa</p> <hr/> <p>17/05/2017: Novo julgamento sobre reintegração de posse, recurso da <i>Mirabal</i> negado</p>	<p>19/05/2017: <i>“Mulheres vítimas de violência doméstica que vivem na Ocupação Mirabal podem ficar sem teto”</i></p>	<p>16/05/2017: <i>“Com prazo prestes a vencer, ocupação Mirabal se prepara para resistir a reintegração de posse”</i></p>
---------	--	--	---

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
JUNHO/17		<p>04/06/2017: <i>“Saiba como funciona o trabalho de apoio a vítimas de violência na Ocupação Mirabal”</i></p> <hr/> <p>07/06/2017: <i>“Proprietária do prédio que abriga ocupação Mirabal quer implantar projeto para adolescentes no local”</i></p>	<p>15/06/2017: <i>“Mirabal recolhe doações para famílias retiradas da Lanceiros Negros; veja como doar”</i></p> <hr/> <p>19/06/2017: <i>“Ato na Faculdade de Direito da UFRGS manifesta apoio à Ocupação Mirabal”</i></p> <hr/> <p>27/06/2017: <i>“Festa Julina em apoio às Ocupações Mirabal e Lanceiros Negros acontece neste sábado (1º)”</i></p> <hr/> <p>30/06/2017: <i>“Mirabal é símbolo de resistência em um país que assassina 13 mulheres por dia (por Jeferson Fernandes)”</i></p>

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
JULHO/17	09/07/2017: Reintegração de posse suspensa <hr/> 19/07/2017: Revogação da decisão que suspendia a reintegração de posse		22/07/2017: “Não é só um direito, é um dever”: debate questiona papel institucional na violência contra a mulher”

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
SETEMBRO/17		21/09/2017: “Prefeitura de Porto Alegre e governo do RS devem buscar endereço para a Ocupação Mirabal”	23/09/2017: “Estado e município se comprometem em buscar novo espaço para Ocupação Mirabal até 2018”

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
OUTUBRO/17			15/10/2017: “Comitiva será recebida pela ONU Mulheres para denunciar violações de direitos no RS”

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
NOVEMBRO/17		25/11/2017: “Ato na Redenção marca dia internacional pelo fim da violência contra a mulher em Porto Alegre”	

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
MAIO/18	17/05/2018: Publicação de uma carta de apoio a ocupação <i>Mirabal</i> com a assinatura de 140 entidades representativas da sociedade brasileira	17/05/2018: “ <i>Sob risco de serem despejadas, mulheres que trabalham em defesa de vítimas de violência doméstica pedem ajuda</i> ”	20/05/2018: “ <i>Mirabal corre contra o tempo para evitar despejo e continuar acolhendo mulheres vítimas de violência</i> ”

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
JUNHO/18	25/06/2018: Publicação da ‘Carta de Aceite’ da transferência da ocupação para outro prédio	21/06/2018: “ <i>Com prazo esgotado e negociações emperradas, Ocupação Mulheres Mirabal corre risco de ser despejada</i> ” 25/06/2018: “ <i>Governo do RS vai destinar prédio que poderá servir à Ocupação Mulheres Mirabal</i> ”	23/06/2018: “ <i>Ameaçada de despejo, Mirabal alerta para ‘legalização’ da violência contra mulheres acolhidas</i> ” 25/06/2018: “ <i>Ocupação Mirabal aceita acordo e deve se mudar para prédio estadual</i> ”

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
JULHO/18	10/07/2018: Publicação anunciando que o juiz deu parecer favorável ao despejo da <i>Mirabal</i> 19/07/2018: Integrantes da	10/07/2018: “ <i>Juiz determina cumprimento de reintegração de posse de casa onde funciona a Ocupação Mirabal</i> ”	11/07/2018: “ <i>Vamos resistir’, diz coordenadora da Mirabal após TJ-RS determinar reintegração de posse</i> ” 12/07/2018:

	<p><i>Mirabal</i> vão até o Departamento de Habitação de Porto Alegre pedir um retorno sobre o prédio que a Prefeitura deveria ter cedido ao movimento</p>	<p>12/07/2018: <i>"A gente vai resistir", dizem coordenadoras da Ocupação Mirabal após determinação de reintegração de posse"</i></p> <hr/> <p>20/07/2018: <i>"Aguardando reintegração de posse, Mirabal diz que há descaso da prefeitura ao não garantir imóvel à ocupação"</i></p>	<p><i>"Não temos nenhuma garantia", diz coordenadora da Mirabal sobre acordo com poder público"</i></p> <hr/> <p>20/07/2018: <i>"Correndo contra o tempo com reintegração determinada, Mirabal teme por sua existência"</i></p>
--	--	--	--

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
AGOSTO/18			<p>30/01/2018 // <i>"Sem avanço em acordo, Ocupação Mirabal recebe nova ordem de despejo"</i></p>

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
SETEMBRO/18	<p>07/09/2018: <i>Mirabal ocupa novo prédio</i></p> <hr/> <p>11/09/2018: <i>Pedido de reintegração de posse expedido</i></p> <hr/>	<p>07/09/2018: <i>"Integrantes da Mirabal ocupam escola em negociação para atender vítimas de violência doméstica"</i></p> <hr/> <p>10/09/2018: <i>"Reunião tentará resolver impasse"</i></p>	<p>01/09/2018: <i>"Prefeitura decide que prédio cedido pelo Estado não irá para Ocupação Mirabal"</i></p> <hr/> <p>04/09/2018: <i>"Ocupação Mirabal e Simpa se unem em ato em 'defesa de Porto Alegre'"</i></p>

	<p>13/09/2018: Reintegração de posse suspensa</p> <hr/> <p>18/09/2018: Prédio ocupado pela <i>Mirabal</i> é cercado pela polícia, impedindo entrada e saída de pessoas</p>	<p><i>entre prefeitura e Ocupação Mirabal</i></p> <hr/> <p>11/09/2018: <i>"Justiça determina reintegração de posse de escola ocupada pela Mulheres Mirabal"</i></p> <hr/> <p>13/09/2018: <i>"Justiça suspende reintegração de posse de escola usada pela Ocupação Mirabal"</i></p> <hr/> <p>14/09/2018: <i>"Vereadoras tentarão legalizar uso de escola pela Ocupação Mirabal"</i></p> <hr/> <p>27/09/2018: <i>"Mirabal desocupa prédio no centro de Porto Alegre"</i></p>	<hr/> <p>07/09/2018: <i>"Integrantes da Mirabal ocupam escola cedida em negociação; Prefeitura nega acordo e pede desocupação"</i></p> <hr/> <p>14/09/2018: <i>"Após suspensão de reintegração de posse, Procuradoria da Mulher da Câmara discute solução para Mirabal"</i></p>
--	--	--	---

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
MARÇO/19	<p>28/03/2019: Votação em audiência termina com resultado negativo para a não mais realização de pedidos de reintegração de posse</p> <hr/> <p>29/03/2019:</p>	<p>02/03/2019: <i>"Drama de Afrodite, em "O Sétimo Guardião", incendeia debate sobre violência doméstica"</i></p>	

	<i>Mirabal</i> anuncia pedido de reunião junto a Prefeitura para tratar de políticas públicas para mulheres		
--	---	--	--

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
ABRIL/19	08/04/2019: <i>Mirabal</i> denuncia em reunião o descumprimento de acordo por parte da Prefeitura		

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
JULHO/19	24/07/2019: Justiça nega pedido de reintegração de posse	24/07/2019: "Justiça nega pedido de reintegração de posse de escola usada pela Ocupação <i>Mirabal</i> "	

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
NOVEMBRO/19	11/11/2019: <i>Mirabal</i> denuncia corte de luz sem aviso prévio <hr/> 13/11/2019: Mulheres da <i>Mirabal</i> ocupam de forma simbólica o Paço Municipal <hr/> 14/11/2019:		

	Luz da ocupação <i>Mirabal</i> é religada		
--	--	--	--

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
MARÇO/20	<p>02/03/2020: Publicação de documento onde a Prefeitura de Porto Alegre anuncia não querer dialogar com a <i>Mirabal</i> e pede reintegração de posse</p> <hr/> <p>19/03/2020: Lançamento da campanha de arrecadação de donativos para diaristas</p>		

MÊS	MIRABAL	GAÚCHAZH	SUL21
ABRIL/20		01/04/2020: "Grupo recolhe doações a mulheres que trabalhavam como diaristas em Porto Alegre"	

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

Transcrição da entrevista realizada com o jornalista Luís Eduardo Tebaldi Gomes, repórter do jornal *Sul21*

- 1) Em relação ao *Sul21*: como costumam caracterizar o jornal e seu conteúdo?
Ele pode ser considerado um veículo alternativo, contra-hegemônico?

A gente se considera, digamos assim: mídia alternativa e mídia independente. Como é que eu caracterizaria o jornal?... Eu posso falar por mim, não posso falar o (posicionamento) oficial. O oficial tu podes encontrar no site. Mas eu caracterizaria, justamente, como um jornal totalmente independente; do campo progressista; que aborda pessoas políticas; tem pautas de direitos humanos... Mais ou menos, por aí.

- 2) O fato de o *Sul21* ser um veículo digital, dá mais liberdade ou influência no que o veículo pauta?

Olha, o fato de ser digital eu não sei se dá mais liberdade ou não. Eu trabalhei em outros veículos, como Terra, trabalhei na RBS (mas na RBS eu era editor assistente online, eu não era repórter e nem redator, no Terra eu era redator), e trabalhei em outros blogs.

*Eu acho que não é o fato de ser digital que vai dar essa liberdade de pautas do *Sul21*. Eu acho que o digital permite que publique mais coisas, claro... notinhas e tal, essas coisas um pouco diferentes. Mas, quando a gente fala de liberdade, liberdade editorial – que eu acho que é o que tu estás perguntando – eu acho que se refere a reportagem. O tipo de pauta que a gente apresenta. E eu acho que o fato de ser digital não interfere muito nisso, não.*

Eu acho que interfere mais é na questão de ser um veículo da mídia alternativa. E aí, eu acho que, certamente, tem uma liberdade maior, né? Porque, ainda que a gente esteja posicionado dentro de um certo campo político, acho que...enfim, nunca na minha experiência profissional, por exemplo, eu tive uma pauta negada. Eu me identifico com os valores e com as causas do veículo, então, por isso, nunca tive uma pauta negada.

Eu nunca tive uma pauta negada no sentido de: “tá, isso não pode, tá vetado por questões editoriais”. Isso não. Claro, tem pautas mais simples, tem pautas mais difíceis que as vezes acabam caindo, mas isso é natural. Mas nunca aconteceu de ser vetado.

- 3) No Sul21, a escolha das pautas e o modo como são abordadas, são reflexos de um posicionamento ideológico?

Olha, de certo modo, sim. Mas...ele é um veículo que é posicionado de certa forma, tem uma posição que ele quer ocupar na sociedade. É um veículo, digamos, progressista; um veículo que defende certas pautas de direitos humanos; um veículo que defende questões de moradia... Então, ele tem um posicionamento que é ligado à esquerda no Brasil, né?

Claro, (o posicionamento ideológico) influencia no significado de que: o tipo de pauta que a gente propõe, vai nesse sentido. São pautas, por exemplo, sobre os direitos dos trabalhadores... A gente tem um viés, digamos assim. Então, acho que influencia, mas influencia também porque são valores compartilhados pela redação. Quem trabalha no Sul21 compartilha de certos valores. Não saberia te dizer como seria enfrentado se alguém que fosse de direita, por exemplo, e trabalhasse no Sul21. A gente nunca teve (não que eu me recorde ou, pelo menos, não desde que eu trabalho lá), pessoas de direita. Mas também já tivemos pessoas de esquerda que se resguardavam nos seus posicionamentos políticos. Eu diria, assim, que não influencia um olhar. A gente parte de um olhar de sociedade.

Então, vou exemplificar que acho que fica mais fácil: quando tem, por exemplo, uma cobertura de greve, o posicionamento do Sul21 nos influencia a tratar das questões da greve. A gente não vai tratar das questões de trânsito, por exemplo. A mobilização, a paralisação... Em uma greve, a gente vai tratar do ponto de vista que leva ao fundamento da greve; não que ela está atrapalhando, de certa forma, os serviços.

A gente vai falar isso, a gente vai ter esse posicionamento dos serviços, das escolas fechadas, se é o caso, por exemplo, de uma greve de professores...mas o que nos diferencia, o ponto em que o nosso posicionamento ideológico faz com que nos diferenciemos, é o olhar que a gente vai dar para isso.

A gente vai estar preocupado, primeiramente com quais são as pautas, quais são os fundamentos dessa paralisação. É isso que eu acho que nos diferencia de alguns veículos, especialmente da mídia tradicional.

- 4) Como são realizadas as escolhas dos temas que vão ser pautados? E como são definidos os enquadramentos que serão utilizados?

Olha, a gente tem reunião de pauta toda semana. A gente faz uma reunião, cada um traz alguns temas, a editora traz certos temas e aí a gente propõe o que vamos fazer.

Sobre enquadramento vou te confessar que é muito raro a gente discutir em relação a isso. É mais sobre o que vai ser falado, fontes...o que já, de certa forma, enquadramento. Mas, por ser um veículo pequeno e todo mundo já estar bastante acostumado sobre como se trabalha, não tem muita discussão de enquadramento. Então, não conseguiria te dizer como se define esses enquadramentos. O tipo de reportagem que a gente faz é o tipo de reportagem que a gente faz.

- 5) Em relação ao modo como são construídas as narrativas jornalísticas, principalmente quando se trata de ocupações e movimentos sociais em geral, são feitas escolhas de sinônimos que podem ou não serem usados? Ou, de modo mais abrangente, existem palavras, expressões etc., que evitam ou que preferem utilizar?

Sim, isso é um posicionamento claro do site de tratar ocupação como ocupação e não como invasão. É uma escolha que é feita. É uma escolha, por exemplo, tratar repressão policial como repressão policial e não como confronto. Então, sim, são feitas escolhas de...digamos assim, das palavras.

Como tem essa consonância de valores compartilhados entre os jornalistas e o site, a gente não usa...ou melhor, não passa pela minha cabeça (já que estou falando por mim e não pelo site ou pelos meus colegas), por exemplo, usar a palavra invasão em uma matéria sobre uma ocupação urbana.

Mas, sim, se eu chegasse novo no site e dissesse “ocorreu uma invasão em determinado local”, teria uma orientação para que usasse o termo ocupação. Acho

que, nesse caso, sim. No entanto, não tem uma limitação de “não pode falar isso”. A gente adota os termos que o movimento social usa, digamos assim.

6) Além disso, existe alguma preferência por fontes a serem ouvidas? Como, por exemplo, oficiais ou internas ao movimento?

Nisso eu posso te dizer que, como na questão anterior, existe no sentido de, assim: a gente sempre vai tentar ouvir o posicionamento do movimento social quando a gente faz uma matéria que envolve questões sociais.

A gente vai ouvir as fontes oficiais também, sempre ouvimos as fontes oficiais. Se tu veres uma matéria do Sul21 que não tem um posicionamento oficial, é porque, provavelmente, o órgão oficial não quis responder para nós. Mas isso, em geral, vai estar editado na matéria.

Nós sempre tentamos ouvir fontes oficiais, mas, claro, quando fazemos uma matéria sobre ocupação, a nossa preocupação primeira é tentar compreender o problema social. Então a gente vai compreender o problema social ouvindo os atores sociais, que, em geral, são os movimentos sociais.

Então, hierarquicamente – de novo lembrando que isso é uma avaliação minha e não um posicionamento oficial do Sul21 -, nas reportagens que eu faço eu vou priorizar os movimentos sociais. Eu vou priorizar, por exemplo, movimentos de luta por moradia, o Movimento dos Sem Terra...no caso da ocupação Mirabal, por exemplo, hierarquicamente, eu vou abrir uma matéria falando da situação das famílias, das mulheres, da Mirabal...

Então, sim, eu priorizo os movimentos sociais em certos aspectos, mas não deixo de ouvir também as fontes oficiais. Só que, ao contrário da grande imprensa, em geral, que vai priorizar hierarquicamente as fontes oficiais, eu vou fazer o trabalho de priorizar hierarquicamente os movimentos sociais.

7) Como observas a circulação do que é publicado pelo jornal em relação a movimentos sociais? Os leitores costumam ser contrários ou a favor?

Olha, eu não posso te responder essa pergunta com 100% de precisão porque eu não faço essa comparação de redes sociais e leitores...então, não posso ter uma

certeza científica, digamos assim. Mas, falando da impressão que eu tenho, é que as nossas pautas são bem recebidas.

Os nossos leitores, podem ser, tranquilamente, considerados como de esquerda. A gente já fez, inclusive, pesquisas que apontam que nossos leitores são de esquerda. Então, isso, sim, pode ser utilizado do ponto de vista científico. Até posso te passar os dados, caso queiras.

A gente fez um questionário, que foi respondido por centenas de pessoas, e uma das perguntas era sobre como a pessoa se identificava politicamente: extrema esquerda, esquerda, centro, centro-direita ou extrema direita. Nela foi indicado que a maioria dos nossos leitores, claro, se posicionam como sendo de esquerda.

Então, referente a essas pautas de movimentos sociais, em geral, as pessoas são favoráveis. Mas, de novo, nunca fiz uma análise científica para fazer essa análise.

- 8) *Em relação a ocupação Mulheres Mirabal, como o jornal pauta o movimento? É definida alguma frequência para acompanhar os acontecimentos e noticiá-la?*

Olha, a gente acompanhou muito de perto a ocupação Mulheres Mirabal no início. A gente tem uma matéria sobre quando a ocupação surgiu; a gente acompanhou os problemas iniciais quando estava na casa Duque; acompanhamos quando estava envolvendo a questão da desocupação ou não daquela casa... Então, a gente fez uma série de matérias, não sei te precisar quantas.

Posso tentar fazer uma busca para ver quantas matérias a gente publicou ao longo do tempo, mas não posso te afirmar que vai ser a precisão completa porque vou buscar por termos, como 'ocupação Mirabal', e aí nem sempre todos podem vir nessa busca.

A gente não tinha ninguém para fazer esse acompanhamento mais rotineira de, como: "ah, temos que falar com o pessoal da Mirabal de tanto em tanto tempo". Não, isso não acontecia. O que acontece é que a gente tinha o contato das pessoas e as pessoas tinham nosso contato, as lideranças do movimento Mirabal. E aí elas nos informavam sobre o que estava acontecendo e a gente fazia essa pauta. Então, de certa forma, a gente fazia pautas respondendo as situações apresentadas pelo movimento social, era mais nesse sentido.

E aí, quando a situação, mais ou menos, se acalmou, no sentido de que o movimento social diminuiu o número de pautas propostas, a gente acabou fazendo menos matérias. Acabamos diminuindo a cobertura. Faz até bastante tempo, se eu não me engano, que a gente não dá nenhuma matéria (sobre a ocupação Mulheres Mirabal).

E, também, porque a gente acaba não conseguindo cobrir todas as pautas. Porque a gente tem uma equipe muito pequena e nem sempre a gente conseguia cobrir, ter pernas, ter gente, para fazer esse acompanhamento das pautas propostas pela Mirabal.

Mas, enfim, quando teve a questão da possibilidade de desocupação da Duque; depois, logo no início, da mudança para o novo local, a gente acompanhou de perto. Depois acabou reduzindo, um pouco, essa cobertura.

- 9) O fato de a ocupação *Mulheres Mirabal* trazer em seu discurso uma busca por políticas públicas para mulheres, torna as narrativas midiáticas do jornal diferente das que são construídas para outras ocupações?

Eu acho que não. Porque eu acho que todas as ocupações, os movimentos sociais, tem por trás uma cobrança de políticas públicas por moradia. Então, nesse sentido, a gente sempre tenta entender qual é a demanda social quando a gente cobre uma pauta de ocupação. A gente sempre tenta expor além do factual.

Uma coisa que eu sempre digo - e, não sei se tu sabes, mas eu escrevi um livro sobre a ocupação Lanceiros Negros a partir da cobertura que a gente fazia no Sul21 -: a grande imprensa trata as pessoas, os moradores de ocupações como números. Por exemplo, eles noticiam: “70 famílias ocuparam ‘não sei o que’; (publicam as informações sobre) quem é o proprietário; o que que tem que fazer para tirar; qual é a situação; o que que o poder público diz”. Esse não é o tipo de cobertura que a gente faz.

O tipo de cobertura que a gente faz é tentar entender quem são as pessoas, de onde vieram, qual é o problema, qual é a demanda social, qual é a alternativa que elas estão propondo para aquele problema social que elas vivenciam... E nesse sentido isso foi muito semelhante a cobertura da Mirabal também. Porque a gente também tenta compreender a origem daquele problema, qual é a solução oferecida...

Então, a Mirabal tem uma peculiaridade: que ela é a própria solução do problema social, né? Tu pegas (para analisar) uma ocupação como a Lanceiros Negros, por exemplo, ou, enfim, uma ocupação com uma situação mais precária, e observa que, talvez, aquela ocupação seja uma medida para conseguir uma outra alternativa de moradia. Uma cobrança por uma situação definitiva.

Já a Mirabal, ela inicia a solução de uma demanda que existe, que é a falta de espaços para abrigar mulheres vítimas da violência. Então tem algumas peculiaridades, claro, mas eu acho que, em si, a gente sempre tenta tratar as matérias sobre ocupação como um problema de demanda social, como questão de política pública. Então, nesse sentido, é bastante similar a outros tipos de cobertura sobre ocupações.

10) Como o jornal *Sul21* é visto - e recebido - pelas ocupações e movimentos sociais, mais especificamente, pela *Mirabal*?

*Olha, eu não posso te dizer como a gente é visto pelos movimentos sociais. Até acho que seria interessante tu perguntares para as lideranças como elas veem o *Sul21*, acho que isso seria interessante. Porque...enfim, eu não posso falar pelos outros.*

*O que eu posso te dizer é que a gente sempre teve uma certa abertura com esses movimentos. A gente sempre teve contatos...eu conheço várias gurias da *Mirabal*, tive contato com várias delas. Especialmente com as que também fizeram parte do movimento da *Lanceiros Negros*, com quem eu tinha um contato mais próximo.*

*Tinham algumas delas que também faziam parte desse movimento e que ajudaram a *Mirabal*, como a *Nana Sanches*, a *Priscila*... Então a gente tem uma abertura bastante grande, sempre teve essa aproximação sempre foi recebido de maneira bem aberta, por outros movimentos sociais também.*

Claro que tem alguns movimentos que não nos conhecem, porque a gente ainda não é um veículo tão conhecido a nível municipal. Especialmente nas questões de ocupações, já que algumas delas são periféricas. A gente não consegue ter esse alcance na cidade.

Então, inicialmente pode ter um desconhecimento, mas a gente sempre tenta o contato com alguém que nos conhece, que possa nos apresentar. E aí, quando a gente consegue essa apresentação, digamos assim, acaba tendo uma abertura bastante positiva.

Porque eu acho que quando se conhece (o Sul21), há um reconhecimento de que a gente vai fazer uma cobertura, justamente, do sentido que eu estou te falando, que é o de tentar compreender a demanda social. E eu acho que nisso há, sim, um reconhecimento.

Por exemplo: “ah, os caras do Sul21 vão fazer uma cobertura legal, não vão nos sacanear”. Eu acho que há um reconhecimento nesse sentido, de que a gente vai tentar explicitar a demanda social deles, amplificar a voz deles. E, por isso, tem bastante procura pela gente, nesse sentido de: movimento que vem apresentar questões sociais para nós para que transformemos isso em pauta.

11) Como acompanham os casos já noticiados? Há um monitoramento do desdobrar das ocupações, por exemplo?

Sobre se há um desdobramento: na medida do possível, sim. Por exemplo, quando estava no auge da questão da ocupação da Mirabal, da ocupação da Lanceiros e, também na questão de outras ocupações que a gente acompanhou mais de perto...na questão dos quilombolas, por exemplo...na medida do possível, a gente sempre tenta ir acompanhando, conversando com as pessoas, vendo como é que está a situação.

Eu acho que esse acompanhamento é feito, por exemplo, conversando pelo Whatsapp, sabe? Perguntando “ah, como é que está aquela situação?”; mandando mensagem... E é uma via de mão-dupla, as pessoas entram bastante em contato com a gente, a gente recebe muita informação dos movimentos sociais. Então, há um certo acompanhamento sim.

Como eu te disse: a gente faz muita coisa, a gente responde muito. Nesse sentido de responder, de: tu (movimentos sociais) sugeres uma pauta e a gente faz. Nesse sentido a gente responde. Está me faltando a palavra exata, mas a gente é, digamos assim, instigado a fazer tal pauta, aí avaliamos e respondemos...é mais nesse sentido.

Sempre se tem o cuidado de compreender “que fim levou” tal problema, tentar fazer um acompanhamento. Acho que sim, acho que, nesse sentido, a gente tenta fazer um monitoramento dos casos em andamento, o que tem diferença. Porque, por exemplo, a questão da Mirabal: quando já tem uma solução mais, digamos assim, encaminhada; quando, por exemplo: “tá, elas estão em determinado lugar, estão protegidas por uma liminar e então não vão ser removidas”. Digamos assim, se estivesse nessa situação.

Uma situação bastante comum: uma ordem de reintegração de posse é emitida pela Justiça. Então há uma movimentação das comunidades para tentar barrar essa ordem, barrar essa reintegração de posse, e, aí, se consegue uma liminar.

Tu entendes? A gente não vai ficar fazendo um acompanhamento diário de como é que está a situação, mas, provavelmente, vai chegar a nós a informação de: “ah, caiu a liminar”. Aí: “tá, então a gente vai voltar no caso”. Mas se tiver tudo tranquilo...

Liminares podem perdurar por anos, até acontecer o julgamento. Então, nesse sentido, daqui a pouco a gente pode ficar um bom tempo sem fazer nenhuma matéria. A gente pode retomar o assunto posteriormente. Então, não é um acompanhamento tão incisivo, é mais por demanda.

Transcrição da entrevista realizada com Nana Sanches, coordenadora da ocupação *Mulheres Mirabal*

- 1) A ocupação *Mulheres Mirabal* utiliza muito as redes sociais - *Facebook* e *Instagram* - para divulgar o que acontece dentro da casa. Desde pedidos de doações, divulgação de feiras, eventos e do trabalho das mulheres acolhidas, até para contar o que está se passando judicialmente com o movimento. Além disso, desde que iniciou, a *Mirabal* se encontra no *Facebook*. Qual a intenção do movimento e o que ele espera ao ocupar esses espaços virtuais?

Bom, a gente sabe que os espaços virtuais nos últimos dez anos têm ajudado bastante os movimentos sociais a se organizar e a informar o que estão fazendo, o

que está acontecendo. E a partir dali a gente consegue fazer com que as pessoas, não só saibam o que está acontecendo na casa, mas também busquem conhecer a casa ao vivo.

Então, até algumas pessoas perguntam assim: “poxa, mas por que vocês não fazem mais campanhas de arrecadação ao invés de ficarem pedindo coisas semanalmente, doações etc.?”. Exatamente por isso, assim, através da doação, a pessoa vai na casa vai na casa, conhece a casa, se sente participando... E eu acho que a internet propicia isso, né? É um espaço virtual que pode ser usado para a gente se encontrar presencialmente.

E tem sido uma ferramenta que a gente usa bastante, desde o início. Principalmente para estar informando as pessoas sobre as negociações, por exemplo, que a gente teve com os poderes públicos. O tratamento que os poderes públicos nos deram no início, com mais de um pedido de reintegração de posse e que a gente conseguiu virar com apoio das pessoas, então a internet também possibilita isso. (Possibilita) Que a gente crie eventos, que a gente faça postagens chamando as pessoas, chamando artistas... Todo ano, por exemplo, a gente faz o Festival da Mirabal, então, a internet é uma boa ferramenta para isso.

- 2) Qual a importância das redes sociais da *Mirabal* frente ao contato do movimento com a sociedade?

Acho que tem a ver um pouco com o que eu já falei. A rede social possibilita esse encontro da vida real, tanto de apoiadores quanto de mulheres que precisam de acolhimento, de abrigo e, também, mulheres que querem trabalhar na casa voluntariamente. Psicólogas, advogadas, grupos de estudo, estudantes e profissionais entram bastante em contato com a gente através das redes sociais.

- 3) Os perfis que a *Mirabal* possui nas redes sociais têm um número de seguidores bem considerável. Como é a relação do público com as postagens que são feitas? Há muita interação? Há interações negativas?

É, tem bastante gente que nos segue. Com certeza, poderiam ter mais. Mas, a gente nunca teve - ao menos eu não me lembro de ter tido - uma interação negativa, de ter alguém escrevendo alguma coisa.

Na verdade, eu acho que teve um ato que a gente fez para debater as questões relativas à saúde da mulher, especificamente sobre aborto, e na época teve um grupo ligado ao (Marcel) Van Hattem que foi pra frente da antiga casa, na Duque de Caxias. Eles fizeram, assim, um mini escarcéu. Mas foi mais também para eles tirarem fotos e botarem nas redes deles do que para nos amedrontar ou ameaçar, alguma coisa assim. Me lembro disso, assim. Então, aí acho que a gente havia chegado a fazer um evento no Facebook, que eles viram e, daí, por isso que foram lá. Mas eu lembro desse episódio só.

Normalmente as pessoas apoiam muito a iniciativa de um movimento social se colocar como um ator - como atriz, talvez - na gerência do espaço urbano. E fazendo um serviço, inclusive, que o Estado tem que fazer. E a casa acaba, inclusive, pressionando, né? Todas as cidades em que a gente tem ocupações – que é Porto Alegre, Belo Horizonte e Mauá -, as ocupações de mulheres fazem com que o olhar do gestor oficial, estatal, tenha que mexer na frente de enfrentamento a violência contra mulheres, tenha que valorizar isso. Então, são poucos os setores, são setores muito conservadores, que atacam a Mirabal.

Porque, inclusive, assim, pessoas ligadas a uma política mais neutra ou de centro, enfim, apoiam, apoiam a Mirabal. E eu acho que a sociedade, de uma maneira geral, tem tido um outro olhar. O feminismo, no Brasil e no mundo, conseguiu colocar a violência contra a mulher num outro patamar de debate e de políticas públicas nos últimos 20 anos. E isso faz com que existam mais pessoas, eu acredito, apoiando do que não apoiando.

- 4) Tanto no Facebook quanto no Instagram da Mirabal, o nome do perfil está como “Casa de Referência Mulheres Mirabal”. Por que se optou este nome e não “Ocupação Mulheres Mirabal”?

A gente optou por usar esse nome porque, enfim, o nosso objetivo é esse, né? É construir casas de referência. E a Constituição, de uma forma geral, e as próprias diretrizes da Lei Maria da Penha para formação de casa de referência, colocam que, não exatamente com essas palavras de “ter participação popular”, mas dar força a sociedade civil na própria elaboração de leis relacionadas ao combate da violência contra as mulheres.

Então a gente acha muito legítimo ser um movimento social que constrói uma casa de referência a partir da sociedade civil organizada - que é o movimento social - , juntas com a sociedade civil, que quer prestar um trabalho social, de retorno para a sociedade. Se compreende que a Mirabal, como todas as ocupações, na verdade - não só ocupações de mulheres mas ocupações também de luta por moradia - comprovam que a população, eu acho, organizada em movimentos sociais principalmente, com poucos instrumentos mas com vivência e com um olhar solidário para as ocupações, demonstram que, enfim, o povo consegue gerir melhor o espaço público, as vezes, do que o próprio gestor.

Enquanto o gestor não der resposta, por exemplo, a prédios abandonados e terrenos abandonados que podem se tornar locais de cenários de violência... Os movimentos sociais, ao ocuparem esses espaços, dão uma utilidade, fazem, inclusive, com que a constituição seja cumprida – que diz que tudo dentro do espaço urbano tem que ter um uso, seja ele para a educação, para a saúde, para o lazer...

E, então, a lei prevê que as sociedades construam essas casas de referências e isso nos faz ir... Um dos objetivos que a gente acaba cumprindo, inclusive, é esse: através de uma experiência diferente, conseguir melhorar as políticas públicas para as mulheres. A gente surgiu disso, a partir dessa experiência. Da experiência da sociedade construir a casa de referência, entende?

Por exemplo, a gente tem várias questões que a gente passa a problematizar na própria lei da Maria da Penha e em como as casas de referência do Estado são geridas, as regras que são impostas...tem várias questões. A casa se tornou diferente. É diferente do que o poder estatal, hoje, coloca como casa de referência, como ela deve ser, que em algumas questões, trazem uma visão muito tecnocrata de como fazer esse serviço, de uma forma pouco humanizada.

A gente pretende também, com isso, alterar inclusive o que é uma casa de referência para mulher. Considerando que a gente tem um espaço que as mulheres que são acolhidas, abrigadas, tem que construir junto. A pessoa que passa por violência, ela tem conhecimento muito maior que a pessoa que não passou. Mesmo entendendo que, a grande maioria das mulheres já passou por algum tipo de violência psicológica ou física, os casos mais graves são de pessoas que podem e devem contribuir muito para a gente melhorar a forma com que a gente combate a violência.

- 5) Ainda em relação as redes sociais da *Mirabal*: os perfis, tanto do *Facebook* quanto do *Instagram*, costumam compartilhar notícias de veículos jornalísticos. As matérias compartilhadas costumam ser sobre a ocupação *Mulheres Mirabal* ou, então, sobre temas relacionados ao movimento. Como são escolhidas as matérias que serão compartilhadas? Há algum critério que faça com que vocês deixem de compartilhar alguma matéria ou que faça com que vocês a compartilhem?

O Movimento de Mulheres Olga Benário é um movimento nacional, ele existe em 15 estados e a gente construiu três casas de referência. Então, se pensou muitos anos, inclusive, em como fazer essas ocupações só de mulheres. A gente organiza, além da Mirabal: a Helenira Preta em Mauá-São Paulo, e a Tina Martins em Belo Horizonte; e a Mulheres Mirabal aqui em Porto Alegre.

O Movimento de Mulheres Olga Benário escreve todo mês uma página em um jornal que se chama Jornal A Verdade. Esse é o principal veículo de comunicação que a gente tem entre nós, entre a militância, para saber o que está tendo de luta de mulheres no Brasil, de uma forma geral. Esse é o nosso principal veículo de comunicação, então a gente posta bastante matéria desse jornal.

Mas, por ser, como eu disse, um debate amplo e que está ganhando cada vez mais esse olhar da sociedade, vários outros veículos também nos procuram. E é importante também que a gente dispute esses veículos que são dominados pelo capital, mas que as pessoas têm referência, que as pessoas leem, que as pessoas acreditam. É importante que a gente dispute esses espaços também.

Então, a gente tenta sempre estar compartilhando, tanto notícias referentes a gente quanto sobre violência contra mulheres, que são propagadas por grandes veículos, assim como pelos veículos alternativos. Que é o caso do jornal A Verdade e também da Mídia Ninja. Várias coisas da Mirabal a gente consegue publicar através da Mídia Ninja...

Então, a gente preza bastante por garantir uma comunicação através dessas páginas, que mantenham, tanto as mulheres informadas sobre como que está acontecendo, mas que também mostrem que a luta prática, cotidiana, faz com que a gente consiga, de fato, mudar a realidade de muitas mulheres.

E cada pessoa, cada mulher, pode contribuir de alguma forma para isso. Escrevendo sobre isso, falando sobre a Mirabal, escrevendo sobre a Mirabal, postando, repostando, compartilhando sobre a Mirabal ou estando na casa, conseguindo alguma doação... Existem milhares de formas das pessoas estarem atuando pela luta das mulheres e isso é bem importante. E as notícias, claro, fazem parte da compreensão da realidade, da realidade das mulheres também, e perceber que tem muita luta, que a gente pode estar construindo juntas.

- 6) Qual a relação da ocupação *Mulheres Mirabal* com a mídia? Costumam conversar com veículos jornalísticos? A ocupação é muito procurada por jornais?

A gente é bastante procurada por jornais. As casas de referência que a gente organiza são, de fato, referência. Agora, como toda a situação da pandemia, mais de uma revista nos procurou, perguntando como tinha mudado as questões na casa em função da pandemia, se a gente tinha recebido mais pessoas... Então, existe esse diálogo bem próximo com várias mídias

- 7) De dentro da ocupação, há alguém com formação em comunicação que ajude a gerenciar as redes sociais do movimento?

Sim, de dentro do Movimento de Mulheres Olga Benário tem companheiras que são jornalistas, que são relações públicas, e que ajudam a gente a gerenciar as redes sociais. Mas, mais de uma companheira, inclusive eu sou uma que tem acesso e sou professora, e aí acaba aprendendo um pouco como é que funciona. Mas várias companheiras têm acesso e podem estar publicando pelas páginas da Mirabal.

- 8) Em relação ao modo como a ocupação *Mirabal* é noticiada pelos jornais, consideras que a mídia relata tudo o que deveriam relatar sobre a ocupação? Tanto nas questões que envolvem o tema - violência contra mulheres - quanto nas questões judiciais que a ocupação enfrenta?

Eu acho que a Mirabal conseguiu abrir um espaço muito grande em vários jornais de massa, de mídia de massa. E eu acho que ela foi uma das primeiras ocupações a ser chamadas de “ocupação”.

A ocupação Lanceiros Negros, eu lembro o dia em que a Zero Hora parou de chamar de “invasão” e passou a chamar de “ocupação”. Mas a Mirabal eu lembro que desde o início já veio assim, com esse caráter de ocupação nas mídias. Mudando bastante o perfil, acho que mostrando até que, ao alterar, inclusive, o próprio nome, a própria conotação acaba sendo outra. Mostrando a ocupação como uma forte reivindicação e, ao contrário do termo “invasão”, que parece algo, enfim, de tomada da propriedade privada.

Legalmente, a ocupação, invasão, independente do que a mídia fala, legalmente, judicialmente, são a mesma coisa. Mas dá um outro peso quando a mídia, a grande mídia, passa a relatar inclusive os problemas que a ocupação tá passando, os desafios que são impostos pelo Estado para o funcionamento dessas ocupações...

O Correio do Povo, sempre quando a gente teve pedido de reintegração de posse, noticiou isso e de uma forma... não neutra, mas de uma forma, inclusive, que deixava as pessoas muito solidárias a Mirabal.

- 9) Acredita que o modo como as mídias jornalísticas tratam e se referem ao movimento pode influenciar a forma como as pessoas o vê? Por exemplo, em casos em que os veículos se referem a ocupação como “invasão”.

Bom, essa pergunta é bem sobre o termo “ocupação” e “invasão”. Com certeza, a forma como as mídias trazem, faz com que as pessoas sintam, ou raiva ou admiração. Com certeza, eu acho que a informação sempre foi algo crucial para as pessoas entenderem o que é que está acontecendo e, também, para a própria historiografia da sociedade.

O que sai nos grandes jornais, e o que sai muito nos grandes jornais acabam sendo referência para a eternidade, para a história da humanidade. E muitas coisas que saem na mídia não são verdade, né? Estão aí as fake news. Fake news é uma coisa muito antiga, ela vem junto com o jornal, se propaga junto com a tevê e se torna totalmente sem controle com a internet.

Então, eu acredito que o jornal ainda tem algum tipo de controle sobre o que é escrito. E é importante que os editores e quem está escrevendo entendam o peso que o que está sendo colocado ali tem e que pode mudar, de fato, a vida de um país, a conjuntura de um país. E de uma ocupação também.

10) Como percebes que a sociedade vê a ocupação *Mirabal*?

Continuando a mesma questão anterior, acho que a gente conseguiu construir relações fortes o bastante para essas mídias se colocarem de uma forma que, enfim, fez com que uma grande parte da sociedade apoie o movimento. A maioria das pessoas em Porto Alegre que conhecem, apoiam a casa de referência, apoiam o movimento. As que não conhecem, quando a gente explica o que é, dizem: “nossa, isso é muito bacana”.

Então, acho que isso é fruto, não só do que o jornal coloca, mas dessas relações que a gente foi fazendo com jornalistas, com várias pessoas, recebendo na casa, conversando, dando entrevistas... E é uma boa relação que a gente tem com a mídia e isso tem um resultado positivo.

11) Nesta pesquisa, analisa-se o modo como a ocupação *Mulheres Mirabal* é pautada pelo jornal *GaúchaZH*, um jornal tradicional, e pelo jornal *Sul21*, que representa um jornal alternativo. Em relação a estes dois jornais, percebes alguma diferença no tratamento de cada um para com a *Mirabal*? Por exemplo, em questões como: a frequência com que vão até a casa; que as procuram para entrevista; o tipo de pergunta que fazem ou fotos que tiram.

Tanto os grandes jornais quanto os jornais alternativos nos procuram. Quando é matéria relacionada a violência contra as mulheres em Porto Alegre ou de um jornal local, mesmo escrevendo sobre conjuntura nacional, internacional, nos buscam. Nos buscam para saber a nossa opinião.

Acho que a gente tem uma relação mais próxima, sim, com alguns jornalistas, mas não posso te dizer que o jornal tradicional ou o jornal alternativo buscam mais a casa. Exatamente por aquilo que eu estava falando antes: pelas relações que a gente foi construindo com as mídias da cidade.

12) Quando colocado em questão mídias tradicionais e mídias alternativas, no geral, achas que muda o modo como eles relatam o fato da ocupação?

Com certeza na mídia alternativa o jornalista tem maior autonomia para escrever do que o jornalista que trabalha no jornal tradicional, onde o editor vai cortar coisas, né?

Então, acho que muda como relatam as questões que cercam as ocupações. Com certeza tem um olhar diferenciado quando a gente está falando de mídia alternativa e mídia tradicional.

Até porque a mídia tradicional, ela, enfim, ela responde a pessoas que de alguma forma financiam ela. Então, isso faz com que os jornalistas não consigam... mesmo que tenham várias opiniões favoráveis a ocupações, as vezes isso... as vezes não, isso tem, com certeza, a mídia tradicional tem um grande filtro que rola antes do jornal sair, da notícia ser publicada.

E acho que na mídia alternativa isso acontece menos. Talvez tenha esse filtro também, mas a mídia alternativa acho que se cria, inclusive, por essa necessidade do jornalismo ter mais liberdade, principalmente para estar falando sobre as lutas sociais, estar trazendo essa outra realidade.

A gente tem que trabalhar, inclusive, para que essas mídias alternativas se massifiquem com qualidade, não se massifiquem perdendo o modo de ser delas.

13) *Pensas que a cobertura midiática sobre a Mirabal pode influenciar o modo como o Estado olha para o trabalho realizado pelo movimento?*

Com certeza, sim. Eu acho que dependendo também do que sai na mídia, a Mirabal ganha um outro olhar do Estado. Com certeza, com certeza!

Se tem uma notícia em um jornal de massa que traz uma provocação ao prefeito ou ao Estado, que traz como o Estado e o prefeito trataram a Mirabal ou outras ocupações, e demonstram que os políticos não priorizam a pauta das mulheres e a política de enfrentamento a violência... Se uma mídia deixa isso muito claro, as pessoas entendem isso e se revoltam com isso, acham isso errado. E isso acaba, com certeza, pressionando esses gestores a estarem abrindo diálogo.

Mas não acho que seja só isso, acho que esse é um fator. Acho que ainda o principal fator é a quantidade de pessoas reivindicando uma determinada questão. Se a gente conseguisse fazer um ato com mil mulheres na prefeitura, com certeza o (Nelson) Marchezan teria outra postura com a Mirabal, seria mais pressionado.

Hoje a prefeitura de Porto Alegre tem um processo de despejo contra nós, e faz isso porque se sente autorizada a fazer isso, porque existe um grupo social que apoia isso. E isso é bem problemático. E acho que esse contrapeso pode vir de vários lugares, mas, principalmente, da rua, das pessoas.

Os gestores, se percebem que a maioria dos seus eleitores, a maioria das pessoas que moram na cidade, querem uma determinada coisa, eles se veem, praticamente, obrigados a fazer. Se existe uma grande luta, uma luta consequente, algo que esse gestor, inclusive, tema que possa sair do seu controle, isso pode dobrar a opinião de um cara totalmente reacionário.

Mas, infelizmente, a gente tem visto isso há muitos anos na nossa cidade, independente, inclusive, dos partidos. Até de grandes partidos que estiveram, por exemplo, no governo estadual. A gente vive uma forma geral de “apoio” pelo aumento da recriminação dos movimentos sociais e da criminalização dos movimentos.

Mas entendo, também, que toda essa criminalização e o aumento da violência policial contra os movimentos sociais, tendem a gerar uma maior revolta ainda. Podem até estar abafando as questões durante muitos anos, durante meses, enfim..., mas a tendência é que isso faça com que as pessoas se revoltem ainda mais.

Então, acho que a própria ocupação é uma forma de dizer: “Olha, a gente não está satisfeito com a situação hoje, com esse estado que está aí. A gente quer atuar sobre ele, a gente quer todos os atores que são contra o povo, que são contra a maioria do povo - que são mulheres e homens trabalhadores -, bom... a gente quer que essas pessoas saiam e não voltem nunca mais. Que essas pessoas não sejam nem eleitas para síndicas dos seus prédios. Queremos que quem esteja à frente das decisões seja a maioria, seja a coletividade, sejam as pessoas”.

A gente acredita muito nesse trabalho organizado pela população reivindicando seus direitos.